



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PROP
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS



HELENA DE SOUSA COSTA

**AS NOVAS TECNOLOGIAS NA LITERATURA: O MINICONTO DIGITAL E SUA
RELAÇÃO COM A FORMAÇÃO LEITORA DO ALUNO**

TERESINA
2023

HELENA DE SOUSA COSTA

**AS NOVAS TECNOLOGIAS NA LITERATURA: O MINICONTO DIGITAL E SUA
RELAÇÃO COM A FORMAÇÃO LEITORA DO ALUNO**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Letras.

ÁREA DE CONHECIMENTOS: Linguagens e Letramentos.

LINHA DE ATUAÇÃO: Estudos Literários.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Herasmo Braga de Oliveira Brito.

TERESINA
2023

C837n Costa, Helena de Sousa.
As novas tecnologias na literatura: o miniconto digital e sua relação com a formação leitora do aluno / Helena de Sousa Costa. – 2023. 143 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), Campus Poeta Torquato Neto, Teresina-PI, 2023.

“Orientador Prof. Dr. Herasmo Braga de Oliveira Brito.”

“Área de concentração: Linguagens e Letramentos.”

1. Novas Tecnologias. 2. Literatura. 3. Leitura. 4. Ensino. 5. Miniconto Digital. I. Título.

CDD: 469.02



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROP
COORDENAÇÃO DO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

TERMO DE APROVAÇÃO

HELENA DE SOUSA COSTA

AS NOVAS TECNOLOGIAS NA LITERATURA: O MINICONTO DIGITAL E SUA RELAÇÃO COM A FORMAÇÃO LEITORA DO ALUNO

Este Trabalho de Conclusão Final foi defendido às dezenove horas, do dia 29 de agosto de 2023, como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Letras** pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. A candidata apresentou o trabalho para a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **aprovado**.

Herasmo Braga de Oliveira Brito

Prof. Dr. Herasmo Braga de Oliveira Brito – UESPI
(Presidente)

Shirlei Marly Alves

Profa. Dra. Shirlei Marly Alves–
UESPI(1ª examinadora)

Margareth Torres de A. Costa

Profa. Dra. Margareth Torres de Alencar Costa UFPI
(2ª examinadora)

Lucirene da Silva Carvalho

Lucirene da Silva Carvalho
Coordenadora Mestrado
Profissional em Letras-PROFLETRAS
Portaria nº 0711/23

Profa. Dra. Lucirene da Silva Carvalho
Coordenadora do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/UESPI
Rua João Cabral, 2231 Pirajá, 64.002 150 Teresina
Piauí-mail: profletras@prop.uespi.br
Telefone (86) 3213 – 7941/ 7887/ 7862/ 7524 - Ramal 374 (manhã)

Aos meus pais que, entre tantas coisas,
me ensinaram o valor do estudo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois sem Ele eu não seria “nada”.

Aos meus pais, Francisca e José Antônio, meus exemplos de amor, força e generosidade.

Aos meus queridos irmãos: Luís, Filho, Mauro, Lourival, Adé, Cruz, Francisco e Neta pelo carinho e cuidado que sempre me dispensaram. Amo todos, sem medida.

Ao meu amor e esposo, Genival Silva, pelo companheirismo, cumplicidade e apoio em todos os momentos.

À querida irmã Adelaide, pelas risadas, pelo incentivo, pelas palavras certas e afetuosas nos momentos em que pensei que não seria possível.

Às minhas sobrinhas Alayde Ramos e Maria Eduarda, pela gentileza e atenção sempre que recorro a elas!

Aos queridos cunhados, especialmente, Adaildo, Larissa, Sula e Rosilda, pelo carinho.

Aos demais familiares, são tantos que seria impossível mencionar sequer um terço deles aqui. Obrigada pelos momentos de convivência!

Aos amigos que Deus me deu como presente, que estão sempre comigo, torcendo e apoiando minhas conquistas, especialmente: Roberto Wilames, Maria José, Teresinha de Jesus, Elenilse Soares, Taianni Fernandes, Carla Raquel, Vilma Bispo, Tayse Lima, Laudiene Silva, Rômulo Leite, Frankmar Ramos, Ana Maria e Luciana Aguiar.

Aos demais amigos, pelo apoio e solidariedade em todos os momentos.

Aos meus queridos alunos, razão pela qual estou sempre me aperfeiçoando, com o propósito de aprender e compartilhar com eles novos aprendizados.

À UFPI, meu primeiro espaço de experiência acadêmica e muitos aprendizados. Gratidão aos meus saudosos professores, especialmente, Jasmine Malta, Zuleide Maria, Anecy Calland, João Benvindo, Airton Sampaio e Antônio José (estes dois últimos, *in memoriam*).

À CAPES, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio.

À Instituição UESPI, por ser um espaço de trocas de saberes. Sem ela, talvez esse programa, o PROFLETRAS, não existisse.

Ao Prof. Dr. Herasmo Braga de Oliveira Brito, pelas orientações e intervenções; à Prof.^a Dra. Shirlei Marly Alves: Gratidão, querida professora, pela empatia, atenção e valiosas contribuições para a efetivação dessa dissertação. O embrião desse trabalho teve início a partir de nossas reuniões no percurso da disciplina Elaboração de Projetos que você ministrou com muita maestria; à prof.^a Dra. Stela Maria Viana, suplente da banca, que de forma bastante generosa, deu o aceite como participante da banca. Ressalvo aqui todo o meu apreço e admiração por você.

À Prof.^a Dra. Margareth Torres, que atendeu gentilmente ao nosso pedido de compor a banca de qualificação, pelas contribuições pontuais e atenção criteriosa que dispensou a este trabalho. Muito obrigada, Professora.

À coordenadora do PROFLETRAS, Prof.^a Dra. Lucirene da Silva Carvalho; aos demais professores do programa: Prof.^a Dra. Ailma do Nascimento Silva, Prof.^a Dra. Bárbara Olímpio Ramos de Melo; Prof.^a Dra. Nize Paraguassu Martins: os meus sinceros agradecimentos por terem me proporcionado saberes para além do acadêmico.

Às queridas companheiras da turma do mestrado, Maísa Ramos, Juçara Rodrigues, Gardilene Araújo e Josiana Cardoso, com quem dividi incertezas e tensões, mas também muita cumplicidade e afeto.

Aos colegas da turma 7 do PROFLETRAS, por tudo: leveza, risos, troca de conhecimentos e amizade. OBRIGADA! Sem essa parceria, não teríamos ido adiante nesse desafio que se tornou bem maior com as aulas de forma on-line.

Extintos ou não extintos,
os livros já estão nas telas.
e então, todo novo texto
pressupõe ser lido nelas,
desde antes de ser escrito?

Que será que, agora, muda
nas formas de produção
Como se lê e se estuda?
Novos modos de fruição.

Heliana Maria Brina Brandão

RESUMO

O presente trabalho versa sobre as contribuições que as novas tecnologias digitais trazem para o ensino da literatura no componente curricular Língua Portuguesa, uma vez que elas têm relação com a sociedade contemporânea na qual estamos inseridos, com alunos que estão cada vez mais conectados com os avanços tecnológicos e midiáticos. Assim, temos como objetivo geral verificar como o miniconto digital pode contribuir com a leitura digital e literária em sala de aula. Para estruturar este objetivo, surgiram algumas questões norteadoras, a saber: de que forma as tecnologias digitais impactam na aprendizagem do espaço escolar? A leitura literária digital interfere de forma significativa na aprendizagem do aluno? O miniconto digital re(constrói) conhecimento que vai ao encontro da contemporaneidade hipertextual? Quanto aos aspectos metodológicos, este trabalho tem cunho qualitativo e documental, uma vez que houve diálogo com material já pronto, acabado, os livros didáticos, e minicontos oriundos das plataformas digitais, como forma de constatar a importância das tecnologias nas novas formas de aprender literatura, tendo a escola como ponto de partida, ao inserir a participação dos alunos em práticas da web. Para subsidiar as discussões, utilizou-se uma vasta leitura sobre a literatura e as tecnologias digitais; dentre elas, as que favoreceram de forma mais direta para a sua construção, foram: a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018), que considera os meios tecnológicos importantes aparatos para subsidiar as aulas de Língua Portuguesa; os conceitos de literatura foram abordados de acordo com Cândido (2004), Cosson (2021) e Eco (2000); sobre a educação no século XXI ancoramo-nos em Imbernon (2000); quanto à visão da leitura literária em Iser (1996). O hipertexto e sua relação com o leitor atual e com a literatura digital, foram conforme Santaella (2021), as características do miniconto que o torna um gênero singular em Spalding (2008) e a leitura nos cenários digitais, em Silva (2008). Ao final, percebeu-se que as contribuições dos minicontos são diversas, enquanto novas formas de dialogar com a literatura na contemporaneidade. Como produto do trabalho apresentamos uma proposta de intervenção metodológica, um Guia Orientativo com base nas análises feitas nos livros didáticos, para subsidiar docentes, uma vez que percebemos a ausência de uma sistematização de atividades voltadas para o miniconto.

Palavras-chave: Novas tecnologias. Literatura. Leitura. Ensino. Miniconto digital.

ABSTRACT

This work is about the contributions that new digital technologies bring to the teaching of literature in the Portuguese Language curricular component, since they are related to the contemporary society in which we are inserted, with students who are increasingly connected with advances technological and media. Thus, our general objective is to verify how the digital short story can contribute to digital and literary reading in the classroom. To structure this objective, some guiding questions emerged, namely: how do digital technologies impact learning in the school space? Does digital literary reading significantly interfere with student learning? Does the digital short story re(construct) knowledge that meets hypertextual contemporaneity? As for the methodological aspects, this work has a qualitative and documentary nature, since there was dialogue with ready-made, finished material, textbooks, and short stories from digital platforms, as a way of demonstrating the importance of technologies in new ways of learning literature. , taking the school as a starting point, when including student participation in web practices. To support the discussions, extensive reading on literature and digital technologies was used; Among them, those that most directly favored its construction were: the National Common Curricular Base – BNCC (2018), which considers technological means to be important devices to subsidize Portuguese language classes; the concepts of literature were approached according to Cândido (2004), Cosson (2021) and Eco (2000); on education in the 21st century we are anchored in Imbernon (2000); regarding the vision of literary reading in Lser (1996). Hypertext and its relationship with the current reader and digital literature were, according to Santaella (2021), the characteristics of the mini-story that make it a unique genre in Spalding (2008) and reading in digital scenarios, in Silva (2008). In the end, it was realized that the contributions of the mini-stories are diverse, as new ways of dialoging with literature in contemporary times. As a product of the work, we present a proposal for methodological intervention, an Orientation Guide based on analyzes made in textbooks, to support teachers, since we noticed the absence of a systematization of activities focused on the short story.

Keywords: New technologies. Literature. Reading. Teaching. Digital short story.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sumário da obra 1 analisada.....	59
Figura 2 - Atividade 1 do livro didático - Antes de ler.....	60
Figura 3 - Atividade do livro didático 1 - Exploração de texto.....	64
Figura 4 - Atividade 1 da obra 2 - Introdução ao capítulo.....	66
Figura 5 - Converse com a turma - Obra 2.....	67
Figura 6 - Abertura capítulo 5 - obra 2.....	68
Figura 7 - Atividade - Oficina de leitura e criação - obra 2.....	69
Figura 8 - Ficha de apoio à produção textual - obra 2.....	70
Figura 9 - Abertura Blog Minimínimo.....	74
Figura 10 - Nuvem de temas e maxisseguidores do blog.....	76
Figura 11 - Exemplo de postagem no blog Minimínimo.....	77
Figura 12 - Miniconto digital “A verdade da mentira” - blog Minimínimo.....	79
Figura 13 - Miniconto digital “Sem culpa” - blog Minimínimo.....	82
Figura 14 - Miniconto digital “Mesmo fora de lona” - site Marina Colasanti.....	85
Figura 15 - Miniconto digital “Não outro” - site Marina Colasanti.....	87
Figura 16 - Miniconto digital “Em voz alta” - site Marina Colasanti.....	99
Figura 17 - Miniconto digital 1 - Site Nemonox.....	91
Figura 18 - Miniconto digital 2 - site Nemonox.....	93

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Categorias ou elementos que foram abordados	51
Quadro 2 - Campos de atuação conforme a BNCC.	55

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

DCN - Diretrizes Curriculares Nacionais

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

INEP - Instituto Nacional Anísio Teixeira

LD - Livro Didático

LP - Língua Portuguesa

MEC - Ministério da Educação

PNLD - Programa Nacional do Livro e do Material Didático

PNE - Plano Nacional de Educação

PISA - Programa Internacional de Avaliação de Estudantes

SD - Sequência Didática

TICS - Tecnologias da Informação e Comunicação

TD - Tecnologias Digitais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 INTERATIVIDADE NO CENÁRIO DIGITAL E A LITERATURA.....	18
2.1 As novas tecnologias: afinal qual a sua relação com o leitor contemporâneo?	18
2.2 As tecnologias no espaço escolar: reflexões contemporâneas	22
2.3 O cenário digital e o surgimento do gênero Miniconto.....	27
3 RELAÇÃO ENTRE LEITURA E LITERATURA.....	36
3.1 Atributos da leitura e literatura contemporânea.....	36
3.2 Formação leitora e protagonismo do leitor na era digital.....	42
4 METODOLOGIA: o percurso.....	47
4.1 Fonte de dados	48
4.2. Campo de estudo e critérios de análise nos livros didáticos e plataformas digitais.....	49
4.3 Abordagem, objetivos e procedimentos	51
4.4 Descrição da proposta metodológica.....	53
5 APRECIÇÃO DE HIPERTEXTOS E MINICONTOS DIGITAIS EM LIVROS DIDÁTICOS.....	54
6 ANÁLISE DOS MINICONTOS NAS PLATAFORMAS DIGITAIS.....	72
6.1 Análise em blog.....	73
6.2 Análise de minicontos em dois sites.....	83
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
8. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO - LINK DE ACESSO.....	98
REFERÊNCIAS.....	100

1 INTRODUÇÃO

Propiciar aos alunos condições para que possam se desenvolver de forma integral nos aspectos sociais, culturais, intelectuais, entre outros, é de suma importância, logo, cabe à escola favorecer a efetivação dessas dimensões ao promover, por exemplo, o contato do aluno com textos que circulam socialmente, uma vez que, além de exercerem uma ação sobre a realidade, ampliam não somente suas competências linguísticas, mas também o tornam mais experiente, crítico e sensível. Ademais, é por meio da leitura do texto literário que esgotamos todas as ferramentas de inserção do aluno com a educação como um ser que constrói conhecimento em favor do próximo e dos menos favorecidos, quiçá, de uma sociedade mais igualitária. Sob essa mesma perspectiva, esclarece Eco:

Mas uma observação eu gostaria de fazer: aqueles desgraçados, que, reunidos em bandos, sem objetivos, matam jogando pedras dos viadutos ou ateando fogo a uma menina, sejam eles quem forem, afinal não se transformaram no que são porque foram corrompidos pelo *newspeak* do computador (nem ao computador eles tem acesso), mas porque restam excluídos do universo do livro e dos lugares, onde, através da educação e da discussão, poderiam chegar até eles os ecos de um mundo de valores que chega de e remete a livros (ECO, 2000, p.12).

A afirmação do teórico acima, reverbera a importância do universo literário, intermediados pela escola, para a formação de sujeitos éticos, conseqüentemente, pra o despertar da sensibilidade de jovens, além de refletir sobre o papel do livro como ferramenta de transformação deles enquanto sujeitos sociais. Além disso, nos permite retomar algumas particularidades sobre uma nova era que cada vez mais se expande na nossa sociedade: a das novas tecnologias digitais da informação. Provavelmente, o maior dos desafios que nos é imposto como educadores, seja o de utilizar ferramentas tecnológicas no processo de aprendizagem dos alunos, entretanto, sem perder o foco nas práticas de leitura e de escrita que os levem a se transformar enquanto ser social e cidadão crítico.

As formas de ensino-aprendizagem e leitura, em face dessas tecnologias, sofreram mudanças, pois o texto está condicionado tanto ao tempo e às novas formas de aprender, como também ao seu contexto de produção. Entretanto, o propósito final de aproximar o aluno com o texto, seja ele impresso ou digital, canônico ou contemporâneo, informativo ou literário, deve ser o mesmo: tornar a aprendizagem mais significativa, e conseqüentemente, melhorar o desenvolvimento social do aluno.

Contudo, para que essas novas práticas se consolidem na atualidade, deve-se também trazer/estender para o espaço escolar as novas habilidades leitoras que já foram desenvolvidas pelos alunos fora do contexto da escola. Além disso, é necessário introduzir novas formas de aprendizagens e/ou alternativas voltadas para a criticidade do indivíduo, levando em conta gêneros mais contemporâneos que os atraíam, levando-os a terem mais engajamento para com o texto literário. Nessa mesma linha, dialoga com a Base Nacional Comum Curricular¹ (BNCC), documento e referência que norteia toda a educação básica:

Todo esse quadro impõe à escola desafios ao cumprimento do seu papel em relação à formação das novas gerações. É importante que a instituição escolar preserve seu compromisso de estimular a reflexão e a análise aprofundada e contribua para o desenvolvimento, no estudante, de uma atitude crítica em relação ao conteúdo e à multiplicidade de ofertas midiáticas e digitais. Contudo, também é imprescindível que a escola compreenda e incorpore mais as novas linguagens e seus modos de funcionamento, desvendando possibilidades de comunicação (e também de manipulação), e que eduque para usos mais democráticos das tecnologias (BRASIL, 2018, p. 61)

Impulsionados pelo contexto pandêmico², pois houve de forma mais urgente a necessidade de repensar práticas de ensino e aprendizagem, consideramos oportuno trazer para o presente trabalho algumas proposições sobre as contribuições do miniconto digital para a formação leitora. A partir do excerto acima, reafirmamos que a cada dia torna-se mais necessário que o professor tenha consciência do seu papel na sociedade e, como disseminador de conhecimentos, também se aproprie de práticas que medeiem o aluno e as tecnologias, com o propósito de colaborar com uma aprendizagem que faça sentido à projeção social do aluno. Uma das estratégias para elevar o desenvolvimento dessas potencialidades é tornar próximas essas novas linguagens da contemporaneidade, entre elas, a digital.

O objetivo geral do presente trabalho é, pois, o de contribuir com o ensino de Língua Portuguesa de forma a despertar o gosto pela aprendizagem da leitura literária e hipertextual em classes do 8º e 9º do Ensino Fundamental, com foco na

¹ No mês de dezembro de 2017 foi publicada a Resolução CNE/CP nº 2, que institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica. Fonte: http://portal.mec.gov.br/pnld/index.php?option=com_content&view=article&id=index.php?option=com_content&view=article&id=13658. Acesso em: 24 mar.2023

² Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. Fonte: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 17 mar.2023

tecnologia digital, por meio de análise de minicontos em livros didáticos e plataformas digitais, uma vez que esse gênero tem uma diversidade de elementos que podem seduzir alunos inseridos no contexto do ensino fundamental da educação básica. Como forma de alicerçar tal objetivo, sistematizou-se os seguintes objetivos específicos: a) levantar o conhecimento dos conceitos de literatura e da relação dos minicontos digitais com essa área de conhecimento; b) apresentar a relação das tecnologias digitais com o leitor da atualidade, sobretudo no ensino de literatura, especialmente com o miniconto digital; c) fazer apreciação de 2 coleções de livros do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa aprovado no último PNLD, de 8º e 9º anos, com o propósito de analisar se neles há adequações no que se refere ao trabalho com os textos literários, especialmente o miniconto digital, de acordo com o que normatiza a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em respeito à concretização do trabalho de literatura e tecnologias d) analisar minicontos em plataformas digitais, com o objetivo de constatar se nesse gênero há potencialidades que vão ao encontro de alunos de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, quanto a sua receptividade; e) construir uma proposta didática metodológica, a partir das análises feitas nos livros didáticos, como forma de auxiliar professores, pesquisadores e /ou estudiosos da área na formação de leitores críticos de minicontos, através de plataformas digitais, tendo a BNCC como documento norteador.

Dessa forma, a presente pesquisa é guiada pelo seguinte questionamento: de que forma a leitura de minicontos em plataformas digitais na contemporaneidade pode proporcionar aos alunos a receptividade da literatura ancorada nessas transformações tecnológicas e com vistas a efetivar uma aprendizagem mais significativa? Ao responder tal questionamento, deve-se passar por outras questões norteadoras, de forma a confirmar ou não o impacto positivo das novas tecnologias na receptividade da literatura, a saber: i) de que forma as tecnologias digitais impactam na aprendizagem do espaço escolar? ii) a leitura literária digital interfere de forma significativa na aprendizagem do aluno? iii) o miniconto digital re(constrói) conhecimento que vai ao encontro da contemporaneidade hipertextual?

Como forma de ancorar a escrita deste trabalho, foram usados os conceitos de literatura de acordo com Cândido (2004); o olhar integral que se deve lançar para a educação hoje, tendo como orientação a BNCC (2018) e Imbernon (2000); os efeitos do ciberespaço, de acordo com Lévy (1999); o texto e o hipertexto, conforme Coscarelli (2009); o hipertexto e a literatura digital e sua relação com o leitor atual ,

conforme Santaella (2021) e Silva (2008), bem como a leitura interativa e o conceito do leitor imersivo. Os estudos do miniconto digital foram pautados na dissertação de Marcelo Spalding (2008), na monografia de Matheus Felipe Xavier (2019) e no artigo de Rauer Rodrigues (2011), uma vez que, durante o estado da arte, foram as que apresentaram relação mais direta com o foco deste trabalho.

O trabalho está dividido em 8 capítulos. O primeiro trata da introdução, justificando a escolha de nossa temática de estudo e a importância da pesquisa, além de apontar as questões norteadoras, objetivos e organização desta dissertação. O segundo capítulo traz uma apresentação sobre a Era da tecnologia digital, o desafio do professor e o papel da escola frente a essas novas demandas emergentes. No segundo capítulo, tem-se, além de alguns conceitos de literatura, bem como sua relação com o cenário digital, com suas transformações contemporâneas e a formação leitora do aluno e o seu protagonismo. No terceiro, discorremos sobre o miniconto no contexto da literatura contemporânea, as relações entre leitura e literatura e os atributos do hipertexto nas plataformas digitais.

No quarto capítulo, versamos sobre a metodologia utilizada para alicerçar toda a construção do trabalho, o percurso trilhado, o campo de estudo e os critérios de análise dos minicontos nas plataformas digitais, que tipo de abordagem, quais objetivos e procedimentos foram adotados. Ainda no mesmo capítulo, detalhamos um pouco sobre o produto educacional que foi desenvolvido. No quinto, temos a análise de 2 (duas) coleções de livros didáticos, nos exemplares de 8º e 9º anos, com o foco no trabalho com hipertextos e minicontos.

Posteriormente, no sexto capítulo, fizemos um passeio pelas plataformas digitais – um blog e dois sites – pontuando algumas reflexões sobre a receptividade desses gêneros que vão ao encontro de alunos do Ensino Fundamental maior, constituindo-se, portanto, como alternativas para o trabalho com o miniconto digital. É importante ressaltar que as plataformas digitais têm relação com o universo em que nossos alunos estão inseridos, principalmente, “pós-pandemia”, momento em que eles se apropriaram mais da cultura digital no contexto escolar e extraescolar.

No sétimo capítulo tecemos as considerações finais sobre o miniconto digital, como ele se efetiva nos livros didáticos, como são configuradas as atividades que tratam desse gênero. Também apresentamos algumas contribuições que as plataformas digitais podem propiciar na formação da leitura contemporânea para jovens alunos do ensino fundamental maior.

No oitavo e último capítulo, apresentamos a Proposta de Intervenção Metodológica para docentes, um Guia Orientativo, com o objetivo de contribuirmos para o trabalho com o gênero Miniconto Digital no Ensino Fundamental, especialmente, com alunos de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental da Educação Básica.

2 INTERATIVIDADE NO CENÁRIO DIGITAL E A LITERATURA

Na sociedade contemporânea as tecnologias tornaram-se mais presentes, como consequência, os jovens estão cada vez mais envolvidos com a cultura digital, motivo pelo qual passaram a ser protagonistas desse novo modo de conectividade e interação hipermidiática. Esse novo cenário reflete-se também na literatura, no seu suporte em relação à internet. Assim, o professor deve acompanhar essas transformações tecnológicas, com vistas a efetivar a aprendizagem do aluno dentro desses contextos que cada momento exige. Se houve adaptações nas contações de narrativas, bem como na receptividade do leitor para com o texto, na atualidade, vislumbramos outras mudanças significativas entre leitor e texto, agora mediados pela tecnologia digital.

Um dos propósitos deste capítulo é apresentar as mudanças que ocorreram no cenário da leitura literária, no que diz respeito às tecnologias digitais, assim como reverberar as adaptações que o espaço escolar deve fazer no sentido de abraçar a contemporaneidade, estimulando o educando para ser um reconstrutor de seu conhecimento intelectual e crítico, mas sem deixar de lado a sensibilidade e o respeito que se deve dar ao próximo. O outro propósito é apresentar como ocorre a relação entre o leitor contemporâneo e as novas tecnologias, do papel ao digital, além de apresentar informações pertinentes sobre o miniconto digital, em qual contexto ele se originou, quais são suas características e seus principais representantes.

2.1 As novas tecnologias: afinal qual a sua relação com o leitor contemporâneo?

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento e referência nacional obrigatória para processos de elaboração de currículos nas escolas, considera que as tecnologias digitais são novas formas de interação que devem ser trabalhadas na escola na atualidade, uma vez que estamos lidando com alunos que pertencem a uma geração tecnológica, que estão expostos a uma diversidade de gêneros hipertextuais e hipermidiáticos.

É importante ressaltar que Santaella (2013, p. 263) reitera as capacidades verbais leitoras que esses gêneros carregam consigo, uma vez que, “quanto mais as matrizes de linguagens se misturam, mais complexos os signos se tornam”,

influenciando nas habilidades que devem ser requeridas dos leitores. Esses novos modos de comunicar constitui uma necessidade do mundo moderno no qual estamos inseridos no que diz respeito às inovações nas formas de leitura, pois cada época tem seu contexto de produção escrita. O documento supracitado, ratifica essa relação dos novos gêneros tecnológicos com as práticas de linguagens contemporâneas:

As práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir. As novas ferramentas de edição de textos, áudios, fotos, vídeos tornam acessíveis a qualquer uma produção e disponibilização de textos multissemióticos nas redes sociais e outros ambientes da web. (BRASIL 2018, p. 68).

Essas práticas de linguagens às quais o documento se refere, dialogam com o fato de o professor ter de se reiterar de novas práticas de ensino e aprendizagem, de forma que leve o aluno a se apropriar do texto, a perceber novos horizontes, levando-o a se engajar cada vez mais em outras formas de leituras, fazendo-o perceber essa nova “especificidade” da inovação, sem perder de vista a sua sensibilidade, imaginação e criatividade. Quanto mais familiaridade tiverem com textos da contemporaneidade, mais esses alunos terão a possibilidade de se envolverem positivamente com novos gêneros e novas formas de produzir textos.

Dessa forma, é importante destacar que, ao fazer uso do texto com a linguagem digital, o espaço escolar torna a educação um percurso mais significativo para o leitor. O hipertexto e os novos modos de produções textuais nesses ambientes digitais, propicia a esse aluno o acesso ao conhecimento como tentativa de garantir uma aprendizagem que vai ao encontro de habilidades que o novo cenário exige dele. Contudo, para que essas novas leituras sejam potencializadas, é necessário que os alunos, de um modo geral, tenham domínio não somente das capacidades leitoras verbais do texto, devem também se apropriar das novas linguagens visuais que os textos carregam consigo.

A respeito da sociedade de informação, na qual professores e alunos contemporâneos estão inseridos, Imbernon (2000, p. 31) também defende ideia semelhante à citada acima, quando afirma que “Toda aprendizagem pode ser desenvolvida de maneira dialógica e comunicativa, tanto se baseada em habilidades acadêmicas como práticas.” Significa dizer que a escola deve integrar no seu processo de ensino, atividades que valorizem o diálogo com o conhecimento da

prática, tendo em vista que o ciberespaço, meio de comunicação que surgiu da interconexão mundial de computadores, tornou mais viável as relações aluno x aprendizagem, pois facilitou principalmente a troca de informações nas redes digitais, vindo a favorecer, nesse sentido, um espaço escolar mais democrático e interativo. Isso porque essas tecnologias propiciam que pessoas de qualquer lugar e a qualquer tempo se comuniquem, caso estejam inseridas em um ambiente que favoreça uma aprendizagem digital. De acordo com Lévy, um dos principais efeitos desse ciberespaço é:

(...) acelerar cada vez mais o ritmo da alteração tecno-social, o que torna ainda mais necessária a participação ativa da cibercultura, se não quisermos ficar para trás, e tende a excluir de maneira mais radical ainda aqueles que não entraram no ciclo positivo da alteração, da compreensão e apropriação. (LÉVY, 1999, p.30)

Indo ao encontro do que o autor diz, o trabalho com textos com várias linguagens na atualidade deve ganhar maior relevância, uma vez que eles permitem conceber ao aluno, além do aspecto verbal, recursos visuais que o subsidiarão na leitura e compreensão do conteúdo. Paralelamente, o professor, nesse novo cenário de cultura digital, tem de estar preparado para (re)descobrir diferentes modos de aprendizagem de tal forma que alcance todos os alunos nos seus mais diversos níveis de aprendizagem, de tornar suas aulas mais eficazes e significativas para o educando, uma vez que, ao professor cabe transformar aquilo que os alunos trazem consigo em conhecimento, especialmente no que diz respeito às tecnologias, pois muitos deles já têm um certo domínio delas. Sobre a importância do trabalho com textos que envolvem diferentes linguagens, tem-se na BNCC o seguinte esclarecimento:

Considerando que uma semiose é um sistema de signos em sua organização própria, é importante que os jovens, ao explorarem as possibilidades expressivas das diversas linguagens, possam realizar reflexões que envolvam o exercício da análise de elementos discursivos, composicionais e formas de enunciados nas diferentes semioses – visuais (imagens estáticas e em movimento), sonoras (músicas, ruídos, sonoridades), verbais (oral ou visual motora, como a Libras, e escrita) e corporais (gestuais, cênicas, dança). Afinal, muito por efeito das novas tecnologias digitais da informação e da comunicação (TDIC), os textos e discursos atuais organizam-se de maneira híbrida e multissemiótica, incorporando diferentes sistemas de signos em sua constituição (BRASIL, 2018, p. 486).

Assim, os jovens da contemporaneidade, trazem consigo, naturalmente, esse desejo de interagir com as várias possibilidades que a leitura pode proporcionar,

pois estão cercados tanto por linguagens verbais e não-verbais como pela digital. Como consequência desse desenvolvimento tecnológico, percebe-se uma “cobrança” da sociedade sobre a escola como quem deve atender a essas demandas que o momento ora exige, bem como sobre o aluno, que deve estar imerso nessa nova rede de informação, se apropriando dela, de modo a acompanhar essas mudanças tecnológicas.

Para Rojo (2009), o surgimento e a ampliação contínua de acesso às tecnologias digitais de comunicação e de informação também implicaram em pelo menos quatro mudanças que ganham notoriedade na reflexão sobre as formas de conceber novas leituras, quais sejam: a aceleração na intensidade e na diversidade da circulação da informação nos meios de comunicação analógicos e digitais; a diminuição das distâncias espaciais, bem como das distâncias temporais, determinada pela velocidade, fato nunca visto anteriormente e ainda a multiplicidade nos modos de significar o ato da leitura. Assim, a adesão a esses recursos da tecnologia no espaço escolar ganha cada vez mais importância, pois permite que alunos aprendam a fazer uso da língua, utilizando uma maior diversidade nas formas de comunicação.

No âmbito da leitura literária, no que diz respeito ao universo digital nos meios eletrônicos, essas mudanças não ocorrem de forma diferente. Presenciamos uma mudança significativa nas formas como a literatura chega aos olhos do leitor/aluno, fisgando a sua atenção; segundo Lévy (2010, p.40) “A multimídia interativa, graças à sua dimensão reticular ou não linear, favorece uma atitude exploratória, ou mesmo lúdica.” Essa forma de dialogar com esses recursos pode estimular alunos a se apropriarem com mais desenvoltura e se envolverem com a leitura literária.

Se antes, de forma generalizada, os indivíduos tinham acesso ao livro ou chegavam até ele por meio de bibliotecas e livrarias, hoje é o digital que, “democraticamente”, vai ao encontro do leitor sem grandes dificuldades, se considerarmos a grande exposição desses textos nas esferas tecnológicas. Basta um clique na tela, por exemplo, para que o leitor encontre aquilo que busca.

Entretanto, o professor deve se ater que o tipo de conhecimento que pretende para que o aluno alcance êxito deve ser aquele que favoreça a sua transformação, que o torne mais crítico em relação ao outro e, conseqüentemente, leve-o a alcançar uma consciência mais coletiva em relação à sociedade da qual

participa. Para tanto, é necessário que o leitor da contemporaneidade esteja envolvido nessa nova rede de práticas hipertextuais. Sobre essas transformações literárias, Martins e Machado (2011) considera:

Se nos detivermos especificamente na leitura literária no âmbito da infância e da juventude, não é difícil constatar que, em apenas um século, inúmeras transformações incidiram diretamente sobre os sentidos que hoje atribuímos à leitura. No período de aproximadamente 100 anos, presenciamos a ascensão e o início do declínio de uma produção editorial genuinamente nacional, o que engendrou, em cada fase dessa produção, diversas compreensões do que seria ler a literatura, uma perspectiva de formação de leitores (MARTINS; MACHADO, 2011, p.28).

A afirmação acima ratifica o que já dito anteriormente no que diz respeito à consequência da globalização: houveram transformações que refletiram sobre os meios de comunicação, nas linguagens, na informação e no conhecimento, portanto, incidiram também em outros modos de leitura. Dessa forma, o espaço escolar mudou, assim como os alunos inseridos nesse novo contexto.

Notamos, portanto, a urgência de o professor inserir nas suas práticas pedagógicas a integração entre as tecnologias que focam no leitor da atualidade, como forma de dialogar com a educação que queremos hoje: ética, democrática e que valorize o indivíduo ao mesmo tempo que o prepare para as demandas da sociedade, indo do pessoal ao profissional. Para tanto, é preciso que ele adquira novas habilidades e práticas comunicativas atreladas às novas formas de receber, construir e ressignificar o conhecimento. Logo, o uso dessas tecnologias, além de modernizar o processo de ensino, pode torná-lo mais eficiente, conseqüentemente, refletindo na democratização da educação e construção de uma sociedade mais igualitária.

Nesse sentido, as novas tecnologias contribuem de forma positiva para esse processo de transformação, uma vez que são os jovens (e também nossos alunos), que representam o nosso público, com quem temos diálogos constantes em sala de aula, os que mais se interessam e interagem com essa cultura digital. Sendo assim, devemos utilizar essa ferramenta a nosso favor, de forma a estimular nossos alunos a alcançarem novos aprendizados e experiências e, conseqüentemente, formar e fomentar leitores e produtores de textos literários contemporâneos.

2.2 As tecnologias no espaço escolar: reflexões contemporâneas -

A educação que, desde meados de 1932, quando o grupo que compôs o

Manifesto dos Pioneiro da Educação³, destacou a importância do uso do rádio como inovação, convive e se adapta às tecnologias que vão surgindo ao longo do tempo, conforme aclara André (2020) Desde então, outras ferramentas de tecnologia passaram a contribuir também com ela, entretanto, essa integração eficaz no processo de ensino e aprendizagem constitui-se como um desafio na sociedade atual.

No contexto da pandemia que vivenciamos recentemente constatou-se de forma mais concreta esse entrave, pois as formas de ensinar estiveram diante de uma nova realidade na qual a tecnologia teve que se impor, por meio de políticas públicas voltadas para a educação. Nesse novo cenário, houve uma ação conjunta de poderes públicos para uma efetiva implementação de tecnologias digitais à distância, para que o ensino pudesse ser viabilizado, mesmo sem tempo hábil para preparar os envolvidos, uma vez que professores e alunos tiveram que ficar isolados nas suas residências. Infelizmente, muitos deles vivenciaram na prática a escassez do universo tecnológico nas escolas públicas, motivo pelo qual a grande maioria, certamente, não pode usufruir das potencialidades que a tecnologia poderia proporcionar, se integrado ao processo de Ensino e Aprendizagem.

Assim, a educação que queremos hoje deve estar pautada na democratização social, com o compromisso de promover e consolidar as aprendizagens dos estudantes, como forma de tornar igual as oportunidades dos envolvidos nesse processo. Para tanto, torna-se necessário que o espaço escolar ponha em prática o grande potencial dessas tecnologias de informação da contemporaneidade, sem deixar de lado, porém, as conquistas já alcançadas ao longo desses últimos séculos. Num futuro não distante, alguns instrumentos materiais ligados à educação, como a caneta, o livro, o caderno, por exemplo, não deixarão de existir, mas serão tão somente incorporados às novas formas de conhecimentos. Imbernon (2000, p. 31) dialoga com essa educação que vai ao encontro da contemporaneidade, ao afirmar que:

A educação na sociedade de informação deve basear-se na utilização de habilidades comunicativas de tal modo que nos permita participar mais ativamente e de forma mais crítica e reflexiva na sociedade. Se pretendemos superar as desigualdades que gera o reconhecimento de determinadas

³ foi escrito durante o governo de Getúlio Vargas e consolidava a visão de um segmento da elite intelectual que, embora com diferentes posições ideológicas, vislumbrava a possibilidade de interferir na organização da sociedade brasileira do ponto de vista da educação. Site: https://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto_dos_Pioneiros_da_Educa%C3%A7%C3%A3o_Nova Acesso em: 20 de set.2023

habilidades e a exclusão daquelas pessoas que não tem acesso ao processamento da informação, devemos pensar sobre que tipo de habilidades está sendo potencializadas nos contextos formativos e se com isso é facilitada a interpretação da realidade a partir de uma perspectiva transformadora.

Nos dias atuais, indo por esse viés que aponta o teórico citado, a educação voltada para o aspecto integral é compreendida também como a relação que há entre o aluno (sendo protagonista do seu próprio conhecimento), a sociedade e o saber. Logo, faz-se necessário deixar claro que a BNCC, documento que normaliza o ensino na atualidade, traz embasamento teórico sobre o significado do termo integral como sendo aquele que contempla a formação do aluno em toda as suas dimensões. Diante disso, não podemos desconsiderar, pois, uma educação transformadora e contemporânea sem agregá-la a esses três elementos como forma de firmar seu alicerce. Neste sentido, a tecnologia e o conhecimento vão ao encontro da formação do aluno, possibilitando-lhe a inclusão na sociedade contemporânea.

O conhecimento deve, portanto, estimular as potencialidades que os alunos trazem consigo, acolhendo as diferenças de cada um, rejeitando quaisquer formas de discriminação. A Base Nacional Comum Curricular traz a importância de lançar esse novo olhar integral que se deve lançar para a educação hoje ao aclarar que:

Nesse contexto, a BNCC afirma, de maneira explícita, o seu compromisso com a educação integral. Reconhece assim, que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa ainda assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os, como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno nas suas singularidades e diversidades. Além disso, a escola, como espaço de aprendizagem e democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades (BRASIL, 2018, p.14).

A educação, nesse processo dinâmico da contemporaneidade tem como base de sustentação as tecnologias, uma vez que elas proporcionam aos alunos compartilhamentos mais rápidos, interativos e coletivos. Esses novos compartilhamentos devem ser intermediados pela escola/professor, que deve selecionar o que é importante na construção desse diálogo, proporcionando, dessa forma, a educação “integral” à qual alunos devem ter acesso nos dias atuais.

Provavelmente, essa é uma das alternativas que busca diminuir as desigualdades que sempre houve no nosso país, de forma a promover a equidade e o contínuo acesso desses alunos à escola, por meio de um currículo que valorize e potencialize tanto o seu desenvolvimento pessoal, como também o social, alcançando, dessa forma, a melhoria na qualidade de ensino. Não estamos afirmando que as tecnologias são as soluções para o ensino, mas elas podem contribuir sobremaneira com recursos para professores apresentarem saberes mais significativos aos educandos.

É na escola, portanto, que devemos fomentar as estratégias de leitura literária, reconhecendo também a influência da contemporaneidade sobre os alunos, levando-os a terem acesso a textos da cultura digital, afinal eles fazem parte dela, estão imersos nesse novo contexto. Levá-los não só a associar ideias que o colocarão como coparticipantes do enredo, mas também a discordar de situações, instigá-las, questioná-las, trazer suas visões de mundo para o texto, no sentido de fazê-los despertar, angustiar-se, rebelar-se e conscientizar-se de que são eles, enquanto leitores, que justificam a existência do texto lido, sendo, dessa forma, seres ativos e determinantes no processo de leitura. Afinal, se o leitor não existir, a leitura não se concretiza.

Ao defender que na escola também se deve levar em conta as manifestações artísticas contemporâneas, Cosson (2021) participa desse diálogo no que diz respeito ao ensino de literatura, nesse contexto atual e democrático. Para ele, não se trata de trazer para o espaço escolar somente manifestações valorizadas pela crítica literária e pela historicidade, mas também as que se inserem no contexto de vivência dos alunos, como forma de levá-los a se reconhecerem como seres sociais individualizados, dentro de um contexto de cultura dominante.

É importante destacar que, especialmente na última década, as tecnologias digitais na escola mudaram as formas de interação entre as pessoas, assim como suas relações sociais. Daí, importa também a necessidade de valorizar as identidades diversas no que concerne às diferenças quanto ao contexto de cultura do aluno. Além do papel, temos agora computadores, *tablets*, *notebooks* e celulares ligados à internet que podem auxiliar nesse processo de tornar mais próximas essas aprendizagens inseridas no contexto digital. Essas ferramentas levam a novas configurações no que se refere ao texto, leitor e conhecimento e isso favorece o “alcance” mais efetivo do reconhecimento das manifestações culturais e populares que se apresentam não

somente na escola, mas também fora dela.

Assim, a interação com as demandas da cultura digital contemporânea requer adaptações do professor frente a essas exigências, se refletindo, em um constante desafio, que a escola deve superar. Logo, se ela conseguir levar em conta esses novos modos de produção, possivelmente alcançará o seu papel, numa construção comunicativa que foque no dialogismo.

Sobre o papel social da escola, Marcuschi (2002) converge com essa perspectiva no seu artigo *Gêneros Textuais Emergentes no Contexto da Tecnologia Digital*:

Considerando a penetração e o papel da tecnologia digital na sociedade contemporânea e as novas formas comunicativas aportadas, afigura-se relevante pensar essa tecnologia e suas consequências numa perspectiva menos tecnicista e mais sócio-histórica. (MARCUSCHI, 2002, p.4).

Desse modo, fica evidente, portanto, que a educação nessa nova era tem como subsídio o fator histórico-social e não mais aquela que acolhe a pedagogia baseada no modelo de currículo tecnicista em que o professor está no centro do processo de ensino e aprendizagem. Na contemporaneidade, esse modelo de concepção está sendo substituído por aquele que considera o aluno como protagonista do seu conhecimento, que reconhece a sua identidade, de forma que ele sinta-se inserido nesse novo currículo intermediado pelo professor.

Nessa nova perspectiva, na web, que teve suas origens advindas das Tecnologias Digitais (TD), houve uma grande revolução e, por consequência, os sujeitos envolvidos nos processos formativos passaram a construir seus conhecimentos por meio de uma rede de significados, com outros grupos/interlocutores. É nessa interação que se legitima a função da tecnologia na escola, propiciando o sujeito a se reconhecer como um ser social, que percebe o mundo ao seu redor, que interage com seus pares, reconhece novas linguagens e, a partir daí, constrói seu conhecimento. Assim, convém que a escola contemple em seu currículo as novas tecnologias, dessas que reúnem numa só, várias linguagens, como forma de possibilitar a construção e recepção de hipertextos, ao tempo em que favorece o desenvolvimento do aluno nos aspectos pessoal, social e cultural.

O leitor da contemporaneidade, e isso reflete em novos comportamentos de leitura do aluno, na grande maioria, tem agilidade para dialogar com o aspecto digital do texto, com sua diagramação e não linearidade. Ele também tem pressa e

isso vai ao encontro do que essa tecnologia pode proporcionar, pois além de favorecer versatilidade, “prende” seus adeptos/ usuários, por sua fluidez e dinamicidade.

Enquanto essas qualidades relacionadas às novas formas de produzir textos, os fazem contemporâneos, podem ser nocivas aos alunos, pois essa dinamicidade pode andar junto com a efemeridade. Nesse sentido, é que cabe a intervenção do professor. Ele intermedeia condições concretas ao aluno para que compreenda as várias possibilidades de sentidos que esses textos também carregam consigo, seus aspectos literários, composições e estilos, portanto, leva os educandos a perceberem, por exemplo, que essas características dos gêneros do universo digital o tornam irreverentes. Sobre esse pensamento, comunga também Martins e Machado:

Discutir as condições atuais de produção de leitura, numa interseção entre o livro literário e as diversas mídias, torna-se fundamental para quem quer chegar perto dos sentidos da leitura para crianças e jovens. Só assim se pode pensar em condições propícias de formação de leitores, em contextos de multiletramentos simultâneos, que esses leitores assimilam muito melhor que nós adultos (MARTINS; MACHADO, 2011, p.30).

Portanto, as novas configurações dos textos que circundam esse universo tendem a modificar cada vez mais as novas formas de ler e escrever dos nossos alunos. E esses novos textos, os hipermediáticos, são permeados por (hiper) linguagens, fazendo com que os novos leitores se identifiquem com esses novos modos. À medida em que as novas gerações vão avançando, mais elas vão se apropriando dessas mudanças. E com essas novas práticas, os alunos podem vir a contribuir com o professor, uma vez que se adaptam a essas constantes mudanças com mais desenvoltura. Todavia, para que esse diálogo se efetive, também é pertinente lançarmos mão de livros didáticos (principal recurso usado pelo professor) que vão ao encontro dessas constantes mudanças.

2.3 O cenário digital e o surgimento do gênero Miniconto

Desde a Antiguidade, os povos usam a narratividade para contar e criar estória, como forma de sair da realidade, conhecer novos personagens, lugares, enredos, perspectivas, conhecer a si mesmo, enfim, adentrar em uma infinidade de valores que essa arte pode trazer consigo. Inicialmente, essas contações aconteciam somente no campo da oralidade, seguindo contextos de produções que,

embora não se concretizassem no papel, ficavam guardadas na memória de cada pessoa.

Posterior a essa fase foi que se originou a escrita vindo a provocar mudanças significativas nessas formas de contações, pois dali em diante as histórias poderiam ficar registradas não somente na memória de cada um, mas também eternizadas no tempo em forma de “sinais gráficos”. Acerca dos primeiros vestígios sobre as manifestações humanas, por exemplo, só foi possível termos esses conhecimentos graças a esse “salto” qualitativo na evolução, fato que se constituiu como um desenvolvimento de todas as ordens, com destaque para a cultural, social e histórica. E uma vez que a escrita passou a existir, as pessoas não precisaram mais compartilhar os mesmos ambientes e contextos para conhecer e dialogar com o discurso do outro, o que foi, portanto, um avanço.

A literatura também atravessou tempos, culturas e espaços distintos e sempre esteve presente entre as pessoas, como objeto ligado à ficção, fosse por meio de histórias contadas, ou pela escrita. Cândido (2004) compartilha a ideia de que a literatura tem sido um poderoso meio de instrução e educação nas escolas, devendo assim fazer parte dos currículos escolares como meio intelectual e afetivo, pois tem como princípio tratar o homem como um ser que busca experimentar algo, que busca emancipá-lo enquanto persona social.

Dessa forma, deve haver uma ruptura com a educação conservadora que ainda predomina nas formas de tratar a literatura na sala de aula. Assim, podemos constatar que tecnologia e literatura têm traços em comuns, pois ambas se relacionam com a criatividade e com possíveis mudanças que podem proporcionar ao homem, ocasionando, dessa forma, em ressignificação do seu conhecimento. Sobre os “poderes” da literatura, afirma Cândido:

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura prescrita; e que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação de estado de coisas predominante (CÂNDIDO, 2004, p.175).

Esses poderes anunciados na citação acima sobre a relação da literatura com os direitos humanos, entretanto, não tendem a mudar: ela atua como uma força invisível, não palpável, que só se concretiza por meio da ação humana. Esses poderes

que a literatura traz consigo, possivelmente, podem ser “vivenciados” na escola, se atrelada ao conhecimento.

A literatura só conquistou seu espaço de materialidade e de produção escrita com o surgimento do livro. Entretanto, o leitor nem sempre teve acesso fácil a esses textos. De acordo com Lajolo (2019), esse acesso veio com o surgimento da imprensa, mas somente obteve êxito com a expansão do comércio do livro e com a difusão da escola. Posteriormente, o livro passou a ser tipografado, fato que não deixa de se constituir como uma evolução. Contudo, provavelmente com objetivos capitalistas, o governo era quem “intermediava” seu acesso, não no sentido de facilitar a leitura para todos, mas de “escolher” quais pessoas poderiam lê-los.

Assim, podemos afirmar que somente um pequeno grupo de leitores/consumidores que tinham condições econômicas de possuir o livro é que tiveram acesso a ele. Ainda conforme Lajolo (2019) somente tempos depois, a leitura passou a fazer parte do cotidiano de uma maioria, embora ainda estivesse atrelada ao lar familiar burguês, por meio dos folhetins. No contexto europeu, eram os contos populares que estavam entre aqueles mais apreciados pelos homens do campo, no meio rural. O computador só teve origem depois, vindo a afetar sobremaneira a literatura. A princípio, favoreceu alternativas mais econômicas e mais práticas na maneira de distribuição de textos, culminando no contato das pessoas de um modo geral com a leitura.

Sobre a relação entre o impresso e o digital, verificamos que houve uma espécie de evolução no campo da leitura, no que se refere ao livro físico até chegar ao formato eletrônico, talvez pelo fato de o leitor encontrar facilidades para se apropriar do texto, mas sem se cansar do tamanho das telas: o digital foi se adequando aos poucos ao gosto de cada pessoa, uma vez que no lugar de sequências de textos formando uma página de livro seguindo uma ordem cronológica, abriram-se (literalmente) para o leitor janelas interpretativas ou não-lineares, que os levam para outros textos e significados. Certamente, é a partir daqui que o hipertexto ganha notoriedade. Antes ele já existia, mas com o digital, passou a se concretizar de forma mais consistente. Assim, a motivação pelo uso do digital tem relação com o leitor atual que não se preocupa com a linearidade textual, mas ao mesmo tempo quer acessar outros novos textos, imagens estáticas e em movimento, links, e outros afins.

Esses novos estilos de escrita e de leitura tiveram influência na literatura, assim como implicaram na abertura de novas possibilidades nas formas de escrever

e recepcionar textos, uma vez que leitores passaram a ser agentes nesse processo. As novas estratégias de dialogar com o texto já convergiam com a teoria da leitura inferencial apresentada por Marcuschi (1984, p.95), que a concebe como um jogo de ações que vão e voltam na tentativa de compreender o texto: “Na verdade, a leitura é um processo de seleção que se dá como num jogo com avanço de predições, recuos para correções, não se faz linearmente, progride em pequenos blocos ou fatias e não produz compreensões definitivas”. Aqui já se fazia alusões para as habilidades de leitura que favorecem a proximidade do leitor para com o texto.

Ao deixar alguns ocultos nas entrelinhas textual, por exemplo, o leitor vai construindo a compreensão a seu modo, que vai evoluindo à medida em que se familiariza com ele. Dessa forma, constata-se que a compreensão não está completamente no texto escrito, mas naquilo que o leitor põe em ação para entendê-lo ou construir novos sentidos a partir do que lhe foi apresentado.

O referido teórico, dessa forma, considera que o leitor progride na compreensão do texto conforme se evidenciam suas experiências, seu contexto sociocultural de produção e suas crenças pessoais. Essas são estratégias para atrair o leitor ativo, colaborativo. Ademais, é nesse contexto que possivelmente o gênero miniconto tende a se fortalecer, porque se nos contos os espaços já eram “reduzidos”, levando leitores a fazer inferências, mas sem perder de vista a profundidade da narrativa, no miniconto eles passam a ser mais breves ainda, pois há uso de poucas palavras com finalidade de provocar efeitos artísticos ao contar uma história, inclusive, vindo a ser chamado de “exíguos” por alguns teóricos que versam sobre a temática.

As “qualidades” citadas acima nesse modo de contar narrativas são apenas algumas daquelas que certamente levam o leitor contemporâneo a ter uma postura coautora diante da leitura dos minicontos: ele deve preencher os “não ditos”, completar as lacunas, perceber os sentidos propositais de cada palavra colocada ali, de forma a perceber a essência de cada elemento posto em cada lugar.

O gênero miniconto está repleto de informações subentendidas e é o leitor quem deve atentar para as pistas que o autor lhes dá, os aspectos linguísticos, os recursos argumentativos, a pontuação, as figuras de linguagem que são empregadas no texto. Enfim, são essas estratégias que o gênero Miniconto apresenta que tendem a seduzir o leitor e elevar esse gênero à condição de contemporâneo, exatamente pela máxima da sua brevidade, que vai ao encontro desses leitores que também

prezam pela concisão, pelo texto enxuto e pela objetividade. Spalding (2008) assim conceitua esse gênero:

Miniconto é um tipo de conto muito pequeno, digamos que com no máximo uma página, ou um parágrafo (não gosto de definições que classificam pelo número de palavras). Alguns dizem que ele é o primo mais novo do poema em prosa, outros apontam as fábulas chinesas como origem, de certo é que desde meados do século XX o conto tem experimentado – com sucesso – formas extremamente breves a partir de textos de autores como Cortázar, Borges, Kafka, Arreola, Monterosso e Trevisan. (SPALDING, 2008, p.6)

Diante da citação acima, identificamos que de fato a extensão no seu formato, configura o miniconto como um texto relativamente pequeno, que o torna semelhante a outros gêneros, a exemplo do poema haicai e das fábulas chinesas. Entretanto, sua singularidade está na fluidez, se comparado ao conto, de forma a não comprometer todos os elementos que devem estar presentes na narratividade. Spalding (2008) nos apresenta algumas das características desse gênero, que tem crescido bastante, impulsionado pela internet, quais sejam: “narratividade, efeito, concisão, abertura e exatidão.” É importante ainda destacar que o miniconto tem se destacado na literatura nos últimos anos e vem ficando cada vez mais popular no meio das tecnologias digitais.

Na visão de Spalding (2008), a intensidade da narratividade é o que diferencia o miniconto dos demais gêneros com os quais se assemelha, que não é uma mera descrição e sim a contação de algo. Ele rompe com o tradicional à medida em que usa a palavra de maneira tão precisa e sutil, que faz o leitor, o contemporâneo, a completar as “cenas”. Provavelmente, essa habilidade tem relação com o amadurecimento do leitor. Essa característica do miniconto leva ao efeito que se pretende dar ao leitor, provocando nele alguns sentimentos. Também a concisão é de suma importância no miniconto: não pode sobrar e nem faltar nada. Daí ter que ser conciso e não breve somente.

Já a abertura, o modo como o contista deverá iniciar (e tão logo terminar) como forma de “prender”, surpreender o leitor é também um aspecto fundamental aqui. Por fim, e não menos importante, espera-se desse gênero uma exatidão mais apurada do que o conto. O escritor deve ser “suficientemente claro” para alcançar o resultado que pretende, indo ao encontro do que o leitor espera, haja vista a importância que se dá a esse leitor, como uma espécie de autor imaginário, criado pelo próprio autor, na medida em que há parcerias subentendidas entre eles. Daí por

que esse leitor não se sente surpreendido ou excluído pelo inesperado que venha a surgir durante a leitura.

Apesar da estética da economia de palavras, o miniconto traz no seu conteúdo textos ímpares, uma vez que nas entrelinhas, há uma trama com narrador, personagem, tempo e espaço, porém limitados. Essa inovação na escrita, no entanto, é que de fato o fará se concretizar como tal, uma vez que a tensão envolvida na narrativa atrairá o leitor, motivo que o leva a colaborar com os dilemas, temáticas ou problemáticas do texto. É nesse constante diálogo que o leitor se identifica como um ser social que valoriza essas novas formas de aprendizagem, pois dialogam com o seu mundo, as suas vivências.

Os minicontos digitais, além de formar novos conhecimentos, informar, confrontar e provocar, também transformam esses leitores, porque são criativos e reflexivos na medida em que o desafia a preencher lacunas, a associar temáticas com o seu mundo real. Interagindo com esse gênero, o leitor põe suas experiências em prática e vai construindo o seu saber, apoiando-se em suposições ou pistas que não estão à mostra, mas escondidas ao longo do texto, ainda que, por exemplo, seja composto por duas palavras na sua totalidade. O leitor é desafiado a construí-la, dinamicamente.

Ainda resta claro enfatizar que o miniconto tem relação direta com o gênero conto, entretanto, com especificidades distintas. Advém dele, mas sofreu um processo de redução mínima de tamanho e/ou na quantidade de letras, e por isso alcança a qualidade da irreverência. Esse processo começou a acontecer a partir do século XX na América Latina, de acordo com Bueno (2019):

É na América latina do século XX que o processo de miniaturização do conto se consuma e os brevíssimos textos que contemporaneamente conhecemos como minicontos despontam e conquistam grande popularidade entre leitores e teóricos. O entusiasmo pelo gênero faz com que uma tradição latino-americana de minicontos surja e uma grande quantidade de antologias e pesquisas acadêmicas sobre o tema seja publicada, principalmente a partir da década de 1980. (BUENO, 2019, p.35)

Diante do exposto, é possível visualizar o contexto de origem desse gênero, confirmando-se a sua relação com as exigências das inovações tecnológicas que rondam o século XX e porque não, o atual, uma vez que ele continua ganhando notoriedade. Spalding (2008), aponta Augusto Monterroso, naturalizado guatemalteco, como um dos pilares para a história desse gênero, ao se identificar com

a estética da brevidade. Autor do miniconto unifrásico “O Dinossauro”, o escritor produziu prosas que se destacaram pela qualidade da “inovação” e da “brevidade”, fato que o fez despontar na produção literária do estilo. Suas produções apresentam consigo todas as propriedades do movimento Minimalista, vindo a revolucionar a estética do tamanho e desafiando potencialidades desse gênero ao conseguir dizer muito usando poucas palavras.

No Brasil, foi o escritor Dalton Trevisan quem impulsionou esse movimento e tornou o gênero miniconto mais popular. Depois dele outros escritores passaram a se identificar com essa narrativa condensada, oportunizando o surgimento de outros, a exemplo, têm-se Millôr Fernandes, Manoel de Barros, Luiz Ruffato, Moacyr Scliar, dentre outros.

O professor e pesquisador Rauer Ribeiro Rodrigues, da área de estudos literários, em seu artigo intitulado “Uma introdução historiográfica ao estudo do microconto brasileiro” complementa os conceitos do movimento Minimalista, com a apresentação de um Dossiê publicado na revista Carandá, no ano de 2011, produzido em parceria com professores e mestrandos. Suas ideias convergem com os estudos apresentados por Spalding (2008), ao destacar a importância do minimalismo para o reconhecimento da estética do miniconto, assim como a sua relação também com o modernismo.

Assim, segundo Rodrigues (2011), com o tempo, nos deparamos com a ruptura do convencional na leitura e com textos bastante objetivos, concisos, que têm muito a dizer, mesmo utilizando poucos recursos da linguagem escrita. Ainda que tivessem como influências a Revolução Industrial do século XVIII (sobretudo do jornal impresso), já foi uma ruptura com o que havia até ali. Portanto, foi sim uma revolução, mas sem contar com a tecnologia digital que ora se apresenta, no século XXI, quiçá de uma sociedade que busca rapidez, dinamismo e condensações. Sobre essa influência, aponta ainda Rodrigues:

O microconto é um subgênero em ascensão no Brasil que, muitas vezes, se confunde com a poesia. Desde a década de 1920, autores como Oswald de Andrade publicam poemas desconcertantemente curtos. É dele, inclusive, o marco dessa contravenção linguística brasileira, publicado em 1927 (RODRIGUES, 2011 p.256).

A partir dos escritos acima, podemos verificar quando se consolidou os primeiros escritos de minicontos no Brasil: há quase 100 (cem) anos atrás. A citada

contravenção literária linguística e estilística, desafiou as possibilidades de extensão textual quanto à brevidade na produção. É, aparentemente, um poema com duas palavras somente (*amor/humor*), mas que apresenta nas suas entrelinhas uma situação e narrativa que podem ser preenchidas pelo leitor. Portanto, essa particularidade é que o faz ser miniconto e não um poema.

Talvez a diferença esteja exatamente no tipo de leitor de cada época pois, certamente, outrora, ele não era provocado ou chamado a participar da história, não usando, portanto, sagacidade e agilidade no ato de ler, tampouco era desafiado pelo escritor a se tornar um coautor. Este formato só apareceu algum tempo depois. Mas alguns escritos, como constatamos, já carregavam consigo muitas características do miniconto, porque já imprimiam temáticas atuais com características da prosa e poesia simultaneamente, portanto, elas se misturavam, culminando em ruptura de expectativas conservadoras, aliando-se à contemporaneidade.

A produção mais consistente e consciente de minicontos digitais no Brasil surgiu com o advento da internet, quando jovens escritores não mais usavam o papel somente, mas blogs, redes sociais, sites e outros espaços digitais, para expressar-se. O processo de aceleração midiático fez surgir mais produções literárias, assim como adeptos dessa nova forma de ler, talvez pelo fato de essa leitura ser “facilitada”, pois provocou flexibilidade nas configurações desse processo. Também engendraram novas possibilidades de escritores saírem do anonimato e conseguirem alcançar popularidade e reconhecimento por parte de leitores mais novos, a deixar os conservadores “à deriva” dessa versatilidade e novas formas de escrever, envolvendo suportes de produção tecnológica.

Reitera-se, portanto, a importância de trabalhar na sala de aula com os vários artifícios que se apresentam na totalidade desses gêneros, com o propósito de levar alunos a experimentar também novos formatos digitais que surgiram com as tecnologias, uma vez que cresce a cada dia o número de alunos que passam a acessar a internet. Grande parte do que acontece hoje, no mundo, se reflete sobremaneira na internet. Portanto, devemos usá-la como ferramenta de engajamento e proximidade entre os alunos e a literatura. Freitas (2011) dialoga com esse pensamento, ao apontar que:

Pode-se dizer que com a presença do computador e principalmente da internet surgem a cada dia inovações na forma de leitura, entre as quais há um predomínio da leitura extensiva: os internautas leem, em grande

quantidade e velocidade, embora não de forma aprofundada. Há, no entanto, também oportunidades de leitura intensiva na internet em sites que oportunizam contato com a literatura, artigos científicos e culturais. (FREITAS, 2011, p. 207)

O excerto acima reitera a presença do universo digital no nosso cotidiano. Nesse sentido, os ambientes digitais não são apenas um espaço de comunicação e de interação, mas também de troca de ideias, que vai ao encontro das novas possibilidades que a hipertextualidade (resultado da modernidade e tecnologia) nos trouxe. É nesse contexto que devemos pensar a literatura hoje: também como um espaço que agrega culturas eletrônicas, que favorece as possibilidades de contato do aluno como o texto, como bem diz Walty (2011), na obra *Livros & Telas*:

Pode-se afirmar que é nesse campo, móvel e complexo, que a literatura pode e deve ser pensada hoje. Isso porque a literatura é um elo de uma rede cultural que se expande para o norte, o sul, o leste e o oeste, sem se estabelecer escaninhos prefixados, seja das bibliotecas, seja das escolas e dos museus. Hoje, assim como a identidade pessoal ou nacional faz-se múltiplos pertencimentos num jogo relacional, também a identidade textual só se constrói em processo (WALTY, 2011, p. 110).

Resta deixar claro que a presença por si só dessas novas formas de leituras digitais não é suficiente para a construção do conhecimento que buscamos hoje. O professor deve também saber aplicá-la, haja vista que o seu valor também está em como será usada. Assim, não basta ter tecnologia disponível somente. Para além disso, é preciso que tenhamos um professor para mediar o aluno com as tecnologias. Também esse novo formato não invalida a importância que devemos dar ao livro físico. O fato de uma boa parte desses formatos de leitura virtual serem pagos, pode dificultar o acesso de alguns leitores, por não disporem condições financeiras para pagar os altos custos.

3 RELAÇÃO ENTRE LEITURA E LITERATURA

É impossível pensarmos um sistema educacional onde não haja leitura enquanto estratégia de diálogo com as práticas sociais comunicativas que predominam na atualidade e com os seus elementos e/ou recursos linguísticos utilizados. Em vista disso, a existência de referenciais culturais dentro e fora da sala de aula, implica necessariamente em perpassar aspectos específicos de leitura, posto que a leitura envolve algumas capacidades, entre elas “as perceptuais, as motoras, as afetivas, as sociais, as discursivas e as linguísticas” (ROJO,2009, p. 75). São essas habilidades que levam leitores a refletirem sobre o texto, engajando-se nele com mais consciência crítica.

Já a literatura, além de proporcionar deleite, compaixão e entretenimento, vai além do que possamos imaginar. Contudo, ainda que se limitasse a apenas isso, já valeria a pena experiênciá-la. “Literaturar” (se fosse um verbo) teria no seu significado o sentido de ação que se move para o bem, para o necessário, para além do que os bens materiais possam proporcionar, pois é no diálogo com o texto literário que o indivíduo se permite sair de si para encontrar o outro, “ver “outras realidades e assim, vivenciar novas experiências.

O conjunto dos escritos acima nos leva a relacionar leitura e literatura de forma indissociável. Ambas têm o propósito de descortinar o sentido da palavra-objeto, não se limitando à sua decodificação, necessitando da experiência prévia do leitor para alcançar a concretização dos significados do texto. Por meio dela, o indivíduo interage com o mundo. Partindo desse pressuposto, neste capítulo iremos discorrer sobre as contribuições da leitura e literatura para o leitor, a importância da formação leitora e o protagonismo do leitor na sociedade contemporânea, bem como a relação do gênero miniconto digital com o leitor atual, quais das suas especificidades podem atrair leitores do universo ao qual estamos tratando aqui, alunos de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental da Educação Básica.

3.1 Atributos da leitura e literatura contemporânea

Na nossa sociedade o direito à apreensão da leitura crítica ainda está

atrelado às classes dominantes, à ascensão social, embora aparentemente, esse direito se estenda a todas as pessoas. A “boa” formação leitora do indivíduo faz dele uma pessoa “livre” no sentido de ter consciência, de colocar em prática a sua cidadania, possibilitando-lhe refletir, posicionar-se e atuar sobre uma dada realidade.

É por meio dessa leitura consciente e crítica que o indivíduo interage com o mundo e adquire uma postura mobilizadora dentro da sociedade na qual está inserido. Tal ideia dialoga com uma das três elucidações que Silva (1986) apresenta em sua obra *Leitura na escola e na biblioteca*, sobre os atributos da leitura:

[...] a leitura mais produzida é aquela capaz de gerar a reorganização das experiências do leitor ao nível individual e, ao nível coletivo, aquela capaz de gerar o máximo de conflito entre as interpretações – isto porque esse tipo de leitura, além de permitir a liberdade de interpretação e expressão, faz com que os leitores se enriqueçam mutuamente através de elucidações e justificativas constantes, conseguidas através da discussão e do debate. (SILVA, 1986, p.15)

A citação acima reafirma os “poderes” que a leitura proporciona ao leitor, quando põe seu cérebro em “ebulição”, para conseguir resultados críticos, reflexivos e até mesmo transformadores, indo do individual ao coletivo. Entretanto, conforme Rojo (2009), durante muito tempo, a leitura foi vista como uma atividade simplista, que envolvia basicamente, percepção e decodificação de grafemas. Foi a partir de estudos acerca da alfabetização e, conseqüentemente, de outras formas de relacionar-se com o conhecimento, a exemplo de Paulo Freire, que a leitura passou a ser vista como decorrente da leitura de mundo – conhecimento de mundo. Sobre essa leitura, aponta o autor:

a leitura de mundo precede a leitura da palavra. Daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1988 p.11).

Esse conhecimento de mundo ao qual Paulo Freire faz referência, respeita as experiências que cada leitor traz consigo, que são subjetivas e intransferíveis, pois são suas “bagagens” adquiridas ao longo da vida – seja pessoal, familiar, cultural – que o fazem interagir com o texto, condicionando ou determinando sua compreensão do texto/mundo.

O pensamento do educador dialoga com a contemporaneidade no que diz

respeito ao gênero miniconto digital, uma vez que, para compreendê-lo, deve-se levar em conta a pluralidade de interpretações que esse gênero traz consigo, assim como os desafios e provocações que ao leitor se impõem, exatamente pela possibilidade de leitura aberta que ele propõe. Também o fato de o leitor encontrar facilidades no seu acesso impulsiona sua receptividade, uma vez que se torna mais frequente seu contato com esses novos textos.

Assim, quanto maior for a diversidade de experiências do leitor, mais previsões acerca da leitura ele fará e, conseqüentemente, quanto mais o indivíduo prevê, maiores são as possibilidades de compreensão. Dessa forma, podemos afirmar que leitura é um processo de compreensão subjetivo, na medida em que não podemos homogeneizar esse processo, pois ela não ocorre de forma igual para todos. Também decorre identificar os processos pelos quais as produções textuais perpassaram até que a leitura chegue ao seu propósito final: o leitor. É nele que se incorporam as vivências e os registros da história da leitura.

Portanto, pensar sobre literatura decorre não somente em criar condições para a libertação social e cultural do indivíduo, mas sobretudo na consciência de direitos iguais e, conseqüentemente, na consolidação de um olhar mais sensível para com o próximo. Eco ratifica esse pensamento quando aclara que:

As obras literárias nos convidam à liberdade da interpretação, pois propõem um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante das ambigüidades e da linguagem e da vida. Mas para poder seguir esse jogo, no qual cada geração lê as obras literárias de modo diverso, é preciso ser movido por um profundo respeito para com aquela que eu, alhures, chamei de intenção do texto. (Eco, 2000, p.4)

Esse plano de leitura, que anda lado a lado com as possibilidades plurais de interpretação, tornando a linguagem peculiar/diferente, dialoga com o conceito de literatura na visão da teoria formalista. De acordo com essa linha de pensamento, a linguagem literária é “um conjunto de desvios da norma, uma espécie de violência linguística”, que causa “estranhamento” e que usa “artifícios” para tal (EAGLESTON, 1983, p.5), ou seja, ela foge da comum, do cotidiano e do senso comum.

A presença da criatividade e da ficção, no entanto, não é condição que determina se o texto é literário ou não. De acordo com Roman Jakobson *apud* Eagleston (1993, p.2) uma das formas de confirmar a presença de literatura nos textos escritos é verificar a forma como a linguagem é utilizada, ou seja, o manejo com os

recursos figurados, verbais, imagéticos, dentre outros. Esta, ao sair daquilo que chamamos de convencional e real, perpassando por diferentes interpretações e significados, a depender de quem a lê e ou do contexto de produção, é também o que chamamos de literatura.

Assim, é a especificidade da linguagem empregada nessa arte que a faz ser diferente das demais, vindo a despertar fantasia, imaginação e curiosidade por parte de quem tem contato com ela. Por essa razão, quanto mais os véus encobrem seus significados, tornando os vazios ocultos, mais inquietação traz ao leitor, levando-o a sair de si para o desvendar das palavras, adentrando no universo dessa forma de expressão até que, finalmente, incorpore uma postura sensível e se abra para o outro e, conseqüentemente, para novas experiências e reinvenção. Paralelamente a isso, podemos dizer que a literatura busca ainda o conhecimento. Na atualidade, esse conhecimento também está ligado à cultura eletrônica, cabendo ao leitor entender essa originalidade, de forma a estreitar suas relações com as novas tecnologias.

Numa outra perspectiva, Iser (1986) nos apresenta uma possibilidade da existência de um outro leitor: aquele que consegue converter a imagem palpável do texto para a virtual – imaginativa –, momento em que passa a ter sentido para quem lê. É aqui que se concretiza o diálogo/entendimento com o texto:

Na imagem sucede o preenchimento do que o modelo textual omite e ao mesmo tempo esboça por sua estrutura. Tal “preenchimento” apresenta-se como condição elementar para a comunicação e, embora o autor nomeie esse modo de comunicação, sua explicação não tem efeito sobre o crítico, pois para ele o sentido apenas pode se converter em sentido ser for apreendido por meio de uma linguagem referencial. (ISER, 1996, p.32)

Esse preenchimento, conforme Iser, acontece no momento em que o leitor interage com o texto, a tal ponto de recriá-lo a seu modo. Ainda a despeito da leitura e literatura cabe uma reflexão pertinente. As duas estão em constante movimento e mutação. Mudaram as formas de conceber a leitura. Num passado longínquo, não se podia ler e escrever ao mesmo tempo. Na atualidade, a tecnologia revolucionou essas formas e suportes de leitura, que estão em constante mudança, indo do impresso ao digital, vindo a mobilizar novas estratégias de leitura e provocando novos direcionamentos nos processos de significação.

Assim, com a expansão da internet, a literatura passou por um processo de renascimento, fator que vem possibilitando, cotidianamente, a criatividade na

composição literária, como estratégia de atrair novos apreciadores dessa estética, com inserção e, como consequência, a valorização de textos, antes considerados menores, marginais ou de massa (pois podem se originar sobretudo da periferia). Não é esta a literatura que a grande maioria dos leitores mais conservadores liam (ou leem) a exemplo dos cânones literários⁴, mas nem por isso deixa de ser literatura. Nesse debate, Zilberman (2011), afirma que:

Cabe respeitar e valorizar o tipo de leitura que a “tela” proporciona e reconhecer a contribuição que a expansão do universo digital tem feito aos procedimentos de criação literária – divulgando-os, dando margem ao aparecimento de novos paradigmas teóricos e críticos. (2011, p.89)

Portanto, o reconhecimento daquilo que o digital pode proporcionar aos leitores, principalmente os jovens nessas novas formas de tecnologia oportunizam também novas produções. Nesse contexto é que o gênero miniconto digital e outras produções contemporâneas pode se fortalecer, na junção da tecnologia com a literatura, sendo que, é a partir dos leitores, que surgirão novos estudos e teorias, para que possamos enxergar de forma mais plausível as contribuições dessa união.

Entretanto, há uma ressalva a ser feita no que diz respeito ao físico: o livro possivelmente continuará a existir, pelo fato de ser insubstituível, palpável, podendo ser guardado, revisto e relido quantas vezes se queira. Além disso, relaciona-se com as memórias afetivas do leitor (o cheiro de novo ou de guardado aguça as memórias afetivas, da época em que, por exemplo, foi lido pela primeira vez). Tudo o que pode se eternizar no livro físico faz dele um elemento material que tem ressignificado, pois evidencia as memórias humanas e, portanto, a infinidade.

Outro aspecto a ser considerado quando abordamos a temática da tecnologia digital é o fato de alguns leitores não terem as competências hipertextuais que sejam coerentes com um diálogo mais próximo com essa tecnologia que agora se apresenta, em razão de mudar o tipo de texto, sobretudo, suas condições de leitura, linguagem, suporte, interesses dos envolvidos e assim por diante. Assim, a escola deverá ser um espaço que aproxime esses leitores de textos mais contemporâneos.

O ciberespaço, no que diz respeito ao contexto de nossas reflexões para este trabalho, tem essa possibilidade de levar o leitor a novos conhecimentos e

⁴ Diz respeito às obras literárias que passaram de algum modo por um crivo de legitimidade (COSSON, 2021, p.88)

construções, por intermédio de hipertextos. A internet é, pois, mediadora nesse processo de aprendizagem. Os dispositivos móveis (smartphones, tablets, iphone) nos trazem a possibilidade de ter acesso a ela a qualquer tempo e local, posto que eles têm um grande potencial nesse novo cenário de aprendizagem.

Por esta razão, é importante trazer para a sala de aula não somente o texto impresso, mas também as mudanças provocadas por essas inovações, uma vez que elas dialogam e se concretizam, simultaneamente, com e por esse “universo” permeado de artefatos digitais. Essas mudanças devem ir além do que vivenciamos hoje na prática de alguns professores. Rojo (2009) evidencia em sua obra “Letramento múltiplos, escola e inclusão social” que devemos ampliar e democratizar tanto as práticas de letramento, como também o “universo e a natureza” dos textos que circulam na escola:

Essas múltiplas exigências que o mundo contemporâneo apresenta à escola vão multiplicar enormemente as práticas e textos que nela devem circular e ser abordados. O letramento escolar tal como o conhecemos, voltado principalmente para as práticas de leitura e escrita de textos em gêneros escolares (anotações, resumos, resenhas, ensaios, dissertações, descrições, narrações e relatos, exercícios, instruções, questionários, dentre outros) e para alguns poucos gêneros escolarizados advindos de outros contextos (literário, jornalístico, publicitário) não será suficiente (...) (ROJO, 2009, p. 108)

Embora a referida obra tenha sido escrita há mais de uma década, sabemos que essa ainda é uma realidade que permeia a prática diária do professor de Língua Portuguesa do ensino fundamental. Entretanto, em meio a tantas diversidades, complexidades, desafios e exigências que o professor tem, é necessário que ele entre em conformidade com as demandas tecnológicas que a educação traz consigo hoje.

Corroborando, desta forma, não apenas com uma participação mais ativa dos seus alunos em práticas de ambiente digitais, mas também nas culturais em que não somente as tidas como “valorizadas” ou “superiores” servem de discussão e produção em sala de aula, mas também aquelas que pertencem à cultura do aluno, promovendo sua proximidade com os gêneros digitais.

Possivelmente conseguiremos proporcionar protagonismo aos alunos nas formas de conceber conhecimento, se os submetermos à exposição e os levarmos a se familiarizar com essas tecnologias, como mediadores que buscam gerar autonomia para que possam lidar com elas.

3.2 Formação leitora e protagonismo do leitor na era digital

As pessoas estão cada vez mais conectadas com a internet, é ela que possibilita assistir a aulas on-line, fazer cursos e compras à distância, visitar espaços virtuais como museus, galerias e bibliotecas, de qualquer lugar do mundo e no conforto de nossas casas. Além disso, permite que pessoas de diferentes áreas possam se ajudar de forma mútua e simultânea, compartilhando interesses e experiências vivenciadas. A esse respeito, Lévy acrescenta ainda:

Os pesquisadores e estudantes do mundo inteiro trocam ideia, artigos, imagens experiências ou observações em conferências eletrônicas organizadas de acordo com os interesses específicos. Informatas de todas as partes do planeta ajudam-se mutuamente para resolver problemas de programação. O especialista de uma tecnologia ajuda um novato de enquanto um outro especialista o inicia, por sua vez, em um campo no qual ele tem menos conhecimento (LÉVY, 1999, p.29)

Um dos fatores positivos que o mundo digital nos trouxe foi o fato de os aparelhos de comunicação se interconectarem. Isso se traduz em uma evolução ou revolução tecnológica, causando impacto na sua extensão e receptividade. Paralelamente, essa “democracia” digital refletiu na educação, de forma direta, nas formas de lidar com esses artefatos e com novos leitores, uma vez que “os jovens têm se engajado cada vez mais como protagonistas da cultura digital, envolvendo-se diretamente em novas formas de interação multimidiática e multimodal e de atuação social em rede, que se realizam de modo cada vez mais ágil” (BRASIL, 2018, p.61). Essa interação efetiva com as tecnologias, portanto, pode proporcionar estratégias de leitura que promovam maior participação e interesse por parte dos alunos.

Antes da escrita, as pessoas envolvidas num processo comunicativo tinham de compartilhar o mesmo tempo e espaço, para que houvesse de fato a compreensão da comunicação. Posteriormente, esses elementos não mais tinham de estar interligados, pois surgiu a escrita e com ela a possibilidade de uma mensagem ser escrita num determinado lugar e somente anos depois ser interpretada ou lida. Emissor e receptor tornaram-se assim, distantes, separados, não mais advindos dos mesmos contextos históricos. Isso, por um lado, poderia dificultar a compreensão de uma mensagem, por exemplo, pois perdia-se, com o tempo, a noção do contexto

em que fora produzido. A esse respeito, Cascarelli, respalda:

Nas sociedades antigas sem escrita, os atores da comunicação estavam no mesmo tempo e no mesmo local, partilhando o mesmo contexto e interação, mas a transmissão da cultura, de ritos e crenças, apesar de fluir pela tribo, era restrita a cada comunidade, separadamente (...). A partir da escrita, emissor e receptor da mensagem não partilhavam mais os mesmos tempo e espaço. Quando se lia um texto produzido havia muitos anos, perdia-se a noção do contexto em que ele fora criado, dada a inexistência, a essa altura, de narradores para atualizarem. (COSCARRELLI, 2003, p. 17,18)

Entretanto, no cenário de tecnologia digital, essa possibilidade de emissor e receptor, optarem pelo compartilhamento da mensagem, a qualquer tempo e lugar torna-se novamente real. A mesma mensagem é conectada a outras, originando vários receptores. Isso implica dizer que múltiplos interlocutores dialogam com o mesmo texto. Assim, os conceitos de próximo e distante, aqui, ganharam uma nova conotação, pois pessoas, ainda que morem em países diferentes, por exemplo, podem se aproximar de forma rápida, através das tecnologias.

Diante do aprimoramento dessa evolução tecnológica, a sociedade deve adaptar-se a esses novos aparatos, de forma a aproximar-se mais da literatura, percorrer seus meandros, perceber e dialogar com esse entrelaçamento com outras formas de comunicação, que tem relação com a agilidade do pensar também do leitor atual. Desde quando surgiram as telas de computadores, mudamos enquanto leitores, uma vez que passamos a fazer intervenções no texto de forma tecnológica. As linguagens também passaram por mudanças significativas.

Nessa nova dinâmica, o leitor passou a ter mais interatividade com o texto, assim, suas habilidades tiveram que se adaptar ao recurso que cada suporte e demandas passaram a carregar consigo, começando a exigir dele outros saberes para fazer novas interpretações e percepções textuais, entre elas, a materialidade cognitiva. Aqui também o espaço passou a ter múltiplas funcionalidades que o leitor vai descobrindo. Santaella (2021) reitera essas mudanças de suportes e junção de linguagens que levam a novos leitores:

O leitor do jornal não é o mesmo que o leitor do livro. Este também se diferencia do leitor das telas digitais, pelo simples fato de que, nestas, a linguagem se estrutura por meio da interação do leitor cuja tarefa é acionar nós e conexões que ligam, por meio de saltos, linguagens que mistura o texto verbal a todos os outros tipos de linguagens não verbais. Devido a esse tipo particular de composição semiótica, a linguagem híbrida das redes é chamada de hipermídia, uma mistura do hipertexto (partes textuais que vão se conectando de um nó a outro sob ação do autor) e da multimídia (os textos

não são mais apenas verbais, mas miscigenados com o visual e o sonoro (SANTAELLA, 2021, p.17).

A afirmação acima dialoga com a temática do presente trabalho, uma vez que apresenta as diferentes composições textuais para culminar em novos tipos de leitores contemporâneos. Daqui se origina o conceito de texto híbrido e leitor imersivo nessa nova era digital. São eles os leitores protagonistas do miniconto digital, pois mantém relação de “proximidade” com o autor a ponto de tornar-se coautor.

Esses textos são denominados híbridos porque há compartilhamentos de informações dentro das próprias telas. Os leitores passam a deslizar a tela/texto de um lado a outro, dinamicamente, atuando de forma ativa na sua (re)construção. Esse leitor visita sites, complementa o entendimento do texto buscando um vídeo, acessando links, procurando o significado de uma palavra no dicionário online, dentre outros recursos da contemporaneidade. Essa flexibilidade levou a mudanças de configurações no ato de ler.

Os novos textos, veiculados por aparatos tecnológicos, também são híbridos porque contém informações hipertextuais que vão das imagens estáticas aos vídeos. Os alunos também, enquanto leitores, se conectam e interagem dentro dessas redes de comunicação. Daí por que são chamados imersivos. Ainda sobre esse tipo de leitor, aclara Santaella:

É imersivo, porque, no espaço informacional, perambula e se detém em telas e programas de leituras, num universo de signos evanescentes e eternamente disponíveis. Cognitivamente em estado de prontidão, esse leitor conecta-se entre nós e nexos, segundo roteiros multilíneares, multissequenciais e labirínticos que ele próprio ajuda a construir ao interagir com os nós que transitam entre os textos, imagens, documentação, músicas, vídeos. (SANTAELLA, 2013, p. 288)

Esse tipo de leitor não invalida a existência dos outros dois tipos. Assim, o surgimento de um não leva o anterior a deixar de existir, pois, certamente, eles se completam. De acordo com Santaella (2013) ainda há o leitor contemplativo e o movente. Este advém da sua constante exposição a conteúdos audiovisuais e da constante agitação dos centros urbanos, fazendo com que ele faça associações, seja intuitivo e saiba sintetizar claramente as informações do texto. Aquele é oriundo de leitura individual e solitária que, não tendo com quem dialogar, isola-se na sua intimidade e abstração mental.

Em face da revolução tecnológica que hoje permeia essas relações que se

interpenetram e interconectam, há mais facilidade de acessar a leitura hipertextual, pois a diversidade de textos aumentou e, por consequência, as possibilidades de concretizá-la. Entretanto, há uma proximidade tênue dessas tecnologias com outras, o que pode ocasionar em distanciamento do leitor de ambientes digitais, pois no espaço informacional da tela podem surgir vídeos e filmes, que chamam a sua atenção, podendo dispersá-lo e, até mesmo conquistá-lo.

Cabe ao professor, como alguém que tem uma relação mais próxima com a educação e com os jovens, mudar posturas frente a essa novidade, isto é, direcionar as diversas possibilidades de seu uso, trazendo para a escola uma proposta de interação com leituras que envolvam as plataformas digitais. É importante salientar que o leitor digital foi potencializado a partir de novos suportes de leituras. Assim, a formação literária deve se concretizar a partir desse novo leitor, que constrói o conhecimento e explora os espaços de forma rápida, dinâmica, interagindo com os poderes que a literatura pode proporcionar, agora dialogando com as formas contemporâneas de tecnologia.

O leitor digital deve se adequar a essas tecnologias atuais, que têm relação direta com as várias linguagens presentes no texto, pois o acesso deles ao conhecimento com o uso da internet permitiu que desenvolvessem novas habilidades, assim como permitiu que esses leitores “evoluíssem” a tal ponto de conseguir fazê-los ler utilizando todas essas linguagens ao mesmo tempo.

É nesse contexto que o ciberespaço estreou uma era nas comunicações e, conseqüentemente, na educação. Assim, constatamos que essa possibilidade de ter acesso a textos digitais, sem limites, a qualquer momento, bem como produzi-los com recursos tecnológicos contemporâneos já se normalizou nos ambientes de nossa vivência, nas nossas relações interpessoais e principalmente no nosso cotidiano.

Entretanto, é importante enfatizar primeiramente que mudanças só ocorrem de modo satisfatório quando emergem de uma necessidade com propósitos de alcançar objetivos comuns. O contexto social permite ao aluno o direito de fazer escolhas sobre sua leitura e é nesse momento que se destaca, novamente, a figura do professor enquanto mediador para orientá-lo e fazê-lo despertar para a leitura do texto literário e o que ele pode proporcionar.

É nesse processo que o leitor-aluno não somente troca experiências, mas também se humaniza moralmente, tornando-se mais consciente quanto ao seu papel de existência, tendo empatia para com o próximo e se colocando no lugar do outro.

Iser (1996), em sua obra *O ato da leitura*, faz essa associação do ato de ler com a apreensão de experiências:

O leitor não consegue mais se distanciar dessa interação. Ao contrário, ele relaciona o texto a uma situação pela atividade nele despertada; assim, ele estabelece as condições necessárias para que o texto seja eficaz. Se o leitor realiza os atos de apreensão exigidos, produz uma situação para o texto e sua relação com ele não pode mais ser realizada por meio da divisão discursiva entre sujeito e objeto. Por conseguinte, o sentido não é mais algo a ser explicado, mas sim um efeito a ser experimentado. (ISER,1996, p.33-34)

Assim também acontece com a educação, que evoluiu para práticas de interação entre professor e aluno, o que antes não existia. Percebe-se assim que o leitor também passou a dialogar com o texto digital, à medida que o vai movendo para onde quer, de forma a construir o seu saber com o texto. Silva (2008, p.43) colabora com esse pensamento, ao aclarar que esse tipo de leitor é aquele “que navega pelas infovias das redes planetárias de comunicação”. Além disso, ele não apenas extrai informações do texto, mas contribui com a sua concretude, quando aciona os seus conhecimentos para lhe atribuir significados, tornando-se protagonista dessa relação.

4 METODOLOGIA: O PERCURSO

Neste capítulo é apresentado todo o percurso que trilhamos no decorrer da pesquisa, que teve como ponto de partida a contribuição de teóricos que versam sobre a temática. Após mergulharmos no estado da arte, investigando sobre a teoria, como forma de desvelar com maior profundidade informações relevantes para nossa pesquisa, percorremos a análise de 2 (dois) livros didáticos aprovados no último Plano Nacional do Livro e do Material Didático, o PNLD, a saber: *Singular & Plural: leitura, produção e estudos de linguagem*, das autoras Marisa Balthasar e Shirley Goulart e o exemplar *Português Conexão e Uso*, de Dileta Delmanto e Laíz B. de Carvalho.

O objetivo dessa análise foi o de fazer uma investigação rápida, mas não superficial, de como essas coleções trabalham os hipertextos, se levam em conta os critérios de competências conforme a BNCC orienta, se há direcionamentos para que o professor fomente habilidades específicas do aluno no que diz respeito às várias possibilidades de leituras, inferências, relação imagem e texto, discursos, entre outros elementos que podem se apresentar no gênero miniconto digital.

Também procuramos constatar se há nesses livros didáticos a interligação entre aluno, tecnologias e literatura, característica central do miniconto digital, uma vez que estamos lidando com alunos que cada vez mais se apropriam das mudanças tecnológicas. Assim, o principal recurso didático que possivelmente a maioria dos professores utiliza deve estar ancorado nessas transformações.

A partir dessa apreciação dos livros didáticos, nos alinhamos com alguns dos elementos que seriam importantes destacar na etapa seguinte do trabalho: a análise de minicontos em 2 (duas) plataformas digitais. O propósito foi o de descortinar/desvelar as características do gênero, sua receptividade e relevância dentro do contexto literário, bem como na formação de leitores literários críticos da sociedade contemporânea, indo pelo mesmo viés do aporte teórico utilizado.

Para melhor compreensão de nosso percurso, o capítulo está dividido em quatro subseções: a primeira apresenta a fonte de dados do objeto de estudo; a segunda trata do campo de estudo e critérios de análise nos livros didáticos e plataformas digitais; a terceira versa sobre o caminho metodológico da pesquisa: a abordagem, natureza, procedimentos, delimitação do corpus, os resultados dos

recortes das apreciações do livro didático; e a quarta traz a descrição do produto educacional voltado para professores de Língua Portuguesa, tendo como base a análise dos minicontos em livros didáticos.

4.1 Fonte de dados

A escolha pelos livros didáticos apresentados se deu pela familiaridade que a pesquisadora possui com eles, pois servem de apoio em pesquisas para elaboração de atividades e planejamentos de ensino como docente. No que diz respeito aos anos finais desse ensino, deve-se ao fato de ser professora dos referidos ciclos e perceber, na prática, a pouca materialidade do gênero miniconto em livros didáticos, além da maior maturidade etária que se espera desses alunos em relação às turmas que os antecedem.

Para a análise do gênero miniconto digital, usamos o blog *Minimínimo – tudo a dizer em 200 caracteres* e nos sites *marinacolasanti.com* e *nemonox.com*. Consideramos que o referido blog pode ser um “espaço” que favorece o trabalho do professor com minicontos digitais.

A escolha pelo blog aconteceu após uma curadoria, por constarmos neles a presença de muitos elementos que podem contribuir para a receptividade da leitura digital, citados ao longo deste trabalho e também pelo seu nome suscitar para as características centrais que o gênero miniconto apresenta, levando leitores a deduzir a irreverência e exiguidade que ele requer, assim como também as várias lacunas interpretativas que o aluno deve preencher para construir seu conhecimento e preencher a história por trás da história.

Outro fator que nos motivou a fazer a escolha desse blog foi o fato de ele ser bastante objetivo e ter sido idealizado por um conjunto de colaboradores e apreciadores de literatura. Em suma, pessoas de diferentes lugares se unem num espaço virtual, tendo um objetivo em comum: produzir minicontos.

Os critérios de escolha pelos sites www.marinacolasanti.com e www.nemonox.com se deram após a constatação da presença de minicontos que poderiam atrair alunos inseridos no contexto do ensino fundamental. Além de imaginarmos que alguns alunos, provavelmente, já tenham lido algum texto da escritora que leva o nome do site. Sendo o outro, foi escolhido pelo seu projeto visual, por possuir manobras hipertextuais que levam o leitor a interagir com o texto.

Tanto o blog como o site são ferramentas digitais de comunicação que estão em constante diálogo com a cultura viva de uma comunidade, seja ela de professores, de alunos ou consumidores de algum produto (ou ideia) enfim, há uma infinidade de interesses que atraem “leitores/usuários” de plataformas digitais.

4.2. Campo de estudo e critérios de análise nos livros didáticos e plataformas digitais

O interesse pelo corpus deste trabalho foi o de contribuir para o desenvolvimento da leitura literária e hipertextual na sala de aula, especificamente o miniconto digital, tendo em vista a pouca fortuna crítica de cunho reflexivo nessa perspectiva de análise no que diz respeito à presença desse gênero nos livros didáticos de língua portuguesa e em plataformas digitais.

Assim, pretendemos com esse estudo, nos apropriar com mais materialidade dos minicontos digitais, constatando suas potencialidades e auxiliando professores (que ainda têm desafios, seja pela ausência de formação, despreparo ou mesmo dificuldade de acessar materiais) a dialogar com esse gênero, reconhecendo suas características e contribuições para a formação literária reflexiva de alunos inseridos na sociedade contemporânea.

A elaboração desta pesquisa tem como objeto de estudo, 2 (duas) coleções de livros didáticos do componente curricular Língua Portuguesa, além de dois sites e um blog. O propósito foi verificar nesses objetos a presença do gênero miniconto, como essas obras o apresenta, como são suas sequências de atividades, se consideram o contexto contemporâneo tecnológico o qual os alunos do ensino fundamental de 8º e 9º anos da Educação Básica estão inseridos, bem como a adequação conforme a BNCC orienta (no caso do livro didático).

Dessa forma, nossa pesquisa parte de dados do livro didático numa abordagem qualitativa, uma vez que pretendemos identificar, mas principalmente dialogar com os elementos encontrados no miniconto. Em Paiva (2019) encontramos uma outra denominação para esse termo: a interpretativa. Nesse sentido, buscamos compreender o que está por trás desses dados, interagir com eles e fazer relação deles com o aporte teórico.

Assim, o trabalho também tem base documental, uma vez que nos apoiamos em variadas fontes para o desenvolvimento desta pesquisa por meio da análise e interação com textos diversos, como artigos, dissertações e documentos

oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular. Entre as várias vantagens desse tipo de pesquisa está a de termos ao nosso alcance uma variedade significativa de material que servirá de respaldo, diálogo, comparações e convergências sobre o objeto da pesquisa e isso, conforme Gil (2002), pode contribuir positivamente para termos uma melhor visão do problema. Abaixo, segue as reflexões do referido autor sobre essa linha de investigação:

A pesquisa documental apresenta uma série de vantagens. Primeiramente, há que se considerar que os documentos constituem fonte rica e estável de dados. Como os documentos subsistem ao longo do tempo, tornam-se a mais importante fonte de dados em qualquer pesquisa de natureza histórica. (GIL, 2002, p. 45)

Durante o nosso percurso, fizemos um passeio em coleções de livros didáticos como forma de identificar o miniconto, como ele se apresenta nas referidas obras e se dialogam com o contexto da contemporaneidade à qual nossos alunos estão inseridos. Como estamos abordando o universo digital que envolve cada vez mais esses jovens da atualidade, que têm fascínio pelas linguagens desses ambientes, consideramos pertinente também lançar um olhar reflexivo para as plataformas digitais, com vistas a descortinar os meandros do miniconto digital que o faz ser tão atrativo, e ao mesmo tempo identificar outros elementos presentes nesse gênero, os quais podem contribuir para a leitura crítica e literária de alunos inseridos no nosso contexto educacional.

Como forma de apresentar o trajeto percorrido, vislumbramos no quadro abaixo (Quadro 1) alguns critérios de análise ou de elementos que encontramos ao longo da nossa pesquisa. Eles constituem as categorias que procuramos não somente identificar, mas também interagir, como forma de verificar, primeiramente, como o miniconto é apresentado nos livros didáticos, tendo a BNCC como princípio norteador, e depois a constatação de elementos presentes nesse gênero que podem contribuir para a leitura digital e literária de alunos do segundo ciclo do Ensino Fundamental, nas plataformas digitais.

Quadro 1 - Categorias ou elementos abordados

Categorias ou elementos abordados		
<p>Especificidade do gênero de acordo com teorias apresentadas por Spalding (2008), Bueno (2019) e Rodrigues (2011);</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Brevidade: Narratividade num só núcleo; ▪ Exatidão; ▪ Dinamismo; ▪ Fluidez. 	<p>Teorias da leitura e literatura: Eagleston (1983) Kleiman (1989); (Santaella (2021) e Silva (2008);</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Habilidades comunicativas contemporâneas que levam em conta o protagonismo do leitor. 	<p>Potencialidades do gênero no cenário digital: seus aspectos interativos e conexão simultânea com várias linguagens conforme orienta a BNCC;</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Receptividade do gênero para leitores contemporâneos -figuras de linguagens e relação do texto com a imagem (Joly, 1996).

Fonte: A pesquisa

Após as análises com o propósito de constatar nesse gênero a presença de manobras textuais que contribui para a receptividade da leitura crítica que vai ao encontro do leitor atual, foram feitas as considerações finais seguidas de apresentação do Guia Orientativo como proposta metodológica de intervenção pedagógica.

Dessa forma, o procedimento adotado para a coleta de dados configurou-se como descritiva, de cunho exploratório e documental com relação aos seus objetivos, uma vez que se buscou fontes teóricas para maior aproximação com o objeto, no caso, o miniconto digital, e que serviram como aporte e reflexões no confronto com teorias de que trata a temática desta dissertação. O estudo delas foi necessário para a pesquisa, porque suas reflexões evidenciam para além da pouca fortuna teórica da temática.

4.3 Abordagem, objetivos e procedimentos

A metodologia, em um trabalho de cunho acadêmico, é que torna mais claro o percurso a ser percorrido pelo pesquisador. Minayo (2007, p. 14) trata-a como sendo “o caminho do pensamento, e a prática exercida na abordagem da realidade”, uma vez que pesquisar determinada realidade implica em proceder meios para buscar respostas aos problemas encontrados. Fundamentamo-nos, no presente trabalho, na

metodologia que tem como abordagem a qualitativa, pois fizemos uso de coleta de dados como forma de explicar alguns fenômenos, numa perspectiva dialógica, em livros didáticos e plataformas digitais. Sobre essa abordagem, aclara a citada teórica:

[...] responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes [...]. (MINAYO, 2007, p.14)

Dessa forma, procuramos lançar mão de análises, sem, contudo, quantificar as contribuições das plataformas digitais na receptividade textual. Ainda com relação a abordagem qualitativa, como já sinalizado anteriormente, foi feito o uso de coleta de dados da amostra, como forma de explicar alguns fenômenos, o que pode ocorrer pela comparação de resultados, realização de experimentos, comprovação de teorias, etc.

Assim, como estratégia de endossar o presente trabalho, o corpus dessa pesquisa foi a análise de amostras e discussões a respeito dos resultados, simultaneamente como forma de confirmar ou refutar as contribuições da tecnologia contemporânea, no caso, o miniconto digital, para a formação leitora e literária do aluno, numa perspectiva crítica e reflexiva.

Destarte, na presente dissertação utilizou-se a junção da abordagem qualitativa com a descritiva, dando-se ênfase na perspectiva exploratória, como estratégia de apresentar os resultados. Vale reiterar que ela foi utilizada como uma alternativa de trazer mais respaldo quanto ao embasamento de ideias, vindo a facilitar a sua compreensão. O objetivo principal aqui foi o de aprimorar conhecimentos sobre a temática do trabalho, bem como descobrir intuições e com os estudos acerca do gênero miniconto digital, assim como apresentar conceitos e concepções inseridas na formação da leitura crítica do aluno na sociedade contemporânea.

Para se chegar às circunstâncias e contextos que determinam as leituras de minicontos nessas plataformas digitais, foram apresentados alguns recortes de livros didáticos que trazem em seu extrato a presença do miniconto digital, além do diálogo constante entre literatura e tecnologias, como forma de o aluno alcançar habilidades comunicativas competentes, e também a análise de minicontos em duas plataformas digitais (blog e site).

4.4 Descrição da proposta metodológica

Após as análises, foi elaborado uma proposta metodológica objetivando contribuir com a prática docente, com base nos resultados encontrados sobre o miniconto digital, levando em conta sua receptividade para alunos inseridos no contexto do ensino fundamental de 8º e 9º anos.

Optamos pelo Guia Orientativo porque ele oportuniza aos professores o contato com algumas atividades que tenham o miniconto digital como centralidade, de forma a proporcionar aos seus alunos maior engajamento e interação com esse gênero digital, visto que há um número considerável de plataformas digitais que apresentam tal gênero, entretanto, há poucas atividades voltadas para a leitura e a produção textual deles em nossas salas de aula.

O Guia foi elaborado tendo como base a teoria de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) e algumas competências da BNCC relacionadas ao componente curricular Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental. Através dessa proposta, o professor intermedeia o aluno a experienciar textos orais e escritos de forma a levá-los a ter contato com uma variedade de gêneros da cultura digital.

Nessa perspectiva, professores motivam alunos a lerem e produzirem textos, utilizando técnicas sistematizadas de aprendizagem. Outro aspecto que não pode deixar de ser dito é que esse Guia tem como objetivo principal fazer com que alunos se apropriem reflexivamente da leitura do miniconto digital, de forma mais diretiva, substancial, mas também lúdica, ao tempo em que os levam a terem domínio das habilidades de ler e escrever esse gênero.

Para tanto, essa proposta de intervenção foi organizada em sequências modulares como estratégia de aproximar e ambientar alunos, intermediados pelos professores, quanto às características desse gênero: o que é um miniconto na visão de teóricos e autores desse gênero, quais manobras textuais o miniconto digital utiliza para atrair leitores da contemporaneidade, quais suas características, sugestões de plataformas digitais que apresentam minicontos, apreciação de minicontos, assim como produção e circulação de minicontos digitais em plataformas digitais como forma de garantir que outros alunos também se sintam motivados a descobrir as singularidades que circundam esse gênero.

5 APRECIÇÃO DE HIPERTEXTOS E MINICONTOS DIGITAIS EM LIVROS DIDÁTICOS

Entre algumas atribuições da instituição escolar está a de levar para o seu espaço as relações entre o mundo subjetivo do aluno e a sociedade na qual ele está inserido, em suas constantes e diversas mudanças. Dessa forma, a escola deve promover um diálogo contínuo com uma aprendizagem que leve em conta essas transformações, especialmente as relacionadas com os aspectos culturais, políticos e tecnológicos.

A BNCC, documento que direciona o currículo da educação básica, veio para subsidiar o ensino como um todo, em uma tentativa de homogeneizar uma base mínima curricular, na perspectiva de equacionar as desigualdades de ensino e aprendizagem da educação básica em todo o Brasil. Isso significa dizer, por exemplo, que alunos do estado de São Paulo terão a mesma base curricular que alunos de qualquer outra região do Brasil.

Nessa acepção, propiciar as mesmas possibilidades de ensino e de aprendizagem é algo que está atrelado ao cumprimento desse documento, como forma de tornar igual a aprendizagem dos alunos, portanto. É válido ressaltar que a base curricular é um documento que ratifica o que já era mencionado nos fundamentos das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica - DCN, ao tempo em que dialoga com o Exame Nacional do Ensino Médio - Enem e o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – PISA⁵, uma vez que eles avaliam a consistência da qualidade da educação nacional.

No componente curricular de Língua Portuguesa, como forma de aprofundar o tratamento dos gêneros, há uma divisão por campos de estudos, para que o aluno amplie seus conhecimentos relacionados às esferas jornalística, de atuação da vida pública, de práticas de leitura e pesquisa e artístico literário:

⁵ É o maior estudo sobre educação do mundo e acontece a cada três anos. O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), vinculado ao Ministério da Educação (MEC), é responsável pela aplicação do Pisa no Brasil. No Brasil, foram envolvidas 597 escolas públicas e privadas com 10.961 alunos, selecionados, de forma amostral, a partir de um total aproximado de 2 milhões de estudantes. Fonte: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/acoes-internacionais/pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil>. Acesso em: 20 de mar. 2023.

o contato dos estudantes com gêneros textuais relacionados a vários campos de atuação e a várias disciplinas, partindo-se de práticas de linguagem já vivenciadas pelos jovens para a ampliação dessas práticas, em direção a novas experiências (BRASIL, 2018, p.136).

Essa divisão vem para fortalecer os conhecimentos que os estudantes já trouxeram de anos anteriores e de suas vivências, tanto aqueles que fizeram parte do seu contexto escolar, como aqueles que eles adquiriram em espaços/ambientes não formais de aprendizagem. Os campos de estudos de Língua Portuguesa citados na BNCC estão especificados conforme o Quadro 2:

Quadro 2 - Campos de atuação conforme a BNCC

CAMPO DE ATUAÇÃO			
Jornalístico midiático	Atuação na vida pública	Práticas de leitura e pesquisa	Artístico literário
“Gêneros jornalísticos, informativos, opinativos e publicitários; os que também vão para além dos gêneros como os que consideram as práticas contemporâneas de linguagem: curtir, comentar, questões polêmicas envolvendo redes sociais e os interesses que movem a esfera jornalística midiática.”	Os gêneros de cunho legal, normativos, reivindicatórios e propositivos.	Elaboração de textos-sínteses: quadro-sinóticos, esquemas, gráficos, infográficos, tabelas, resumos, entre outros, que permitem o processamento e a organização de conhecimentos em práticas de estudo (...). Será dada ênfase especial a procedimentos de busca, tratamento e análise de dado (...), estudos e pesquisas, que envolvem gêneros já consagrados e outros da cultura digital.	Manifestações artísticas em geral, e, de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita.

Fonte: Elaboração baseada na BNCC - BRASIL (2018, p, 136, 137 e 138)

Dessa forma, a BNCC propõe um ensino de Língua Portuguesa que tem o texto como centralidade, porque por meio dele é possível trabalhar os 4 (quatro) eixos da esfera linguística: leitura, produção de textos, oralidade e análise linguística/semiótica. Os novos gêneros textuais da contemporaneidade, portanto, devem ser contemplados nesse novo olhar e sob uma nova perspectiva. Outro fator observado quanto ao documento supracitado foi quanto às mudanças relacionadas ao ensino de literatura no ensino fundamental de 6º ao 9º anos, que passou a ser “contemplado” de forma mais concreta e diretiva.

No que diz respeito a esses textos que circulam no ambiente digital, por exemplo, a priori e a partir de nossos estudos sobre a temática em questão, consideramos necessário haver um direcionamento no livro didático, para que o professor possa propiciar efetivamente ao aluno as experiências com a leitura desses gêneros, como forma de ampliar suas possibilidades de compreensão. O fato de o professor ter formação acadêmica para intermediar a aprendizagem do aluno não implica dizer que ele tenha também formação necessária para estabelecer conexões com a BNCC, isto é, o professor pode apresentar dificuldades em dialogar com essas novas propostas e isso, quem sabe, pode estar entre as variáveis que impactam a baixa compreensão de leitura no nosso país.

O último resultado do PISA no ano de 2018, de acordo com o Instituto Nacional Anísio Teixeira – INEP, que traz informações sobre o desempenho de estudantes, apontou que 50% de estudantes brasileiros com 15 anos de idade não possuem nível básico em leitura. Daí a importância de o professor levar para a prática o que diz a BNCC, no que se refere ao uso do livro didático quanto às práticas de leitura. Um dos critérios para aprovação desse livro didático é o seu alinhamento ao projeto político-pedagógico da escola, ao aluno, ao professor e à realidade sociocultural dessas instituições de ensino. Ele deve, portanto, ser um recurso indispensável ao trabalho do professor, entretanto, deve refletir e também consolidar a realidade local e o que diz a referida norma.

A BNCC trata a noção de hipertextos como parte das práticas de linguagem contemporâneas às quais os estudantes do Ensino Fundamental da Educação Básica devem ter acesso para complementarem/desenvolverem as competências a serem adquiridas. Essa norma também considera que os novos formatos de linguagens contemporâneas, como o miniconto digital, fotorreportagem e notícia da web, por exemplo, pelo fato de circularem nas esferas sociais, devem ter relevância nos espaços escolares também.

Daí ser importante que o professor se envolva nesse mundo digital, conheça seus recursos, seus gêneros, suas linguagens e seu potencial, a fim de que possa usá-los ou explorá-los em suas atividades profissionais, junto aos alunos (COSCARELLI, 2009). Isso implica dizer que não basta somente ter tecnologia disponível na escola, mas também um professor que medie esse processo de inserção de atividades interativas em sala de aula. Esses recursos usados nas plataformas digitais, que vão para além da linguagem verbal, permitem possibilitar ao

aluno a compreensão dos objetos de conhecimentos de Língua Portuguesa, pois as imagens e links, por exemplo, vêm para complementar alguma informação, subsidiando a receptividade do texto.

Nessa acepção, como forma de nos aproximar com mais consistência da nossa temática, fizemos um “passeio” por 2 (duas) coleções didáticas, do componente curricular Língua Portuguesa, do 8º e 9º anos do último PNLD⁶, a saber: **Singular & Plural**: leitura, produção e estudos de linguagem, das autoras Marisa Balthasar e Shirley Goulart; **Português Conexão e Uso** de Dileta Delmanto e Laíz B. de Carvalho.

O PNLD foi executado de forma colaborativa pelo Ministério da Educação (MEC) e Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e instituído pelo Decreto de nº 9.099 de 18 de julho de 2017, que ampliou o escopo do programa, incluindo as obras literárias e a previsão de outros materiais como forma de apoio à prática educativa: obras pedagógicas, softwares e jogos educacionais, materiais de reforço, entre outros. Constituem como alguns dos objetivos desse programa o de aprimorar o processo de ensino e aprendizagem e garantia do padrão de qualidade do material de apoio à prática educativa utilizados nas escolas públicas e da educação básica, com a conseqüente melhoria da educação e ainda fomentar a leitura e o estímulo à atitude investigativa dos estudantes. O livro didático, portanto, faz parte das ferramentas de apoio à prática educativa dos alunos.

O objetivo deste trabalho quanto à análise dos livros didáticos foi o de verificar se eles levam em conta os critérios de competências conforme a BNCC orienta, como o miniconto e miniconto digital são apresentados ao aluno e se há direcionamentos para que o professor fomente habilidades específicas no que diz respeito às várias possibilidades de receptividade de leituras, inferências, relação imagem e texto, e outros elementos presentes nesse gênero. Como forma de auxiliar na análise, paralelamente ao livro didático, fizemos também uma análise do guia do professor que acompanha o livro das coleções analisadas.

Constatamos que, na base teórica do guia que acompanha o livro, todas as autoras salientam que o espaço escolar necessita de um ambiente que proporcione

⁶destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público.
Fonte: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/318-programas-e-aco-es-1921564125/pnld-439702797/12391-pnld>. Acesso em: 20 mar. 2023

aos alunos experiências e interações com os modos de leitura lineares, mas também as não lineares ou hipertextuais. Encontramos nas coleções analisadas, de forma geral, exemplos desses gêneros: histórias em quadrinhos, gifs, gráficos, folder de campanha, infográficos, mensagem instantânea, tirinhas, charges, memes, cartaz, propaganda publicitária, capas de revista, fotografia, cartum, página de jornal impresso.

Dessa forma, no guia dos livros do professor que foram analisados, as autoras orientam para o uso de textos que usam diferentes linguagens, o que demonstra um alinhamento com aquilo que dizem as diretrizes presentes na BNCC. Apresentamos a seguir um recorte do sumário da primeira obra analisada (Figura 1), assim como algumas propostas de atividades para o aluno. Trouxemos para o nosso diálogo exemplos concretos de cada um dos livros analisados visando a verificar se as atividades do livro vão ao encontro do que diz a BNCC no que tange ao tratamento de conhecimentos voltados para a sociedade contemporânea, como também a forma como se materializa a leitura digital e literária dos minicontos presentes nas referidas obras.

Figura 1- Sumário da obra 1 analisada



Sumário

UNIDADE 1 Um conflito, uma história

Leitura 1 ■ Conto (*Olhos d'água*, Conceição Evaristo), 12

- Exploração do texto, 15
- Recursos expressivos, 16
- Diálogo entre textos – Mãe e filha, 18
- Do texto para o cotidiano – Conceição Evaristo, 19
- Atividade de escuta – O ponto de partida da escrita, 21
- Produção oral – Debate, 22
- Reflexão sobre a língua – Empréstimos: os estrangeirismos, 24

Leitura 2 ■ Minicontos, 29

- Exploração do texto, 32
- Recursos expressivos, 34
- Produção escrita – Miniconto, 36
- Cultura digital ■ Experimente fazer! – Vídeo: meu processo criativo!, 38
- Reflexão sobre a língua – Outros processos de enriquecimento da língua, 39
- Uma questão investigativa – Observação e registro, 44
- Fique atento... ao uso das aspas, 44
- Encerrando a Unidade, 45

Produção do ano ■ Jornal, 46

Fonte: Delmanto; Carvalho (2018, p. 6), 9º ano

Representado acima está o sumário da coleção Conexão e uso do 9º ano. Ele nos apresenta seções diversas, entretanto, cada uma delas tem funções específicas. Há, por exemplo, a seção de diálogo entre os textos, em que é proposto aos alunos que percebam as relações de intertextualidade entre os textos apresentados. Neste caso, foi explorado um conto da escritora Conceição Evaristo “Olhos d’água” e um poema de Adélia Prado “Ensinamentos” (ambos têm como temáticas centrais as relações entre mãe e filha).

Também se percebe nesse fragmento do sumário uma sugestão de atividade de escuta de vídeo envolvendo o processo de produção de conto na visão de Conceição Evaristo. Esta atividade converge com as propostas na BNCC, quando aponta que devemos propiciar ao aluno o diálogo com diferentes tipos de linguagens. Outro aspecto que merece ser destacado nesse recorte do sumário é o fato de as autoras trazerem, no livro, o gênero miniconto, propor sua produção escrita e ainda

encaminhar os alunos para a temática relacionada a cultura digital, de forma a levá-los a refletirem sobre o gênero, como podemos constatar no fragmento abaixo (Figura 2):

Figura 2 - Atividade 1 do livro didático - Antes de ler

Leitura 2 Não escreva no livro!

Antes de ler

1. Você acha possível escrever contos na internet, utilizando no máximo 280 caracteres?
Resposta pessoal.
2. Você já leu algum conto pequeno, escrito em poucas palavras? Onde ele estava publicado?
Resposta pessoal.
3. Em sua opinião, reflexões e sentimentos que podemos fazer ou ter durante uma leitura estão relacionados à extensão do texto? Para você, quais elementos de um texto provocam reflexão?
Resposta pessoal.

Os textos que você vai ler são minicontos, textos breves, em que cada palavra é usada para compor uma narrativa de extrema concisão. Assim, nós, leitores, somos desafiados a pensar e repensar seus sentidos e usar a imaginação para "preencher o que falta" na narrativa.

Durante a leitura, procure descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

Texto 1
Fumaça

Olhou a casa, o ipê florido.
Tudo para ela.

Suspendeu a mala e foi.

BRITO, Ronaldo Correia de. Fumaça. In: FREIRE, Marcelino (Org.). *Cinco menores contos brasileiros do século*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. p. 183.

Ronaldo Correia de Brito (1951-) nasceu no Ceará, mas vive em Recife (PE). Escritor e dramaturgo, também se formou em Medicina. Entre suas obras, destacam-se a peça *Baile do Menino Deus* (1983) e os romances *Galleia* (2008) e *Estive lá fora* (2012).

Marcelino Freire (1967-) é um escritor pernambucano reconhecido pelos seus contos que conciliam temas atuais e a tradição oral nordestina. Organizou uma coletânea de minicontos, na qual constam diversas...

Leitura 2

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos [...] da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais [...].

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – [...] minicontos [...] expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

Fonte: Delmanto; Carvalho (2018, p.26), 9º ano

Inicialmente, consideramos válido ressaltar que há questões que suscitam algumas reflexões do aluno, como estratégia de prepará-lo na apreciação do gênero a ser apresentado, no caso, o miniconto. Para uma melhor visualização, seguem as questões em referência:

- a) Você acha possível escrever contos na internet utilizando no máximo 280 caracteres?
- b) Você já leu algum conto pequeno escrito em poucas palavras? Onde ele estava publicado?
- c) Em sua opinião, reflexões e sentimentos que podemos fazer ou ter durante uma leitura estão relacionados à extensão do texto? Para você, quais elementos de um texto provocam reflexão?

São questões interessantes que possibilitam aos alunos a reflexão sobre os questionamentos e exporem suas impressões e opiniões sobre o miniconto. São questões que também requerem um conhecimento prévio do significado de algumas expressões do mundo contemporâneo e do mundo acadêmico, a exemplo, a expressão “caracteres”, e isso, por um lado vai ao encontro do que diz a BNCC, nas competências gerais da educação básica, quando afirma que ao educando cabe “Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar (...)” (BRASIL, 2018, p.9).

Entretanto, vale ressaltar que não se sabe se de fato os alunos conhecem essa expressão, se não seria pertinente orientar o professor a dialogar com os alunos sobre o significado dela e se a opinião do aluno é de forma oral, escrita ou das duas formas. Essa informação deveria aparecer expressamente nas orientações ao professor, uma vez que é importante para sua organização, pois sinaliza o tempo de duração da atividade, assim como as habilidades requeridas do aluno no campo da oralidade e/ou escrita.

Não encontramos nesse livro didático uma sequência de ações que orientem o professor a propiciar práticas de estudos voltadas para o campo da cultura digital e hipermediática alinhados totalmente com as habilidades e competências que constam na BNCC. Observamos ainda que a maior parte das práticas de leitura, interpretação e produção textual não vão além das possibilidades tradicionais de compreensão/interpretação, nas quais não se possibilita ao aluno fazer maiores reflexões ou inferências. Além disso, há ausência de questões que desafiem o contexto social e atual em que nossos alunos estão inseridos na contemporaneidade.

Ainda na mesma seção, é apresentado um pouco da história do autor do miniconto, no caso, Ronaldo Correia de Brito e do escritor Marcelino Freire, que reuniu uma coletânea de minicontos de autores diversos, que foram desafiados a escreverem

narrativas curtas com até 50 letras.

Consideramos relevantes essas informações sobre os autores dos minicontos, no entanto, mais uma vez, ficaram algumas lacunas: a orientação por si só é suficiente para os alunos aprenderem que esse gênero também já faz parte do universo digital? Há momentos para reflexões dos porquês do miniconto digital, na sociedade contemporânea, ser tão atrativo para os jovens? Em que momento os alunos serão levados ao laboratório de informática para que eles mesmos façam essa constatação, pesquisando e analisando blogs, jornais digitais, revistas eletrônicas e sites? A escola é preparada com infraestrutura e equipamentos que possam propiciar esse momento de aprendizagem aos alunos? Essas são questões que o livro didático por si só não dá conta, mas que nas entrelinhas de sua proposta de trabalho com o gênero textual ora analisado, não podemos perder de vista.

Quanto às habilidades de leitura, percebemos a presença de ligações com o campo artístico-literário, o que se constitui como uma inovação e adequação à lei. Para tanto, houve um diálogo indicado no boxe (lateral da página) com as habilidades de leitura EF89LP33⁷ e EF69LP49⁸ da BNCC, que visa a consolidar essa proximidade que o aluno deve ter com a literatura. Novamente, cabe questionarmos se a leitura e discussão do texto, promovidos pelo professor, serão suficientes para envolver o aluno, de forma que ele compreenda as características do miniconto em sua totalidade e sua relação com a literatura. Não verificamos orientações mais consistentes que encaminhassem o contato do aluno com o miniconto digital.

Reiteramos que não basta somente a presença de atividades voltadas para o miniconto, é necessário que o professor seja orientado a como proceder com o desenvolvimento dela. Essa indicação expressa, certamente agiliza a sua prática, embora ele tenha conhecimento e autonomia para segui-la ou não.

No campo da oralidade, houve enfoque para a habilidade EF69LP53⁹, no

⁷ Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – [...] minicontos, , dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

⁸ Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor

⁹ Ler em voz alta textos literários diversos [...]da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as

que diz respeito à leitura do texto em sala de aula, mas novamente enfatizamos que não houve ações direcionadas para o despertar do aluno no sentido de dialogar com o texto, ficando isso a cargo do professor. Como forma de possibilitar o enriquecimento da atividade, a obra apresentou 6 minicontos de autores desse tipo de narrativa, dentre eles, Fernando Bonassi, Luiz Ruffato e Sérgio Vaz.

Consideramos válida essa inserção de uma variedade significativa de minicontos e autores como uma alternativa de tornar mais claras para o aluno as características dessas narrativas, levando-os a perceber traços comuns entre esses minicontos ao mesmo tempo em que conhecem um pouco sobre o autor. Isso já se constitui como um avanço, entretanto, ainda não percebemos o trabalho mais substancial com o miniconto digital.

Ademais, não foram apresentados para os alunos sites onde há circulação de minicontos digitais, ou seja, não foi enfatizado que esses gêneros podem estar presentes também em plataformas digitais. Houve somente uma sinalização (na questão 2 da atividade proposta ao indagar ao aluno sobre a possibilidade de escrita de pequenas narrativas usando somente 280 caracteres), ficando a cargo do professor chamar a atenção para a presença de minicontos nas mídias sociais e *blogs*.

Na área da leitura, especificamente, há orientações sobre o miniconto em suas semelhanças com poemas breves. Como forma de ancorar o professor a diferenciar esses gêneros, o exemplar propõe que ele leia os artigos “Microcontos ou Micropoemas?” de Annita Costa Malufe, e ainda “A onda dos microcontos” para que perceba de forma mais evidente suas características. Junto a essas orientações, há indicações de sites em que o professor (somente) possa encontrar outros artigos, de forma que ele se aproprie melhor do miniconto na esfera literária. No entanto, não há orientação para que o próprio aluno visite sites ou blogs ou até mesmo uma proposta de produção de minicontos digitais. O próximo recorte (Figura 3) também foi retirado do mesmo exemplar. Vejamos:

pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais [...]

Figura 3 - Atividade do livro didático 1 - Exploração do texto

Exploração do texto

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, [...] a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens [...], identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico [...], do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.

Sugerimos que as atividades sejam trabalhadas em duplas ou em trios. Isso permitirá discussões que podem aprofundar a leitura dos alunos dos textos selecionados. As questões podem ser divididas em duas

Exploração do texto

✖ Não escreva no livro!

1. Leia o que diz este estudioso a respeito do tamanho dos minicontos.

[...]

Autores conceituam e estipulam limites precisos, nascendo assim algumas classificações: nanocontos (até 50 letras, sem contar espaços e acentos), microcontos (até 150 toques, contando letras, espaços e pontuação) e minicontos (alguns estipulando 300 palavras; outros, 600 caracteres). Nada disso é muito rigoroso e depende de critérios editoriais de quem os adotou. [...]

SEABRA, Carlos. A onda dos microcontos. *Escrevendo o futuro*. Disponível em: <www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/artigos/artigo/2013/a-onda-dos-microcontos>. Acesso em: 6 set. 2018.

Considerando essa possível classificação, relacione a qual categoria se encaixam os minicontos lidos.

- Microcontos
Assim e Firmaça
- Minicontos
Avareza e A Tartaruga encantada
- Nanocontos
No embaio da rede e Só

2. Releia os minicontos e observe seus títulos.

- É possível notar que os títulos condensam informações importantes para a compreensão dos minicontos. Quais são as duas funções que podemos identificar nos títulos dos textos lidos? Explique.
- Escolha dois minicontos, cada um referente a uma função identificada, que possam servir de exemplo para sua resposta ao item anterior. Explique as relações que você estabeleceu entre os contos e seus títulos.

2. a) Parte dos títulos dos minicontos funciona como uma cena a mais da narrativa, diferente dos outros contos, em que os títulos têm a função principal de sintetizar o enredo.

b) Resposta pessoal

Fonte: Delmanto; Carvalho (2018, p.32), 9º ano.

A figura mencionada faz parte do mesmo capítulo, da seção “Exploração do texto”. Assim como na seção anterior e nas posteriores, percebemos que há uma padronização em relação aos possíveis diálogos que o professor pode promover com a leitura dos minicontos apresentados. O objetivo, certamente, é o de levar alunos a

desenvolverem estratégias de linguagem e assim se tornarem leitores competentes, bem como refletirem sobre as possibilidades de extensão desses textos, classificando-os, a depender do tamanho em microcontos, minicontos e nanocontos¹⁰. O que não percebemos foi a relação/comparação entre uma seção e outra, com o estabelecimento de semelhanças, diferenças, permanência. Em contrapartida, evidenciamos ao longo das seções certo aprofundamento entre as características dos gêneros tratados.

Quanto à habilidade que se pretendeu favorecer no trabalho dessa atividade, foi a que consta na EF69LP47 da BNCC, como podemos verificar no box: analisar em textos narrativos os elementos ficcionais relacionados à composição própria, (no caso, minicontos somente), seus recursos próprios que o diferenciam do conto, o uso de expressões para demarcar a passagem de tempo e o espaço, assim como o efeito de sentido que o foco narrativo proporciona nesse gênero, as expressões conotativas/figurativas. Essas reflexões foram bem direcionadas, numa tentativa de aproximar o texto do aluno.

Outro aspecto relevante nesse fragmento é o fato de as autoras da coleção levarem os alunos a refletirem sobre os títulos desses textos, ao propor que os observem e cheguem a uma conclusão no que diz respeito aos seus objetivos: “ser mais uma cena fundamental da narrativa”, diferentemente dos títulos dos gêneros contos, que têm função de resumir o enredo. Dessa forma, elas sugerem que o professor conduza os alunos a lerem os textos em duplas ou trios como forma de consolidar com mais propriedade sua compreensão, ao trocar ideias e confrontá-las com a dos colegas.

É importante ressaltar que a atividade sinaliza a diferença entre o conto e o miniconto, a partir dos seus títulos, oportunizando ao aluno a reflexão sobre a importância deles para as características específicas de cada um. Ao final dessa sequência de atividades, há uma sugestão ao professor, no box, de apresentar uma atividade complementar de escuta de vídeo para os alunos sobre o miniconto. No entanto, o livro didático em nenhum momento aponta para a existência do miniconto digital.

¹⁰ Alguns autores fazem essa classificação no que se refere ao gênero miniconto. Entretanto, para este trabalho não fizemos distinções entre um e outro.

Trouxemos abaixo (Figura 4) uma atividade da outra obra analisada, Singular e Plural, do 8º ano do E.F. Novamente, é oportuno salientar que apresentamos alguns recortes e comentários como forma de resumir o diálogo que deve ser feito com a BNCC.

Figura 4 - Atividade 1 da obra 2 - Introdução ao capítulo

CAPÍTULO 1
1 **Eu e o outro – a ética nas relações pessoais**

COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA: 1, 4, 5, 7, 9 e 10.
COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE LINGUAGENS: 1, 2, 3, 4 e 6.
COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: 1, 2, 3, 5, 6, 7 e 10.

HABILIDADES BNCC
 (EF69LP02), (EF69LP03),
 (EF69LP07), (EF69LP08),
 (EF69LP11), (EF69LP12),
 (EF69LP15), (EF69LP18),
 (EF69LP19), (EF69LP24),
 (EF69LP26), (EF69LP56),
 (EF89LP02), (EF89LP04),
 (EF89LP12), (EF89LP14),
 (EF89LP15), (EF89LP17),
 (EF89LP27), (EF89LP30).

Materiais Digitais Audiovisuais
 Vídeos Bullying: entendendo e combatendo esse mal

Orientações para o Professor
 acompanhar o Material Digital Audiovisual.

Abertura do capítulo
 Na abertura do capítulo, apresentamos uma fotografia que faz parte da campanha do Unicef. O texto original está em inglês (One shot is enough) e pode ser traduzido como "Uma foto basta". Nos exercícios a seguir, trabalharemos os atores sociais do bullying representados no cartaz, sobretudo a postura violenta das agressoras. Por meio desta imagem e

Cartaz para campanha do Unicef criado em 2015.

Fonte: Balthasar; Goulart (2018, p.8), 8º ano

Na abertura do capítulo acima, percebe-se que as autoras consolidam o que diz a BNCC sobre o fato de apresentar aos alunos o contato com o texto verbal e não-verbal, por meio do gênero fotografia, explorando os vários sentidos da imagem, sua temática, as relações com o gênero. É válido reiterar que a apresentação de imagens assim, despertam a sensibilidade dos alunos, pois leva-os a associarem a situação apresentada às suas vivências. Aqui há orientações para que o professor proponha discussões sobre a prática do bullying e cyberbullying, que tem origem nas redes sociais. Sobre as questões referentes ao cartaz, vejamos na Figura 5 a questão de número 1 (um) da atividade:

Figura 5 - Converse com a turma - obra 2

Converse com a turma

1. Leia o cartaz que faz parte da campanha da Unicef. Depois, discuta com seus colegas considerando as questões apresentadas a seguir.
 - a) Qual é o objetivo do cartaz?
 - b) Você acredita que cartazes como o que acabou de ler são importantes? Por quê?
 - c) Na sua opinião, quem seria o público do cartaz? Explique.

UMA FOTO BASTA.
Cyberbullying representa uma das principais causas de depressão e suicídio entre crianças na escola. Se você tem um *smartphone*, use-o de maneira inteligente, não mate a autoestima de alguém.

Fonte: Balthasar; Goulart (2018, p.14), 8º ano

Nesse recorte, verificamos a presença de interações com a imagem apresentada, de forma a proporcionar ao aluno o despertar para a temática, assim como aparecem orientações (no boxe) para que o professor promova um debate reflexivo sobre a importância dessas campanhas: qual é o seu objetivo, quem são as pessoas envolvidas nesse processo, a quem podemos relacionar as pessoas presentes no cartaz.

Quanto aos temas, estes propiciam uma participação mais engajada da turma, pois são atuais e relevantes para jovens da faixa etária dos nossos alunos, as habilidades favorecidas nesse diálogo com o texto são EF69LP02¹¹ que enseja análise comparativa e crítica por parte dos alunos e EF89LP27 que favorece a oralidade, quando oportuniza ao aluno problematizar alguma situação. Percebemos então que as autoras dessa coleção apresentam sequências de atividades mais orientativas se tivermos como parâmetro a outra já analisada.

Fizemos uma busca detalhada na obra para identificar gêneros textuais que dialogam com a proposta da BNCC e constatamos a presença de hipertextos, minicontos e orientações para que alunos e professores se aprofundem nos estudos do gênero miniconto digital por meio de curadoria de textos. Constatamos que o

¹¹ Analisar e comparar peças publicitárias variadas (cartazes, folhetos, outdoor, anúncios e propagandas em diferentes mídias, spots, jingle, vídeos etc.), de forma a perceber a articulação entre elas em campanhas, as especificidades das várias semioses e mídias, a adequação dessas peças ao público-alvo, aos objetivos do anunciante e/ou da campanha e à construção composicional e estilo dos gêneros em questão, como forma de ampliar suas possibilidades de compreensão (e produção) de textos pertencentes a esses gêneros.

exemplar trabalha com textos voltados para a cultura digital, assim como apresentou nesse exemplar uma atividade sobre o miniconto impresso e o miniconto digital, no capítulo 5 (cinco) do livro do 8º ano. Vejamos na Figura 6:

Figura 6 - Abertura capítulo 5 - obra 2

<p>Competências gerais da Educação Básica: 3, 4 e 5. Competências específicas de Linguagens: 2, 3, 5 e 6. Competências específicas de Língua Portuguesa: 1, 2, 3, 7, 8, 9.</p> <p>HABILIDADES BNCC (EF08LP04), (EF08LP09), (EF08LP15), (EF67LP23), (EF67LP35), (EF69LP45), (EF69LP46), (EF69LP47), (EF69LP49), (EF69LP51), (EF69LP56), (EF89LP32), (EF89LP33), (EF89LP35).</p> <p>Material Digital Audiovisual Audio A experiência de produzir minicontos</p> <p>Orientações para o professor acompanham o Material Digital Audiovisual.</p> <p>Abertura do capítulo Neste capítulo, os(as) estudantes poderão relembrar as leituras que fizeram e as aprendizagens que tiveram sobre contos fantásticos, no Capítulo 2, com a leitura de um miniconto que faz intertexto com o conto de Edgar Allan Poe "A queda da casa de Usher" e com o miniconto de Augusto Monterroso. Aprofundarão as aprendizagens sobre minicontos, fazendo curadoria de textos, comentando e circulando suas escolhas. Lerão conto</p>	<p>CAPÍTULO 5</p> <p>Práticas com leitura de conto. Fruição, curadoria e produção de minicontos</p>	 <p>Quando a queda começou, o leitor estava lá.</p> <p>Composição feita para esta obra.</p>
--	--	--

Fonte: Balthasar; Goulart (2018, p.96), 8º ano

Constatamos aqui que se efetivou um diálogo que favorece algumas das habilidades de Língua Portuguesa presentes na BNCC, no que diz respeito ao aprendizado dos alunos no campo da leitura, das produções de textos da cultura digital, assim como no campo artístico-literário.

Houve orientações para que o professor levasse os alunos a fazer relações intertextuais com um texto lido anteriormente (o conto fantástico "A queda da casa de Usher"¹² de Alan Poe), de forma a perceber as diferenças e semelhanças com o miniconto apresentado neste capítulo 5 ("Quando a queda começou, o leitor estava lá"¹³) de composição própria da obra: apreciação/leitura de imagem, relações entre

¹² No trecho do conto com o qual o miniconto dialoga é possível inferirmos a referência a uma casa abandonada, sem moradores, mórbida, remetendo ao leitor a sensação de tristeza, solidão, mas também mistério em relação aos acontecimentos que estão por vir.

¹³ Mantém relação de intertextualidade com o miniconto do escritor Augusto Monterroso (Quando ele acordou, o dinossauro ainda estava lá).

linguagem verbal e não-verbal, a forma como essas linguagens se completa, dentre outros. Dessa forma, os alunos são levados a perceber que seus repertórios de leitura e conhecimentos de mundo são importantes para a compreensão do miniconto. Segue abaixo, na Figura 7, mais uma atividade que consta na segunda obra analisada:

Figura 7 - Atividade Oficina de leitura e criação - obra 2

Oficina de leitura e criação

Apreciação, curadoria e circulação de minicontos

Condições de produção

- **O quê?**
Curadoria e circulação de minicontos entre os(as) colegas de sala.
- **Para quem?**
Para a própria turma, de forma que ela possa experimentar a leitura de outros minicontos e ampliar a compreensão das possibilidades desse gênero.

Como fazer?

1. Para selecionar um miniconto

a) Você poderá pesquisar livros e/ou sites seguros dedicados a minicontos, *blogs* de escritores, revistas digitais etc. Se quiser, poderá também começar suas buscas conhecendo o trabalho de alguns escritores e escritoras que se dedicam a esse gênero:

Marcelo Spalding, Marina Colasanti,
Marcelino Freire, Ana Mello, Cintia Moscovich,
Dalton Trevisan, Laís Chaffe

b) Leia vários minicontos e reflita:

Fonte: Balthasar; Goulart (2018, p.98), 8º ano

Nesta atividade, constatamos que houve a promoção de atividade que contempla, inclusive, apreciação de outros minicontos impressos e minicontos digitais (em revistas, livros, sites, blogs de escritores), como também a apresentação de autores dessa narrativa, a exemplo de Marcelino Freire (assim como na outra obra analisada), Marcelo Spalding, Marina Colasanti, Ana Melo, Cintia Moscovich, Dalton Trevisan e Laís Chaffe.

Aliado a isso, é proposto ao aluno uma atividade de curadoria e orientação para que seja feita a circulação dos textos produzidos por eles. Estes, após o primeiro momento, o de diálogo e de reflexão, são levados a se apropriarem com mais segurança das características do miniconto, dos efeitos que eles provocam e dos

implícitos que esses gêneros deixam propositalmente. Somente após essas etapas, foi-lhes orientado a produção de minicontos. Abaixo, temos um outro recorte ainda sobre o miniconto digital. Vejamos:

Figura 8 - Ficha de apoio à produção textual - obra 2

FICHA DE APOIO À PRODUÇÃO E À AVALIAÇÃO DO MINICONTO	
O texto atendeu aos critérios de:	
1. Adequação à proposta	
O texto é um miniconto inspirado em um conto fantástico de Lygia Fagundes Telles?	
2. Atenção às características estudadas do gênero e ao trabalho de linguagem feito nele	
O miniconto é breve (tem até 20 palavras), mas consegue sugerir uma história provocando inferências no leitor?	
3. Construção da coesão/coerência do texto (textualidade)	
a) Há escolha de palavras e/ou expressões que remetem ao conto, favorecendo ao leitor as relações de sentido entre os textos?	
b) Há escolha de palavras coerentes com a intencionalidade?	
c) Há trabalho de linguagem que provoque os efeitos de sentido esperados?	
4. Uso das normas e convenções da norma culta escrita e de outras variedades da língua portuguesa	
O texto está escrito de acordo com as regras da norma culta?	
5. Ortografia, pontuação e construção de sentidos	
a) Identificamos em nosso texto palavras com desafios ortográficos? Procuramos resolvê-los?	
b) Usamos com intencionalidade a pontuação?	
6. Quanto à colaboração e à comunicação na negociação de como será a antologia	
Buscamos nos entender de modo respeitoso e interessado na aprendizagem colaborativa, ouvindo um ao outro com interesse e abertura para a opinião alheia?	

Fonte: Balthasar; Goulart (2018, p.111), 8º ano

A ficha acima corresponde à avaliação que deve ser respondida pelo próprio aluno acerca das suas produções do gênero miniconto, sendo que o professor também terá acesso a ela, juntamente com o texto que o aluno produziu. Esta, constitui-se como uma ferramenta de aprendizagem inovadora, pois traz a possibilidade de o aluno mostrar a sua percepção sobre a própria escrita, em uma autoavaliação que possibilitará o realinhamento das próximas produções, atentando para o que seja importante observar, ou até mesmo retomando alguns aspectos em que se percebeu que não houve progressão. Essa atividade pode ser um excelente

parâmetro também para os professores, pois evidenciam as dificuldades e as “facilidades” que os alunos encontraram desde a produção inicial até o seu encerramento.

Ao término da apreciação desses livros didáticos, constatamos que houve uma evolução significativa no que se refere ao tratamento que é dado às concepções de linguagem e ao ensino de Língua Portuguesa no livro didático. Agora, este componente traz em seu escopo uma divisão por tratamentos dos gêneros textuais por campos de atuação, assim como um olhar mais reflexivo com enfoque para leitura, oralidade, produção de textos e análise linguística/semiótica. Se antes da BNCC uma se “sobrepunha” à outra, agora, o referido documento aclara que cada uma delas deve receber tratamento igualitário por parte do livro didático, assim como deve trazer de forma mais concreta o trabalho com a literatura no Ensino Fundamental, que antes se limitava ao Ensino Médio.

No entanto, constatamos algumas fragilidades em relação ao trabalho com textos literários que valorizam a cultura digital, no entorno do tratamento que o livro didático traz para esse campo, pois há uma tendência de alguns exemplares a deixarem os literários “de lado” e contemplarem de forma mais enfática os gêneros do âmbito informativo e midiático, como as notícias, reportagens, entrevistas, artigo de opinião, campanhas publicitárias e outros.

Não invalidamos aqui a importância desses textos bem como sua necessidade de valorização, mas, em face da circulação de outros gêneros que a sociedade demanda, é importante que haja um equilíbrio quanto ao enfoque desses campos, além de um diálogo mais próximo com gêneros contemporâneos, com textos, por exemplo, menos densos, uma vez que o perfil dos nossos alunos mudou em face do reflexo da evolução tecnológica da sociedade contemporânea.

É importante deixarmos claro que constatamos uma pertinência nas sequências didáticas em trazer para o desenvolvimento do seu trabalho, temáticas relacionadas ao universo tecnológico que hoje os nossos alunos vivenciam no seu cotidiano. Por outro lado, não há direcionamentos mais palpáveis e significativos para a efetivação dessas práticas de leitura, no livro que o professor utiliza. Algumas sequências de ações não deixam claro como o professor deve fazer esse intercâmbio entre o texto e o aluno, por exemplo, ficando a cargo dele proceder como melhor lhe convir.

6 ANÁLISE DOS MINICONTOS NAS PLATAFORMAS DIGITAIS

A seguir, fizemos a análise de minicontos digitais, dialogando com os dados encontrados sobre o nosso objeto de estudo, suas principais características e contribuições que envolvem sua leitura digital e literária do gênero, levando em consideração também o que diz a BNCC no que se refere às novas exigências da educação, que foque nas habilidades necessárias para o aluno como um ser que aprende, reconstruindo seus saberes com autonomia e protagonismo.

Objetivamos constatar algumas potencialidades quanto à receptividade desse gênero que dialoga com a contemporaneidade em todos os aspectos e que, mesmo advindo do conto, não deixa de ser novo, pois sua construção envolve outras linguagens além da verbal, como veremos adiante. No entanto, elas não se esgotam num único olhar, ao contrário, há muito ainda para ser dito, descoberto e discutido sobre o gênero miniconto digital na educação que ora vivenciamos, em que as transformações tecnológicas, certamente, podem contribuir significativamente para a formação crítica do leitor.

É válido salientar que a internet contribuiu para “reavivar” a literatura, pois possibilitou a familiaridade de alunos com gêneros da cultura digital, na qual eles estão inseridos. A literatura, que anteriormente passou por um período “de esquecimento” por boa parte da sociedade, especialmente pelo poder atrativo que as imagens televisivas – que outrora eram o centro das atenções da maioria da população – trazem consigo.

Com o advento das tecnologias, podemos constatar que a internet contribuiu de forma significativa para a formação de uma nova geração de leitores, na medida em que, por meio do seu “poder” advindo de suas telas com imagens, cores, movimentos, e etc., oportunizou a essa nova geração ler mais, tomar gosto pela leitura, agora também mediados por outras telas, a de computadores.

Vigna (2011) reitera esse pensamento, ao apontar que: “É na comparação com a televisão que o computador mais facilmente aparece em seu papel de recuperador da linguagem escrita, portanto, em seu papel de provocador de um retorno da reflexão” (VIGNA, 2011, p. 128). Depreende-se, portanto, que a internet intermediou esse retorno dos apreciadores de literatura e foi (ou ainda é) por meio dela que (re) nasceu essa literatura atual, especialmente o miniconto digital, objeto do nosso trabalho. As análises a seguir, com foco nesse gênero, em plataformas digitais,

refletem algumas possibilidades das contribuições que ele pode proporcionar aos nossos alunos de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental.

6.1 Análise em blog

Inicialmente é oportuno salientar que a linguagem escrita, mesmo com o advento da tecnologia, se faz necessária para a construção de sentidos, pois ela está atrelada ao homem e à sua representação verbal como forma de comunicação. Já a imagem, nem sempre presente nos minicontos digitais, têm relação com a representação visual.

Joly (1996, p.22) em sua obra “Introdução à análise da Imagem” nos apresenta um dos conceitos de imagem que convergem com a nossa compreensão para o presente trabalho, ao compará-la com a figura de linguagem metáfora¹⁴: “pode ser um procedimento de expressão extremamente rico, inesperado, criativo e até cognitivo”. Isso porque, podemos, por exemplo, solicitar ao aluno, que através de uma imagem, faça relações com outros elementos, vindo a requerer por parte dele, habilidades relacionadas à sensibilidade e criatividade, levando-o a várias descobertas.

A linguagem digital, dentro desse propósito que nos propusemos a analisar, nas plataformas, é aquela que diz respeito ao que é contemporâneo. Dessa forma, sua relevância nesse contexto, está no seu poder de despertar no aluno à receptividade para novas maneiras de pensar, sentir, refletir e posicionar-se. Em suma, constatamos que o miniconto digital pode levar leitores a se envolverem, a se fazerem presentes, de forma a dialogar com a escrita hipertextual: interpretar símbolos, imagens, ícones, vídeos, fotos, engendrando novas possibilidades de leituras, de forma a fazer associações criativas e até mesmo inesperadas.

Nesse contexto, o leitor faz relações cognitivas que aludem para a significação do todo, tanto no digital como no miniconto. É exatamente isso que a linguagem tecnológica deve propiciar: o envolvimento do leitor com as possibilidades de interação, de coparticipação dele nesse processo dialógico com o gênero, de tal forma, que ele possa usá-la de forma crítica, transformando-a no conhecimento de que ele precisa. Essa perspectiva vai ao encontro de uma das competências

¹⁴ A mesma autora na referida obra cita a metáfora como a figura mais utilizada, conhecida e estudada na retórica e que, de acordo com o dicionário, tem a imagem como sinônimo.

específicas para o ensino de linguagens para o ensino fundamental que se apresenta na BNCC:

Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos. (BRASIL, 2018, p.65)

O excerto acima nos leva a refletir sobre o papel da escola como um espaço “de legitimidade” de aprendizado, uma vez que a ela é imposta a responsabilidade de potencializar os saberes que o aluno traz consigo, em situações diversas de comunicação, por meio do contato com diferentes linguagens (incluindo a digital). A seguir, na Figura 9, temos uma imagem que representa a abertura do blog analisado:

Figura 9 - Abertura blog Minimínimo



Fonte: <http://miniminimos.blogspot.com/> acesso em 15 de março de 2023

Percebe-se, sem fazer ainda relação com o digital, que os organizadores do site tentaram construir uma atmosfera de significados na qual o foco é o de que “o menos é mais”, maior expressividade aliada à brevidade. Contrariando o que está escrito, não nos iludamos em achar que o minimínimo aqui tem apenas um significado.

Logo no início, observa-se a presença do jogo de sentidos usados pelo autor do blog. Além da imagem, a plataforma utiliza recursos semânticos que visam a atrair leitores e produtores de minicontos que, possivelmente, passam a compreender que dentro do mínimo tudo deve ser retratado, ou seja, deve haver uma sucessão de acontecimentos narrativos, ou que esse “tudo a dizer em 200 caracteres” diz respeito à presença daquilo que é extremamente essencial, dado à dinamicidade

que esse gênero traz consigo, pois utiliza-se da objetividade para conquistar o leitor, sem perder de vista a contação de uma história.

O “tudo”, no contexto do blog, tem outra possibilidade de compreensão: pode dizer respeito a todas as colaborações do leitor cooperador, que tem total relevância, pois à medida em que dialoga com o texto, constrói sua própria narrativa. Importante também é destacar a construção de sentidos que permeia a palavra *caracteres* nos remete, agora sim, a uma palavra do universo da tecnologia digital. Aqui ela está para além da letra, podendo ser também um sinal de pontuação e um espaço entre uma palavra e outra. A presença dessa expressão pode ensejar um diálogo com o aluno, com a finalidade de mostrar-lhe seu significado nos textos digitais, uma vez que correspondem às letras dos teclados, físicos ou virtuais, e, portanto, tem relação com a linguagem digital.

Na prática, essa atividade de análise de minicontos utilizando portadores/suportes digitais nas plataformas faz um diálogo pertinente com a BNCC no que se refere a atividades de leitura que devem levar em consideração a cultura digital e o uso das TICs, assim como no tratamento que deve ser dado ao gênero que pertença ao universo artístico literário.

A princípio, nessa abertura do blog, presenciamos aspectos históricos relacionados à imagem da máquina de datilografia. Aqui, o aluno pode fazer relações de sentidos entre ela e o blog. A linguagem sempre esteve presente entre nós seres humanos, e essa imagem oportuniza ao aluno fazer associações com o surgimento da linguagem escrita. Outro aspecto interessante que pode contribuir para a receptividade do aluno é levá-los a refletir sobre a relação da imagem com as tecnologias e como elas influenciaram as formas de comunicação. Abaixo, na Figura 10, temos uma outra parte do blog:

Figura 10- Nuvem de temas e maxisseguidores do blog



Fonte: <http://miniminimos.blogspot.com/> Acesso em: 15 mar.2023.

Também consideramos a leitura desse recorte uma importante oportunidade de levar o aluno a dialogar com o blog, pois apresenta uma parte da estrutura ou dos elementos composicionais que todo blog deve ter na barra lateral da tela: alguns perfis das redes sociais de pessoas que contribuem com a publicação de posts dentro desse espaço, bem como a *nuvem de temas*, expressão muito usada em plataformas digitais para apresentar algo, ou um “assunto” que teve maior relevância, havendo um destaque no layout de palavras que vão aumentando ou diminuindo conforme o grau de importância naquele instante.

É importante ressaltar que no blog analisado, a construção de sentidos que permeia o par de palavras Maxisseguidores e Minimínimo tem como finalidade valorizar as vozes dos seguidores dentro de um espaço social de comunicação em que o mínimo de caracteres faz parte de sua essência. Portanto, há uma diversidade de elementos presentes nessa plataforma que vai ao encontro da “formação de um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura” (BRASIL,2018, p.138).

Os blogs podem constituir-se como importantes ferramentas de contato dos alunos com várias outras formas de se comunicarem entre si e também de se expressarem, pois ali, pode ser um espaço que dá voz aos seus sentimentos e

posicionamentos. Dessa forma, podem se concretizar em alternativas do trabalho com o miniconto digital com alunos do Ensino Fundamental.

Todos esses aspectos relatados aqui são importantes enquanto marcas de comunicação da contemporaneidade. Elas proporcionam maior proximidade com o aluno que, ao se deparar com um miniconto digital nessas plataformas, não estará diante de um texto único, mas com textos que se relacionam, formando um todo a que chamamos de hipertextos.

Essa nova demanda pela leitura de múltiplas linguagens, sem um foco predominante de leitura, dialoga com o que diz Silva (2008, p.71), quando nos apresenta que há, na atualidade, essa necessidade de “direcionar o leitor para uma comunicação mais rápida, interativa e global”. É, portanto, nesse diálogo com outras linguagens relacionadas ao universo digital que a compreensão do miniconto digital pode se tornar mais significativa, vindo a se concretizar consistentemente.

Um outro aspecto relativo a esse recorte do blog que pode contribuir para a receptividade dos alunos é o fato de ele dialogar com outros formatos de edição que fazem parte das particularidades dessa plataforma digital. É importante salientar que a subjetividade do aluno tem importância quanto às múltiplas possibilidades de ele dialogar com o texto, também levando em conta suas experiências. Ao ter acesso a uma teia de palavras (ao fazer relações com o seu mundo), a links, imagens e tags/palavras-chaves, em vista dessa dinamicidade que esse gênero também carrega consigo, o aluno ao mesmo tempo em que lê, acessa outras formas de interação com o texto.

Dessa forma, o miniconto digital proporciona ao aluno a possibilidade de organizar sequências interpretativas a seu modo, visto que ele direciona sua própria leitura, recriando o texto à sua maneira. Isso tudo leva ao seu amadurecimento, sendo que ele, ao final, torna-se coparticipante do texto, pois dá “novos direcionamentos” à sua construção, num constante diálogo com ele. Temos abaixo outro fragmento do blog (Figura 11):

Figura 11 - Exemplo de postagem no blog Minimínimo



Fonte: <http://miniminimos.blogspot.com/> Acesso em: 15 mar. 2023.

Nessa outra parte torna-se mais evidente a importância dos elementos imagéticos para a construção do entendimento do aluno frente ao digital, como estratégia para compreender o texto em sua totalidade. Aqui, presume-se que deve-se ter conhecimentos prévios “básicos” como a de que a postagem pode ser enviada por e-mail, que o aluno também pode postar um comentário no blog, caso seja um maxisseguidor, que a mensagem pode ser compartilhada pelas redes sociais, como o twitter ou facebook.

Também o leitor é chamado a compreender o significado da expressão minimizado que, nesse contexto, diz respeito à publicação, ao ato de ter postado, encaminhado o miniconto ao blog. As relações de sentidos entre o nome do blog e o das pessoas (minimínimo e maxisseguidor) leva os leitores a perceberem a ideia de reconhecer a importância dispensada aos seguidores.

É válido mencionar que essa perspectiva de leitor do texto em plataformas digitais é diferente daqueles que leem os textos impressos, que seguem uma sequência no ato de ler, virando e revirando folhas/páginas e manuseando o texto. Aqui, na plataforma digital, há predominância de um outro tipo de leitor, o chamado imersivo, que, de acordo com Santaella (2013, p.287) “percorre o espaço das telas, dominando leituras, fazendo escolhas e estabelecendo sozinho sua ordem de diálogo e receptividade com o texto”.

O texto aqui não forma uma cadeia completa de sequência material escrita como acontece com o livro impresso, mas está ali na tela, disponível para o aluno ativar outros modos e estratégias para completar sua leitura, interagindo com ele como melhor lhe convir. Essa nova forma de agir diante desses textos os tornam relevantes, à medida em que a grande maioria dos estudantes do ensino fundamental maior já estão familiarizados com essa dinâmica de leitura.

Outro aspecto que não pode deixar de ser observado é que, ao clicar sobre o nome de quem escreveu o texto, é possível encontrarmos um outro texto com informações sobre o autor: quem é, o que faz, quais seus interesses culturais, o que gosta de ler e outros afins. É pertinente destacar que algumas dessas especificidades são próprias do blog e outras dizem respeito à sua originalidade, em particular, da equipe que o comanda.

A presença de marcadores é uma outra característica dessa plataforma, que visa auxiliar o leitor a encontrar assuntos relacionados ao seu campo de interesse. No exemplo a seguir (Figura 12), temos o termo *mentira* marcado para destacar que

a palavra está na lista de 2 (duas) palavras destacadas como marcadores.

Figura 12 - Miniconto digital “A verdade da mentira” - blog Minimínimo



Fonte: <http://miniminimos.blogspot.com/> Acesso em: 15 mar. 2023

A figura acima pertence ao mesmo blog em discussão. Este miniconto digital apresentado “guarda” um nível de compreensão que perpassa os limites de compreensão do que está escrito, assim como são diversas as possibilidades de inferências e conclusões. Ao aluno leitor, requisita-se que vá além dos ditos. Daí a importância da imagem para completar seus sentidos.

Isso não é novidade quando abordamos textos literários, até mesmo de outros gêneros não ligados à ficção. No entanto, no miniconto, essas marcas ficam mais evidentes. Decerto que a história poderia ter sido bem mais detalhada, mas se apresentou de maneira muito breve, com a versatilidade própria do gênero, uma vez que exige que seus leitores façam associações imaginativas e relações de comparações que se apoiem em elementos visuais e textuais para dialogar com o texto.

São essas características do miniconto digital que vão ao encontro dos nossos alunos do Ensino Fundamental maior, que já se identificam com gêneros desse universo, pois a grande maioria deles utiliza com desenvoltura aparelhos móveis, tablets, notebooks e/ou computadores fora do contexto escolar. Assim, não podemos deixar de registrar as contribuições desses aparelhos tecnológicos para além da sua finalidade comunicativa. Aqui eles também têm potencialidade formativa leitora. Daí ser importante extrapolar seus limites, já que eles já se fazem presentes

no universo de vivência de grande parte dos alunos.

A multiplicidade de interpretações quanto aos desdobramentos da narrativa pode inquietar jovens leitores a fazerem deduções e, por consequência, se fazerem presentes na curiosa construção desse enredo. Certamente uma das ideias que temos ao fixar o olhar na imagem é a de fazer uma pesquisa no dicionário online, com o objetivo de confirmar o que primeiro nos veio à mente. Uma vez que a imagem da esfera, assim, de cristal, com duas faces, pode nos remeter a histórias que envolvem misticismo, às ciganas que “leem” o destino de quem as procura.

Na grande maioria das vezes, existem interesses obtusos ou confusos, engenhosos e os ditos por ela nem sempre acontecem, se confirmando, pois, como numa mentira. Assim, a imagem da esfera com os lados divididos pode ter relações de sentidos com as palavras opostas verdade e mentira (uma antítese¹⁵) ou a verdade - na parte de cima - encobrendo a mentira, que também nos leva ao título do texto: A verdade da mentira ou a mentira que se tornou realidade. O leitor pode deduzir que alguém mentiu ao dizer que teria um funeral para ir e acabou “comparecendo” ao seu próprio funeral, e/ou que a verdade uma hora ou outra aparecerá.

Também a dinamicidade presente no miniconto confere ao leitor rapidez e objetividade na receptividade da leitura, motivo pelo qual também o torna atrativo: a inversão da ordem dos fatores, com uma parte da narratividade já na parte inicial, e não com o verbo indicativo de narrador, torna-o sugestivo e breve.

Os verbos “informou” e “enfio” são as ações centrais em torno do personagem e do conflito relacionado a ele, mas as informações complementares sobre essa personagem foram omitidas, ficando a cargo do leitor a participação ativa. Todo esse processo não acontece ao acaso: são estratégias usadas para conferir ao texto maior concisão, portanto menor densidade, vindo a atrair leitores versáteis, que buscam rapidez. O uso, por exemplo, do sinal de aspas para indicar a fala do personagem em substituição ao travessão, torna-o mais objetivo, direto, conferindo-

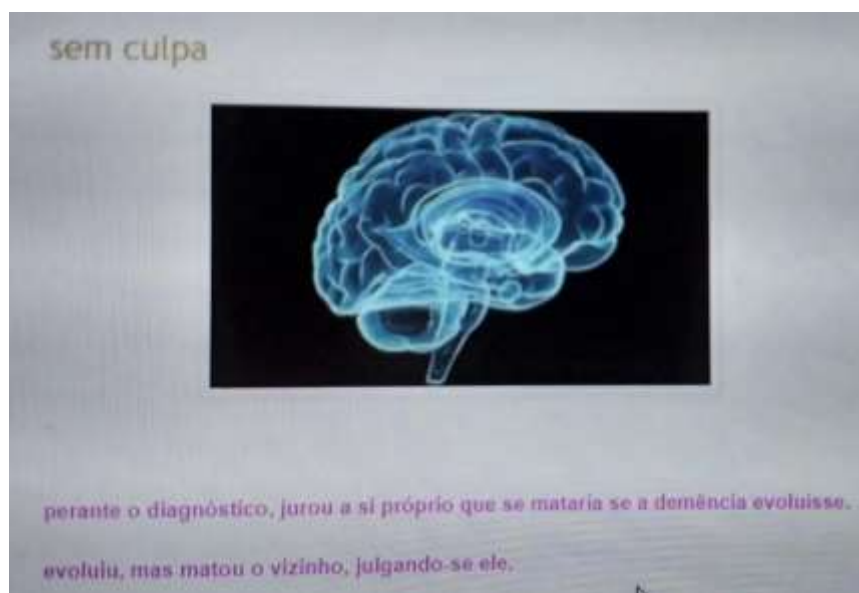
¹⁵ emprego, num mesmo período, de palavras, **expressões que apresentam sentidos opostos**. Tal construção, muitas vezes, objetiva marcar o estado de confusão vivenciado pelo enunciador, já que os próprios termos ou expressões, quando situados em polos contrários, estabelecem uma tensão entre si. Ressalta-se o fato de essa figura de pensamento requerer, para a sua identificação, uma análise do contexto de formulação e um conhecimento do interlocutor acerca dos significados dicionariais. Fonte: <https://www.portugues.com.br/gramatica/figuras-de-pensamento.html>. Acesso em: 07 jun.2023

lhe maior fluidez. A inversão dos termos e a brevidade quanto aos elementos da narrativa fazem parte também do formato digital autêntico que esses textos demandam, que tenta se aproximar do leitor interessado em preencher esses “vazios” deixados pelo autor, de forma a dialogar com ele com mais desenvoltura.

Uma das possibilidades de leitura é de que o personagem do miniconto acima pode representar um extrato da sociedade. Não foi mencionado o seu nome, (sequer um pronome como forma de identificá-lo como homem ou mulher), o que fazia. Somente o fato de ser um trabalhador, no caso, um funcionário de uma determinada empresa, que está na base da pirâmide: um trabalhador que sabe que para faltar ao trabalho deverá apresentar uma boa justificativa para não ocorrer desconto em seu salário, ou porque é passivo diante dos acontecimentos, pois precisa do emprego para sobreviver ou porque, devido à sua falta de (in)formação, não consiga perceber alguns possíveis desdobramentos de ações que tomamos, no caso, o caminho para sua folga se tornara o seu algoz: “o carro enfiou-se desordenadamente pela ravina que ia dar à praia”.

Uma outra leitura que pode ser feita é a de que o personagem quera levar alguma vantagem, uma vez que “cria uma história”, um funeral. Não se sabe se ele ou ela já havia inventado outros causos para não ir trabalhar numa segunda-feira. Essas são apenas algumas hipóteses que podem ser levantadas pelos alunos. É também nessa junção de plurissignificações do miniconto associados à teia de possibilidades hipertextuais do gênero miniconto digital que pode despertar o interesse de alunos do Ensino Fundamental maior. Vejamos agora, na Figura 13, outro miniconto do mesmo blog:

Figura 13 -Miniconto digital “Sem culpa” - blog Minimínimo



Fonte: <http://miniminimos.blogspot.com/> Acesso em 15 mar.2023

Nessa outra narrativa, de forma bem humorada, sem perder o foco da ironia, o narrador retrata as deturpações que envolvem a sociedade atual. Essa relação com a temática que enfoca eventos relacionados ao ser humano, é uma característica desse gênero, motivo pelo qual pode contribuir para a sua receptividade. Também há a presença de ironia porque o personagem ao acreditar que sua demência não evoluiria, jurou a si mesmo de morte, entretanto, evoluiu a ponto dele não se reconhecer e matar o vizinho, sem remorso ou culpa.

O título configura-se aqui como uma parte essencial do texto (e não como um resumo da narrativa, como acontece nos contos, por exemplo) podendo inclusive estar relacionado ao início, ao conflito, ao clímax ou ao próprio desfecho da narrativa. Isso é o leitor quem irá decidir. Aconteceu, portanto, o contrário do que ele acreditava ou “imaginava” configurando-se numa ironia. Há essa inferência também ao fazermos a leitura da imagem, que contribui para o entendimento do miniconto, pois percebe-se um cérebro aqui apresentado que não se insere no padrão do que consideramos “normal”.

O título é também bastante curioso, levando o leitor à imaginação, vindo a completar sua sequência narrativa, confirmando o que Bueno (2019, p.53), pontua: “desempenham um papel crucial porque podem acomodar informações narrativas que não puderam ser dispostas nos diminutos e limitados textos do gênero”. Assim, esses títulos não se constituem como um resumo da narrativa, mas são “peças-chaves” para

os rumos que a narrativa tomará.

É válido ressaltar que o miniconto digital, como texto literário que é, leva o leitor a preencher os silêncios e perceber sua intencionalidade comunicativa. Sabemos que é um homem, pois o pronome ele aparece ao final, mas não se sabe o tempo de duração entre o diagnóstico e a morte do vizinho, também não sabemos os conflitos que poderiam envolver os dois. O foco narrativo em 3ª pessoa confere ao texto maior objetividade, deixando um certo suspense quanto ao fato que culminou na morte do vizinho, se realmente foi a evolução da demência do doente.

De fato, o personagem, visto sob o ângulo de um narrador em terceira pessoa, sai da normalidade, entretanto, sem culpa, por não saber o que faz, tamanho é o seu grau de demência: evoluiu tanto com o passar do tempo, ao ponto de tirar-lhe, inclusive, a sensatez. Também é válido ressaltar a contribuição da imagem para a receptividade da leitura do texto. Há ali a presença de um conjunto de imagens e, dentre elas, o corpo de uma pessoa que tenta fugir de algo que não fica claro ao longo da narrativa: se dos problemas, de alguém ou, por exemplo, de uma circunstância. No entanto, ele não consegue “sair”, pelo fato de estar preso nessa rede de “negatividade”. Há uma multiplicidade de leituras quando associamos simultaneamente a linguagem verbal e linguagem não verbal.

6.2 Análise de minicontos em dois sites

As outras plataformas apresentadas foram sites os quais analisamos com as hipóteses já apresentadas sobre as contribuições do miniconto digital. Eles constituem ferramentas de fácil acesso, que fazem parte do universo digital da grande maioria dos alunos.

De antemão, é oportuno destacar as possibilidades que a leitura digital oferece ao aluno no que diz respeito à sua leitura inusitada. Essa é uma das características dessa nova natureza de linguagem. Diferentemente das leituras engessadas de outrora que, certamente, em muitos contextos, eram tidas como uma atividade desprazerosa, rígida e com regras estabelecidas a serem seguidas pelos leitores, essas leituras podem proporcionar aos alunos um convite a textos mais versáteis, indo ao encontro da dinamicidade que eles podem oferecer.

No contexto dos ambientes digitais, o leitor faz as escolhas do caminho que pretende seguir, de acordo com as suas próprias regras de interesse. Ao entrar

num site, por exemplo, ele tem variadas alternativas. Aqui, a leitura também é vista como um processo de interação social entre os envolvidos. Ao dar nome a um site, já se sabe que ali é um espaço virtual de diálogos, e que leitores e autor estão interligados entre si social, histórica e culturalmente ao mobilizarem sentidos para construir significados. Portanto, antes de mais nada, é importante destacar que a leitura nesse ambiente também é uma prática social de diálogo constante com o texto.

Nas análises dos próximos minicontos, retirados dos sites *marinacolassanti.com* e *nemonox.com*, procuramos apresentar alguns dos elementos presentes no aporte teórico apresentado ao longo da dissertação, no que se refere à literatura, à formação leitora, às tecnologias contemporâneas e ao miniconto digital. Reiteramos que o propósito aqui não foi o de trazer uma análise pronta e acabada, mas contribuir com as discussões sobre a temática, apresentando algumas possibilidades de interação com esses gêneros que podem contribuir para a formação leitora, uma vez que ainda são poucos os trabalhos voltados para essa área.

A compreensão da leitura é um processo bastante subjetivo, pois cada leitor traz à tarefa sua carga experiencial que determinará uma leitura. Essa proposição encontra-se em Kleiman (1989) e converge com nossa linha de entendimento. O leitor, portanto, é um sujeito que participa do processo de interação e construção do texto e a leitura pode se dar de diferentes formas para um mesmo leitor, em diferentes momentos. Fizemos uma análise, mas com a certeza de que outras linhas de compreendê-la existem e elas não se esgotam e nem se limitam, a depender do viés que se pretende obter com os resultados. Segue abaixo a análise do primeiro miniconto analisado no site *marinacolasanti.com* (Figura 14):

Figura 14- Miniconto digital “Mesmo fora da lona” - site Marina Colasanti



Fonte: <https://www.marinacolasanti.com/> Acesso em: 9 mar. 2023.

Todos os elementos essenciais de uma narrativa estão presentes nesse miniconto: personagens, narrador, espaço e outros elementos que constituem tal discurso. A economia das palavras, que vai ao encontro da brevidade, está presente no miniconto acima apresentado (não foi dito ou descrito o tudo que se podia esperar do funcionário da alfândega). Também a expressão “mala daquele viajante” abre espaço para uma infinidade de coisas que poderia ter ali: armas, dinheiro, molambos, algo que fuja do imaginário convencional.

Essas alusões são secundárias para a construção da estória, portanto não fazem parte do seu núcleo narrativo. Mais adiante, o termo “Equívoco logo desfeito” não deixa claro de que forma ele se desfizera: se a abordagem foi violenta, pacífica ou houve resistência por parte do viajante em abrir a mala. Isso fica a critério do leitor: o de completar os não ditos. Também não foi apresentado como ele relacionou o viajante com Sr. Chu, o ilustre mágico. Esses vácuos não respondidos no texto talvez sejam o que há de mais contemporâneo nesse miniconto. É que, ao completar tais

interrogações não ditas, o leitor se depara com situações mentais que o levam a reflexões, posicionamentos. Esse tipo de leitura condiz com o que aclara Silva (2008), quando põe em discussão a dinâmica que esses textos carregam no seu bojo, e isso possivelmente proporciona aos leitores enriquecimento da leitura, pois eles fazem escolhas na construção de sentidos do miniconto digital.

Há também o fato de essa estrutura narrativa conseguir dizer tudo o que é essencial, ou seja, apresentar as ações sem as quais a estória não existiria, de forma condensada, fazendo um recorte no tempo. No entanto, isso não impossibilita o leitor de preencher os elípticos na narrativa. Na verdade, a presença dessa marca dialoga com o perfil dos alunos inseridos no contexto da educação contemporânea, que buscam agilidade nas formas de comunicação, devido à velocidade que o atual contexto histórico exige deles.

A referida característica converge com o que diz Spalding (2008), ao destacar em seus escritos que a velocidade é uma marca das narrativas modernas, portanto, o recurso da elipse, omissão proposital de um termo, é uma marca dessas novas narrativas. Aqui, preferimos usar o termo contemporâneo, pois dialoga também com o momento histórico que ora vivenciamos. A figura de linguagem elipse, usada intencionalmente, é uma das estratégias usadas para alcançar essa rapidez, tornando a leitura ágil. O leitor, conforme pressupõe, é quem vai mobilizando mentalmente as sucessões de acontecimentos que não foram ditos.

Dessa forma, o protagonismo do leitor e sua ação participativa na construção dos não-ditos, porém presumível, são também perceptíveis no miniconto, uma vez que estas lacunas interpretativas são deixadas intencionalmente de forma que ele as complete com os seus conhecimentos, dando pluralidade de significados aos sentidos que ele traz. Essa perspectiva vai ao encontro do tipo de leitor a quem nos referimos, quando falamos em leitor digital como um coparticipante da história.

Nessa mesma proposta, Silva (2008, p. 41), nos diz: “Pensar no leitor como coautor é compreender que, apesar da ordem instaurada pelo texto, este sempre revela significações plurais e móveis [...]”. Aqui o leitor é um sujeito ativo que participa da construção dos sentidos do texto, levando-o a ultrapassar os limites do que foi dito. Nesse sentido, ele é quem dará continuidade ao processo de criação.

O fato de não ter sido revelado como foi a descoberta do corpo da assistente de trabalho do viajante e como ambos ficaram: o viajante e o funcionário tornam o final da narrativa inusitado e, porque não dizer, irônico, imprevisível, cômico.

Essas qualidades dialogam com as novas feições dessa narrativa. São artifícios linguísticos que a autora utiliza, como forma de ironizar comportamentos bizarros que se normalizam no cotidiano da sociedade.

Ao deixar transparecer que o “corpo esquartejado” de uma mulher seria na verdade da assistente do viajante que ele carregava sempre consigo na mala, confere ao texto uma infinidade de interpretações subjetivas, a depender do leitor. Outro ponto que merece destaque é o curto espaço que se dá entre o início e o final do miniconto. Confirmando-se a tônica já apresentada por Spalding (2008) e Bueno (2019), ao abordar essa possibilidade de se obter narratividade e efeitos sobre o leitor em um exíguo espaço. Abaixo, o próximo miniconto (Figura 15), traz de forma mais evidente esse efeito:

Figura 15 - Miniconto digital “Não outro” - site Marina Colasanti



Fonte: <https://www.marinacolasanti.com/> Acesso em: 09 mar. 2023.

Nesse miniconto, a estética da brevidade se materializa pelos efeitos que se deseja provocar no leitor ao impactá-lo com o uso de poucas palavras, entretanto, essenciais para compor a narrativa, sem que seja apenas um fragmento, por exemplo. Com apenas duas linhas, a escassez de palavras não surpreende o leitor. Engana-se quem acha que a condensação demasiada seja obstáculo para alcançar a narratividade, característica desse gênero. Nessa mesma perspectiva, Spalding (2008, p. 52) aponta que “Tal brevidade é, sem dúvida, característica fundamental do miniconto desde seu nascedouro no começo do século XX”, uma vez que essa forma

de extensão, aliada ao seu conteúdo, lhe confere singularidade. Dessa forma, a brevidade e a unidade narrativa são a marca desse gênero contemporâneo.

As tensões que envolvem a sociedade contemporânea rondam a temática do miniconto “Não *outro*” (o próprio título ao lado da imagem nos leva a preencher a partir de nossas vivências e experiências, alguns espaços do texto). Ao fazer uso do discurso direto para expressar a aflição que depois culmina em alívio do personagem, o narrador nos leva a refletir sobre os problemas ou excessos de afazeres que circundam a vida do personagem e que, provavelmente, não houve tempo de ser resolvido em apenas um dia. Observa-se que o núcleo da narrativa se concentra no verbo pensar e dormir. Antes de dormir, ele pensa que amanhã será o mesmo dia, mas anteriormente a essa ação, há um conflito que não foi dito, propositalmente. É aqui que se constitui a outra peculiaridade dessa narrativa. Há então um decurso de acontecimentos que giram em torno da ação principal, evidenciando-se a contação de uma história.

Sobre a imagem apresentada pelo site, é importante destacar a sua contribuição não-verbal para a compreensão mais clara da angústia, aflição e ansiedade do personagem com relação aos acontecimentos do dia que, por algum motivo, ele não conseguiu resolver. Ao apresentar a imagem de um homem com a cabeça no travesseiro e a mão na proximidade dos olhos, é possível inferir sua preocupação com os acontecidos ou “não-acontecidos/resolvidos”. A imagem dele junto ao calendário enfatiza essa relação de aflição do personagem com o tempo, a depender do envolvimento do leitor com o texto.

É importante ainda ressaltar que a sessão do site analisado, com relação aos minicontos digitais, vale-se somente do aspecto verbal e da imagem estática, não apresentando outros recursos (sonoros, cores, imagens que se movimentam) para auxiliar na interação com o leitor, mas a depender, nesse caso, do seu envolvimento com o texto, ele irá além dessa imagem, a exemplo: os tipos de problemas que ele não conseguiu resolver, se eram de ordem pessoal ou relacionado ao trabalho. O leitor mais atento ou interativo conseguirá sair do campo de superficialidade, indo ao subentendido. Partiremos agora para a análise do próximo miniconto (Figura 16):

Figura 16 - Miniconto digital “Em voz alta” - site Marina Colasanti



Fonte: <https://www.marinacolasanti.com/> Acesso em: 15. mar.2023

Sobre as imagens usadas para complementaridade dos minicontos no site de Marina Colasanti, é interessante observar que revelam opacidade e efeito de sombreamento, nos remetendo à ideia de memórias (Marina manda lembranças é o subtítulo da seção dedicada a contos). Podemos inferir que não é aleatório o uso dessas cores neutras, como forma de representar algo ligado à memória, ao que está guardado e/ou que sofreu desgaste do tempo. Ou seja, essas escolhas não foram feitas ao acaso. Sobre a imagem, cabe nessa análise atentar para o protagonismo dos pássaros (com a presença da figura de linguagem personificação) adquirindo características humanas. Aqui, o uso dos verbos no pretérito imperfeito nos levam a associar as ações como algo que acontecia logo que o dia iniciava (e ainda continua acontecendo) dando ideia de continuidade.

Outro recurso que constatamos na análise desse miniconto foi o dialogismo. A pluralidade de vozes presentes no texto permite observarmos que existam relações de diálogo entre ele e o leitor, de forma a fisgá-lo no sentido de ele ir preenchendo seus significados, requerendo dele seu olhar crítico. Logo no início, identificamos o uso da metáfora em “Acordava com a claridade” (podemos fazer várias

indagações com o uso das palavras acordava e clareza). E depois, com “ouvi-lo filosofar em voz alta” com relação aos pássaros ouvirem, numa atitude humana.

Nessa narrativa, portanto, torna-se mais evidente o uso de “artifícios” literários que podem conquistar o leitor, vindo a intensificar seu interesse pela literatura. Esse diálogo com essa forma “especial” de escrever, vai ao encontro do que diz Eagleton (1983) na sua obra *Teoria literária*:

O discurso literário torna estranha, aliena a fala comum; ao fazê-lo, porém, paradoxalmente nos leva a vivenciar a experiência de forma mais íntima, mais intensa. Estamos quase sempre respirando sem ter consciência disso; como a linguagem, o ar é, por excelência, o ambiente em que vivemos. Mas se de súbito ele se tornar mais denso, ou poluído, somos obrigados a renovar o cuidado com que respiramos (...) (EAGLESTON, 1983, p.4)

No nosso dia a dia, sem nem nos darmos conta, usamos uma linguagem comum “mecanizada”, que não exige de nós nenhum esforço para expressá-la ou até mesmo compreendê-la. No entanto, se de repente, alguém inserir no seu discurso uma linguagem não familiar ou engenhosa, temos de redobrar as manobras ou cuidado para compreendê-la na sua totalidade. É aqui que se apresenta a linguagem literária. Daí dizermos que evoluímos como pessoas, quando vivenciamos, a partir de leituras, situações que nos exigem mais sensibilidade.

Nas próximas análises, partimos de textos retirados do site *Nemonox*, também com o intuito de perceber que tipo de estratégia foi usada na interação com o leitor contemporâneo. Leiamos o miniconto (Figura 17):

Figura 17 - Miniconto digital 1 - site Nemonox



Fonte: <http://www.nemonox.com/1000portas/index.php?o=1> Acesso em 20 mar.2023

A partir da leitura do miniconto, retirado do site *Nemonox*, podemos vislumbrar várias possibilidades de trabalhos voltados para a cultura digital na escola, de forma a tratar os ambientes digitais enquanto suporte de veiculação de vários gêneros textuais e que, o fato de o miniconto ser breve, pode facilitar a sua circulação pelos aparelhos celulares, por exemplo.

O nome que leva o projeto, “a casa das mil portas”, leva o aluno a perceber a importância dos efeitos de sentidos decorrentes da escolha de cada palavra usada em determinados contextos. Esses diálogos a partir de figuras de linguagem contribuem para ensejar o imaginário do aluno, pois houve uma seleção apurada de palavras, fato que, provavelmente, pode levá-lo a confirmar que as escolhas pelo uso das palavras *casa* e *portas* não foram feitas ao acaso, já que existem intencionalidades envolvidas.

Outro aspecto que merece destaque no site diz respeito ao fato de o aluno ter de clicar na expressão “abra uma porta” para ter acesso a outro miniconto.

Portanto, porta e texto estão no mesmo campo semântico: a cada clique, o aluno pode ter acesso a um portal de conhecimentos, ao se deparar com outra narrativa. Assim, é importante destacar que aqui não é o leitor quem se move, fisicamente revirando páginas, para ir ao encontro do texto, mas é o próprio texto que vai ao encontro do leitor, seguindo seus desejos, uma vez que estamos em ambientes digitais, espaços que dão liberdade de escolhas ao leitor. Além disso, nesses ambientes, o texto é “como uma estrutura que não está acabada”, conforme Silva (2008, p.77). Assim, a narrativa vai se formando à medida em que o leitor ativo aciona elementos comunicativos para interagir com o texto.

Quanto ao miniconto, evidenciamos a presença de uma unidade narrativa, ou seja, embora o miniconto seja breve, a história está completa. Há uso de implícitos/elipses, entretanto, podemos identificar um personagem que provavelmente seja um sacerdote ou religioso, que, após passar um período servindo a Deus, encontrou a mulher amada, vindo a abandonar o sacerdócio.

Sobre tais estratégias de escrita, para Joly (1996, p.107), a escolha recorrente por essa figura de linguagem “tem força maior porque joga com o não-dito, com o subentendido. Sua ação é mais sutil: em vez de desenvolver um argumento por sua afirmação explícita, desenvolve-a indiretamente, jogando com o saber do leitor ou do espectador”. Não é à toa que há recorrência de uso da elipse nessas narrativas, pois provavelmente o efeito a ser desejado seja o de enaltecer os sentimentos de cumplicidade que entre autor e leitor. Há aspectos materiais no texto, que também podem ser explorados, a exemplo, a relação entre o templo com o corpo da mulher amada, os traços em comum e o propósito do seu uso.

O recurso da metáfora utilizado aqui pode provocar reflexões e reações no aluno/leitor, aguçando-lhe o desejo de abrir cada porta (como orienta o site), fazer escolhas de leitura e, neste caso, se deparar com um miniconto, depois com outro, e mais outro e assim, respectivamente, à medida em que ele vai clicando para ver o próximo. Esse diálogo que deve ser incorporado junto aos textos, na atualidade deve “possibilitar o contato com as manifestações artísticas em geral, e, de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações” (BRASIL, 2018, p.138). Dessa forma, o tratamento dado ao texto literário no contexto digital possibilita também ao aluno ter contato com manifestações artísticas contemporâneas.

Vejamos agora, na Figura 18, outro miniconto que faz parte do mesmo

projeto:

Figura 18 - Miniconto digital 2 - site Nemonox



Fonte: <http://www.nemonox.com/1000portas/index.php?o=1> Acesso em 20 mar.2023

O miniconto acima, dentre os analisados, é o que possui maior economia de palavras. No entanto, sua temática, materialidade e discurso alegórico, que podem provocar no aluno enquanto leitor inserido na sociedade contemporânea, contém potencialidades que podem ser acessíveis ao aluno, se intermediado pelo professor. Esses minicontos vão ao encontro dos contextos que os alunos vivenciam na atualidade, pois são textos bem curtos, menos densos, porém dá margens à ampliação de compreensões de leitura, pois carregam profundidades no que diz respeito aos seus sentidos.

As novas habilidades solicitadas ao leitor, nosso aluno do ensino fundamental maior, nessa perspectiva da contemporaneidade, diverge do leitor de telas de televisões, que passivamente, recebe o conhecimento sem, no entanto, alcançar essas interações. Nos dias atuais, observamos essas novas estratégias nas formas de recepcionar o conhecimento. Por meio das telas digitais, é possível construir significados, estabelecer ligações e associações durante a leitura, uma vez que a interatividade se acentuou nos textos digitais, configurando-se como uma característica dessa inovação: a interatividade. Assim, o leitor/receptor é chamado para o diálogo com o texto, de forma a interagir com a leitura, como já dito, recriando

uma nova estória, sendo que o autor real é conivente com esse novo modo de conduzi-la.

A presença dos verbos correu, chegou e morreu, resumem a narratividade presente, ao mesmo tempo em que dão vida ao texto. Eles se referem a um único personagem que há no texto. No entanto, não sabemos se é homem ou mulher. Essa concisão pode levar leitores a interpretações diferentes sobre os sentidos dessas ações de correr: não se sabe se é no sentido de trabalhar muito por algum motivo específico ou por pura ganância; ou se o personagem teve muitas atribuições a ponto de não observar sua saúde, se antes de morrer adoecera ou se teve morte imediata. Não se sabe onde exatamente ele chegou ou se foi bem-sucedido antes da morte. Assim como o miniconto anterior, não há descrições.

O espaço das ações também não é visível nas linhas, contudo, o texto apresenta qualidades que o tornam narrativo, uma vez que o narrador em 3ª pessoa, omitiu alguns acontecimentos anteriores ao verbo “correr”, mas, “deixando na “minúscula ponta de seu iceberg” o conflito entre narrador/narratário que consolida a sequência necessária para se contar uma história, e não apenas um fragmento qualquer de determinada história”, conforme diz Spalding (2009, p.53) sobre uma das qualidades do miniconto.

Constatamos ao final das análises do blog e dos dois sites, que o miniconto digital possui elementos que podem favorecer a receptividade da leitura de alunos inseridos no contexto do ensino fundamental da educação básica, especialmente, os de 8º e 9º anos, uma vez que essas plataformas os levam a participarem delas, mantendo relações de vínculo tanto com quem os alimenta (o criador do blog e site) quanto com os usuários que fazem parte das suas comunidades (seguidores).

Outro fator que pode contribuir para a efetivação dessa proximidade do aluno frente à leitura digital é o fato de ela favorecer o seu protagonismo, e por consequência, conseguir maior engajamento e interatividade por parte deles. O formato digital lhes proporciona “estar sempre em construção de compreensão do texto”, levando-os a fazerem associações mentais e cognitivas de forma a ativar estratégias para alcançar a leitura.

Dessa forma, o aluno torna-se o centro da leitura, razão pela qual, o texto existe. Ademais, o professor de língua portuguesa também faz parte desse processo de propagação do uso de plataformas digitais em sala de aula, ao promover não somente a sua inclusão, mas também, no que diz respeito ao miniconto digital, a sua

adesão, ao orientar alunos no desenvolvimento de habilidades leitoras, de refletir criticamente frente ao miniconto digital, de levá-los, estrategicamente, a preencher os vácuos interpretativos, perceber a originalidade quanto à sua temática, linguagem e elementos narrativos, seguir as pistas, links e outros recursos que o texto apresenta para além da escrita e, por fim, elevá-los a serem coautores dessas narrativas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de suma importância enfatizarmos que a perspectiva de educação que buscamos hoje, parte do entendimento de que o aluno deve ter contato com as habilidades comunicativas que a sociedade atual demanda, como forma de estarem preparados para contextos formativos que os levem a interpretar a realidade como sujeitos reflexivos, mas com foco nas suas transformações enquanto cidadãos e na solidariedade que devem ter para com o próximo. Nesse contexto, o aluno deve ter contato com uma aprendizagem que inclua o conhecimento dialógico com outras realidades, de forma que eles aprendam com essas trocas de experiências.

Isso implica dizer que a nossa preocupação em formar cidadãos críticos não tem como propósito final alcançar resultados quantitativos em avaliações nacionais a que são submetidos os nossos alunos, ao final da Educação Básica, mas tão somente elevá-los à condição de sujeitos que refletem sobre o mundo a sua volta, que se sensibilizem em situações diversas em que são chamados a terem uma atitude proativa em favor do próximo e que, paralelamente, estejam preparados para as diversas situações que envolvam a cultura digital, afinal, é também a presença deles que justifica essa evolução tecnológica que tem acontecido nos últimos anos. Uma das finalidades da educação hoje é de dar voz a esses alunos oriundos da sociedade tecnológica, no sentido de levá-los a experimentar uma aprendizagem mais significativa.

O constante diálogo entre essa aprendizagem, realidade e experiências em prol de uma educação mais afetiva e humanizada está presente na BNCC, que em 2017, consolidou novas formas de ensinar. Dessa forma, as escolas tiveram que articular-se seguindo esse modelo de currículo de forma a levar o aluno a participar e vivenciar a prática como estratégia para torná-los cidadãos ativos, capazes de propor situações, mas também resolver problemas, tornando-se protagonistas do processo de ensino e aprendizagem.

Essa nova forma de ver o ensino trouxe mudanças no cenário da literatura também, constituindo-se como um avanço. Agora, ela voltou a estar mais presente e “viva” nos espaços escolares, uma vez que a esse currículo acrescentou-se também o ensino de literatura no ensino fundamental da educação básica, que antes, somente fazia menção a esses gêneros do campo literário e ainda de forma desarticulada e autônoma. Ficava à cargo do professor proporcionar ou não o contato do aluno com

a literatura (fosse para deleite, prazer ou fruição).

Na contemporaneidade, a difusão de obras e suas diferentes formas de manipulação do texto impresso e digital, aliada à BNCC, também demandaram adaptações do livro didático, principal recurso que auxilia o professor no processo de ensino e aprendizagem de seus alunos. Ele deve, portanto, estar alinhado às mudanças ocorridas no cenário da educação, no espaço escolar, no componente curricular Língua Portuguesa, entretanto, em nossa apreciação de obras, não percebemos mudanças significativas quanto à metodologia usada pelos autores dos exemplares para mediar o conhecimento do aluno, literatura e cultura digital.

No passeio pelas coleções apreciadas no presente trabalho, verificamos algumas sinalizações de mudanças quanto ao tratamento de novos gêneros e expressões pertencentes à cultura digital contemporânea (presença de miniconto e miniconto digital por exemplo), entretanto, ainda deve haver mais clareza quanto aos direcionamentos que devem ser dados ao professor, de forma que ele possa oferecer ao aluno motivações que o levem a conhecer, reconhecer e valorizar as manifestações literárias. Não basta a presença de textos de fruição por si só. É necessário que haja espaços físicos dentro da escola, para além da sala de aula, nos quais o aluno possa dialogar com seus pares, confrontar ou confirmar suas hipóteses, emitir juízo, conhecer novas configurações de textos, compará-los com os impressos, produzir textos diversos utilizando tecnologia digital, fazer pesquisas com uso da internet em dispositivos móveis, computadores ou notebooks.

O gênero miniconto digital utiliza-se de recursos contemporâneos de linguagem e de comunicação para a compreensão das mensagens em toda a sua totalidade, ainda que o suporte desse gênero não seja tradicionalmente físico (livros, jornais, revistas) e que a mensagem não seja somente a escrita, mas formada com utilização de imagens e outros recursos tecnológicos.

Dessa forma, as atividades que envolvem hipertextos, especialmente o miniconto digital, levando em conta a apreciação de coleções do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, carecem de enfoques mais sistematizados e não somente isso: é necessário direcionamentos mais consistentes no livro didático, para auxiliar o trabalho do professor. Também percebemos poucas orientações para a leitura de textos no livro didático que levem alunos a experimentar a literatura como um “tipo especial de linguagem”, que usa diferentes recursos e suportes. Infelizmente ainda nos deparamos com atividades que têm, na sua essência, a aprendizagem gramatical

com o texto literário como pretexto.

Para o estudo da literatura e para a análise dos textos literários, a exploração de sites e blogs, mostraram-se importantes plataformas que ensejam a motivação da leitura e, por consequência, sua receptividade, por alunos inseridos na cultura digital da atualidade. Com base nas nossas análises sobre a receptividade dos minicontos digitais nesses espaços, confirmamos o quão enriquecedor pode ser o trabalho com a leitura desse gênero, assim como vislumbramos suas potencialidades para alunos de 8º e 9º anos do ensino fundamental da educação básica, de forma a despertar neles habilidades comunicativas que vão ao encontro de novos modos de leitura, como também de alunos que a cada dia se apropriam, de forma mais efetiva, dos recursos tecnológicos.

Logo, nós professores também devemos vislumbrar estratégias de leitura e de produção que dialoguem com as novas vivências socioculturais dos alunos. Na educação que ora vivenciamos e a tecnologia deve apresentar-se como uma nova aliada desse processo. As escolas devem, portanto, se adaptar e se reinventar para inserir nas suas práticas educativas o contato dos alunos com a cultura digital, trazendo novas propostas metodológicas que garantam uma participação mais prática e ativa do aluno, uma vez que ele não pode ser mais um sujeito passivo no processo de aprendizagem.

8 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO METODOLÓGICA

Link de acesso: [GUIA ORIENTATIVO HELENA DE SOUSA COSTA.pdf](#)

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Carlos Fernando. **Educação e tecnologias digitais**: conceitos, práticas e reflexões. Cláudio Fernando André, Lúcia Santaella, Adriana Barroso, Alejandro Piedrahite, Ana Maria Di Grado, Franco Simini, Juan Dabid, Keiti Mnari, Mata Bez, Nestor Duque (orgs). 1 ed. São Paulo: Amazon.com, 2020.

BALTHASAR, Marisa. **Singular & plural**: leitura, produção e estudos de linguagem: manual do professor/Marisa Balthasar, Shirley Goulart. - 3 ed. - São Paulo: Moderna, 2018. Obra em 4v. de 6º ao 9º ano.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular - BNCC**. Brasília, DF, 2018.

BRASIL. **Resolução nº 510**, de 07 de abril de 2016.

BRASIL. **Resolução nº 466**, de 12 de dezembro de 2012.

CÂNDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. Vários escritos. 4 ed. Rio de Janeiro:2004

CARANDÁ, **Revista do Curso de Letras do Câmpus do Pantantal**, UFMS, Corumbá, MS, novembro de 2011, nº4. Rauer Rodrigues Ribeiro. Apontamento sobre o microconto - 248-251.

COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da literatura**. 1ed.- São Paulo: Contexto, 2021.

COSCARELLI, Carla Viana, org. **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar** organizado por Carla Viana Coscarelli. - 2ª ed. - Belo Horizonte: Autêntica,2003.

COSCARELLI, Carla Viana, org. **Textos e hipertextos**: procurando o equilíbrio. Linguagem em (Dis)curso. Palhoça, SC, v.9, n.3, p549 - 564, set./dez.2009.

DELMANTO, Dileta. **Português**: conexão e uso, 9º ano: ensino fundamental, anos finais. Dileta, Delmanto, Laiz B. de Carvalho. - 1. ed.-- São Paulo: Saraiva, 2018

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade/Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes, Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora) 26 ed. Petrópolis, RJ:VOZES, 2007.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: **Gêneros orais e escritos na escola**/tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro - Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. - (Coleção As Faces da Linguística Aplicada).

EAGLESTON, Terry. **Teoria da Literatura**. São Paulo. Martins Fontes. 1983.

ECO, Umberto. **Sobre as funções da literatura**. Discurso no festival de escritores, setembro de 2000.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**. 22ª ed. São Paulo: autores associados Cortez, 1988

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A tela e o livro um diálogo possível? In: MARTINS, Aracy Alves; MACHADO, Maria Zélia Versiani; PAULINO, Graça; BELMIRO, Celia Abicalil.(org.). **Livros & telas**: Editora UFMG, 2011, p 202-217

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IMBÉRNON, Francisco. **A educação do século XXI**: os desafios do futuro imediato; tradu. Ernani Rosa - 2 ed. - Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

ISER, Wolfgang **O ato da leitura** - Vol 1. São Paulo: Ed34, 1996.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**; tradução; Marina Appenzeller - Campinas, SP: Papirus, 1996.

KLEIMAN, Ângela. **Leitura, Ensino e Pesquisa**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

LAJOLO, Marisa. **A formação da leitura no Brasil** [recurso eletrônico] /Marisa Lajolo, Regina Zilberman. - 2.ed. - São Paulo: Editora Unesp Digital, 2019.

LAJOLO, Marisa. **Literatura ontem, hoje, amanhã**. São Paulo: editora Unesp digital, 2018.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**; tradução Carlos Irineu da costa. - São Paulo: ed. 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias das inteligências**: o futuro do pensamento na era da informática. Tradu. Carlos Irineu da Costa. - São Paulo: ed. 34, 2010 (2ª edição)

MARCURSHI, Luiz Antonio. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. Texto da conferência pronunciada na 50ª Reunião do GEL – Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, USP, São Paulo, 23 de maio de 2002

MARCURSHI, Luiz Antonio. **Leitura**: teoria e prática, nº 5, ano 4. Porto Alegre: ABL/Mercado Aberto, junho de 1985. Publicado originalmente nos Anais do I Encontro Interdisciplinar de Leitura. Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 1984.

MARTINS, Aracy Alves.; MACHADO, Maria Zélia Versiani. A literatura e a versatilidade dos leitores. In: MARTINS, Aracy Alves; MACHADO, Maria Zélia Versiani; PAULINO, Graça; BELMIRO, Celia Abicalil.(org.). **Livros & telas**: Editora UFMG, 2011 p. 28-44).

OLIVEIRA, Tânia Amaral. **Tecendo linguagens**: língua portuguesa: 8º ano/Tânia Amaral Oliveira, Lucy Aparecida Melo Araújo. 5 ed. - Barueri [SP], IBEP, 2018.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de Pesquisa em estudos linguísticos** - São Paulo: Parábola, 2019.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTATELLA, Lúcia. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. 1ª ed. Paulus, 2013.

SANTATELLA, Lúcia. **Humanos Hiper-Híbridos**. Linguagens e cultura na segunda era da internet. 1ª ed. Paulus, 2021.

SPALDING, Marcelo. **Os cem menores contos brasileiros do século e a reinvenção do miniconto na literatura brasileira contemporânea**. 2008. 81p. Dissertação de mestrado - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 2008.

SILVA, Ezequiel. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas (SP): Papyrus, 1986.

SILVA, Obdália Santana Ferraz. **Tessituras (hiper) textuais**: leitura e escrita nos cenários digitais/ -Salvador. Quarteto, 2008.

VIGNA, Elvira. Literatura e Internet. In: MARTINS, Aracy Alves; MACHADO, Maria Zélia Versiani; PAULINO, Graça; BELMIRO, Celia Abicalil.(org.). **Livros & telas**: Editora UFMG, 2011 p. 128-133).

WALTY, Ivete. O impresso e o digital: mobilidades culturais políticas. In: MARTINS, Aracy Alves; MACHADO, Maria Zélia Versiani; PAULINO, Graça; BELMIRO, Celia Abicalil (org.). **Livros & telas**: Editora UFMG, 2011 p. 108-123).

Proposta de intervenção

POR HELENA DE SOUSA COSTA



CONVITE

Olá, colegas professores, sou a mestranda **Helena Costa**, do **Programa de Mestrado Profissional em Letras** da UESPI, turma 7. Convido-os para uma roda de conversa sobre o miniconto digital, descobrindo suas potencialidades. O objetivo é subsidiá-los no trabalho com esse gênero, em sala de aula, especialmente, com alunos do **8º e 9º anos do Ensino Fundamental da Educação Básica**.

Espero ajudá-los a refletirem sobre possibilidades de planejar, sistematizar e utilizar recursos midiáticos, avaliar as atividades desenvolvidas para um possível replanejamento, enfim, esperamos contribuir para ampliação do arcabouço que circunda o amplo, misterioso e atrativo universo do miniconto digital. **PREPARADOS?**



Oi, professores, sou a professora **AVACOSTA**. Irei conduzir vocês nesse diálogo, trazendo reflexões e pontuando aspectos que considerar importantes. **PRONTOS PARA EMBARCA NESSA AVENTURA?**



SUMÁRIO

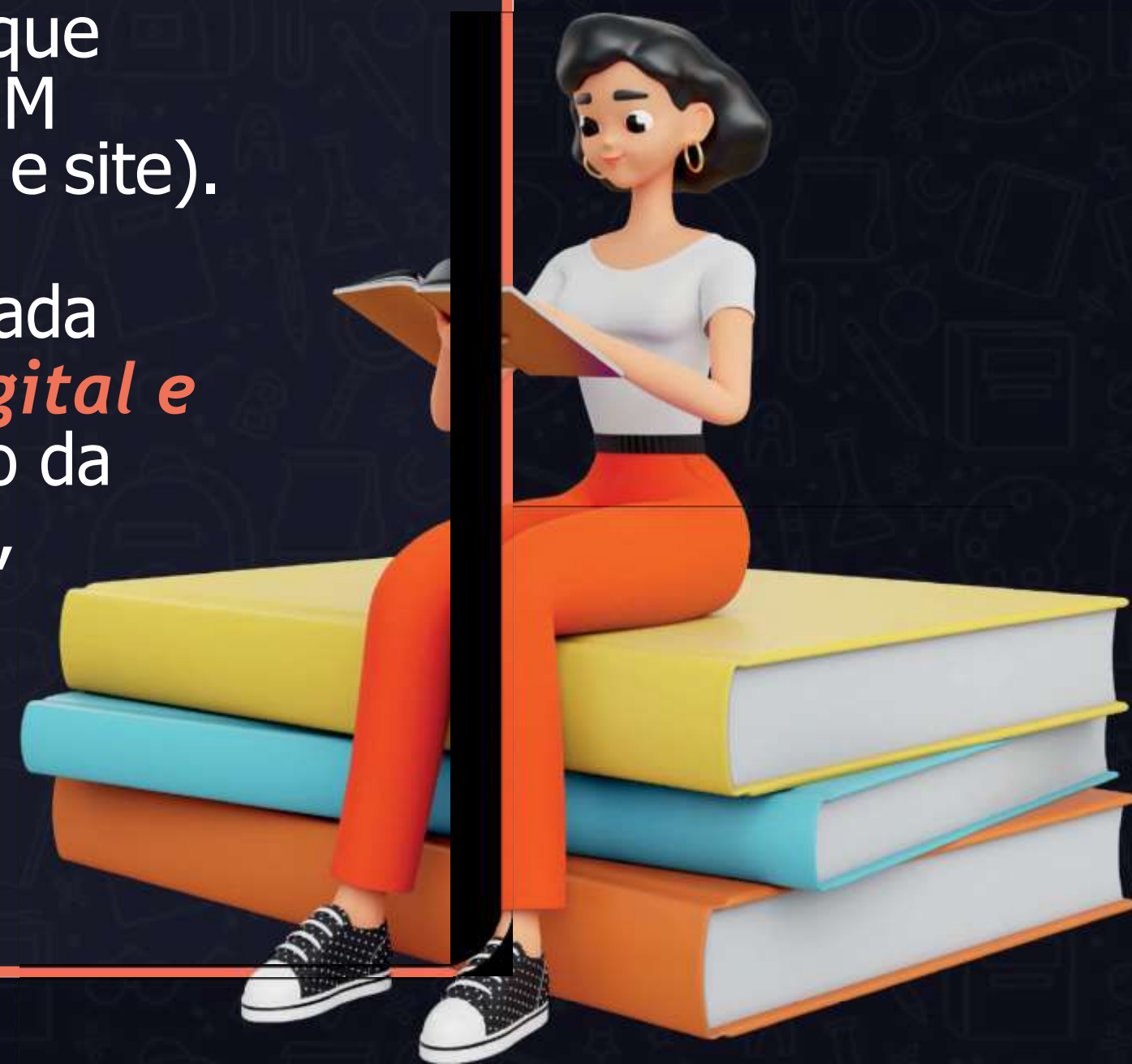
Apresentação.....	5.
Estreitando laços com o professor.....	6
Nossa trilha: O que diz a BNCC sobre as competências para o ensino de Língua Portuguesa.....	8
Um passeio pela proposta de ensino do gênero miniconto digital numa sequência didática.....	9
E agora, como faço? Leituras e produção de minicontos numa Sequência Didática.....	12
Bibliografia.....	40.



APRESENTAÇÃO

Após percebermos tanto a relevância quanto a pouca fortuna da temática que envolve literatura e tecnologia, especificamente, o miniconto digital, buscamos embasamentos em teóricos que tratam desse assunto, na BNCC (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR), no livro didático e nas plataformas digitais (blog e site).

O resultado dessas discussões concretizou-se nesse **GUIA ORIENTATIVO**, nosso produto da dissertação intitulada **“AS NOVAS TECNOLOGIAS NA LITERATURA: miniconto digital e sua relação com a formação leitora do aluno”**. O objetivo da presente proposta é o de trazer para vocês, professores, algumas contribuições acerca do gênero miniconto digital. Esperamos que seja uma ferramenta que possa auxiliar no trabalho com esse gênero nas aulas de Língua Portuguesa.



Estreitando laços com o professor



No nosso cotidiano, vivenciamos formas de linguagem e interação nas diferentes esferas comunicativas, por meio de atividades corriqueiras que realizamos em casa, nas nossas relações afetivas e familiares, no trabalho, ou ao estudarmos, por exemplo. Ou seja, valemo-nos a todo instante de diversos gêneros discursivos, escritos ou orais, impressos ou digitais, sem nem nos darmos conta disso. Eles permeiam a nossa vida diária.

Na atualidade, há um variado repertório desses gêneros que foram transformados/modificados em face das tecnologias digitais. O bate-papo, por exemplo, virou chat; o diário virou blog; a carta vale-se do e-mail eletrônico. Assim como alguns se modificam, outros podem deixar de existir, e outros simplesmente nascerem em função da contemporaneidade. Essas mudanças pelas quais o mundo passa tem relação com a hipermodernidade que influencia também nas formas de participação e interação social entre os jovens, refletindo na educação, na escola e, especificamente, na sala de aula. Logo, o professor deve estar consciente da importância dessas novas práticas, de forma a não permitir que elas passem despercebidos na escola, especialmente no âmbito da nossa prática pedagógica, uma vez que a presença desses novos gêneros traz experiências que proporciona aos alunos o contato com essas novas práticas de linguagem.



Estreitando laços com o professor

Diante dessa reflexão, cabe indagar: como o professor deve contemplar esses novos gêneros na sala de aula, em especial o miniconto digital? Como trabalhar com eles? Neste guia, trouxemos algumas sugestões sobre o trabalho com esse gênero. Ratificamos que aqui apresentamos um diálogo com vocês, professores, sem o intuito de trazer um modelo a ser seguido, uma vez que não há receita pronta no que se refere ao processo de ensino e aprendizagem, até porque cada sala de aula tem sua realidade e especificidades. Aqui buscamos promover um espaço de troca de ideias, trazendo algumas alternativas, tendo a BNCC como respaldo.



Nossa trilha, o que diz a BNCC sobre as competências para o ensino de Língua Portuguesa?



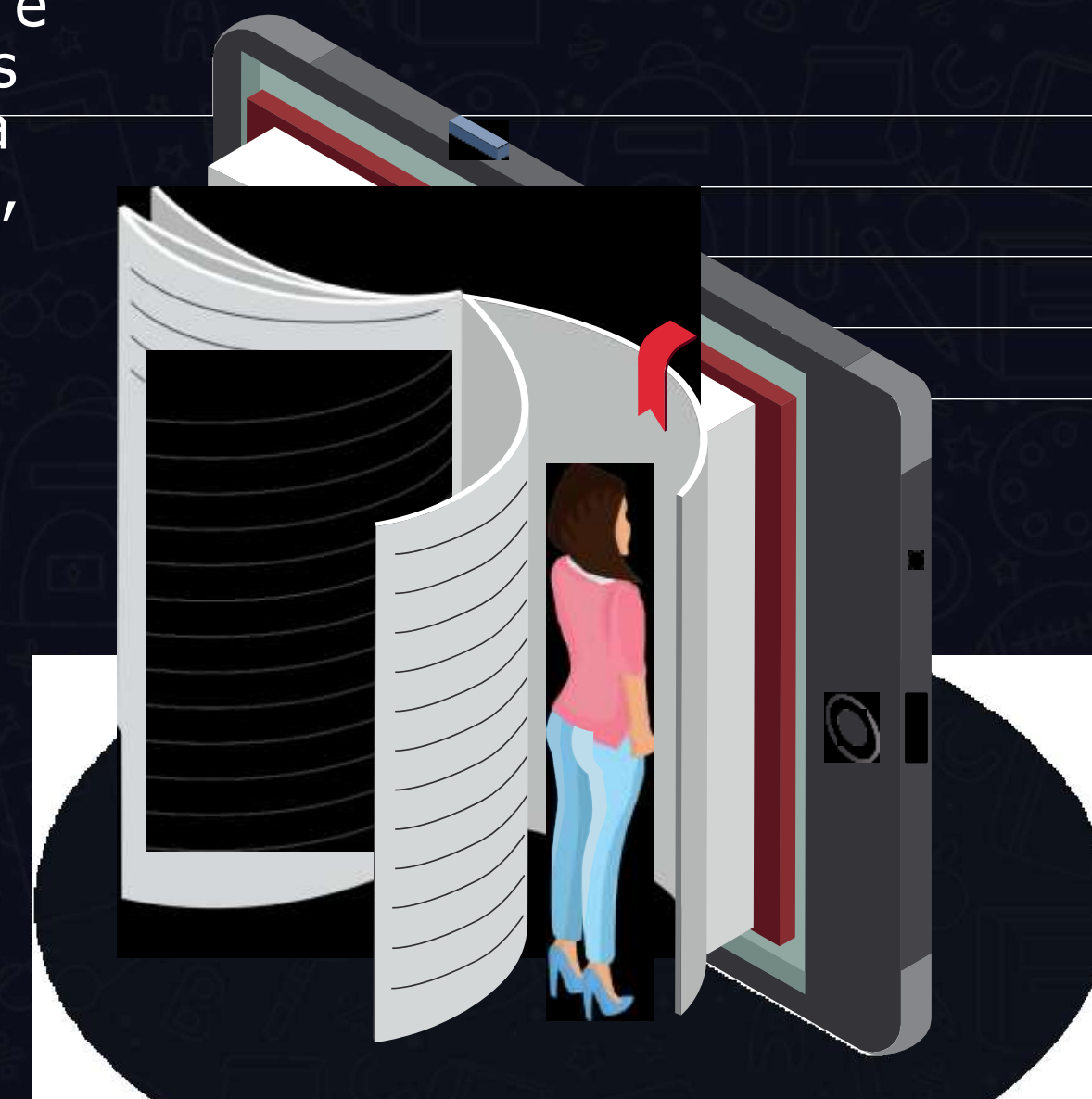
A BNCC, norma que direciona os currículos da educação básica, apresenta uma lista de competências que devem permear todo o processo de ensino e aprendizagem do aluno. As práticas sugeridas nesse documento têm foco na educação integral do aluno em todas as dimensões, como forma de prepará-los para demandas tanto de ordem social, como acadêmica.

As competências que se relacionam com o gênero Miniconto Digital propõem que o aluno tenha contato com a literatura e com as várias linguagens que permeiam o ato comunicativo, como a visual, sonora e digital, além de favorecer o uso das tecnologias digitais de forma crítica e significativa, de forma a produzir conhecimento e expandir ideias.



Um passeio pela proposta de ensino do gênero *miniconto digital* numa sequência didática.

O modelo de proposta didática apresentado neste guia baseia-se em DOLZ, NOVERRAZ E SCHNEUWLY (2004, p.95), que tem como pressuposto a possibilidade de ensinar o aluno a ler, escrever textos e expressar-se oralmente em situações públicas tanto escolares quanto extraescolares. Convergemos com as reflexões dos autores no que diz respeito à importância de professores proporcionarem contextos de produções diretos e sistematizados como forma a motivar o aluno a fortalecer noções técnicas e instrumentais necessárias ao desenvolvimento de suas habilidades de leitura e escrita, para que ele possa alcançar esse aprendizado, contudo, sem engessar as etapas desse processo. Dessa forma, para que haja a concretização delas, o aluno deve ser exposto a situações diversas e precisas de contato com o texto. É a partir daqui que os autores conceituam sequência didática como sendo “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (2004, p. 82). É válido ressaltar que ao fazer uso do texto, enquanto gênero, desvela sua constituição e particularidades, uma vez que cada um deles possuem direcionamentos específicos que o elevam à apropriação destas formas fixas de enunciados.

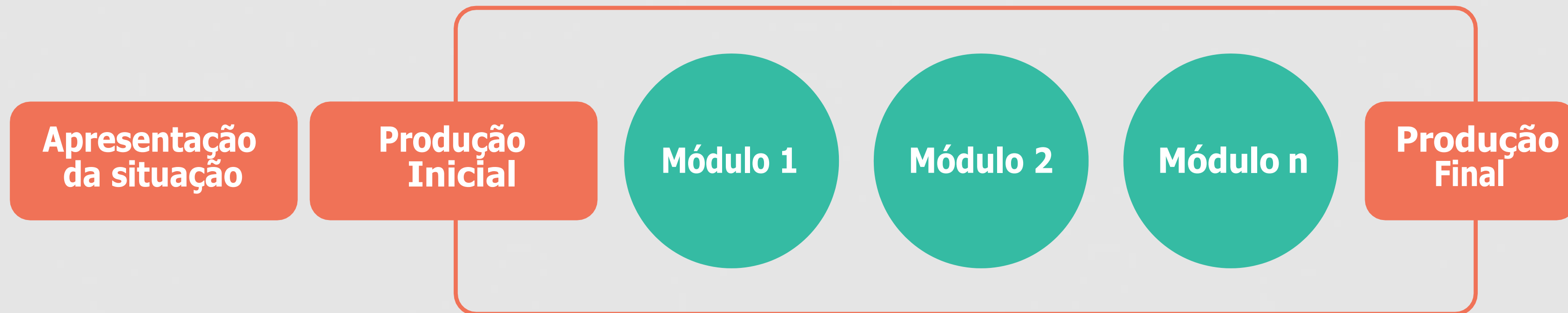


Assim, os gêneros são formas de comunicação que intermedeiam a prática social dos indivíduos com as suas próprias atividades de linguagem. Daí servirem de suportes para as atividades de comunicação no espaço escolar. A sequência didática baseada em Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) vem para auxiliar o aluno a “dominar” com mais propriedade um gênero textual de forma que ele possa escrever e/ou falar com mais desenvoltura em situações diversas de linguagem. Aqui o gênero é visto como produto social vinculado ao aluno, indo ao encontro do que afirma Marcuschi (2002,p.3) **“os gêneros são novas formas de organização social e expressões típicas da vida cultural”**. Assim, é importante penetrarmos os ambientes dessas novas linguagens, ressignificando um ensino mais reflexivo e atrativo para os alunos, uma vez que eles já estão imersos nessas novas práticas.

No caso específico deste guia, tratamos do gênero miniconto digital, inserido no contexto das novas tecnologias digitais de informação e comunicação e das culturas em redes de internet, resultado da hipermodernidade que estamos vivenciando na atualidade, especialmente os nossos alunos. Nesses espaços virtuais deparamo-nos com hipertextos, modos de produções típicos dessas esferas sociais. Optamos por trabalhar com a sequência didática apontada pelos autores supracitados por acreditarmos que ela reflete de forma substancial uma proposta que cria possibilidades de o aluno alcançar habilidades de linguagem que vai ao seu encontro enquanto protagonista do seu conhecimento, por meio de sequências moduladas. Abaixo temos o quadro do esquema, desenvolvido pelos autores, de como acontecem essas etapas:



Esquema de sequência didática



Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 83)

Por meio do esquema acima vimos que primeiro é necessário contextualizar o aluno sobre qual gênero iremos tratar. As etapas seguintes, as modulares, irão consolidar o processo de conhecimento dos alunos, por meio de um conjunto de atividades que lhe serão propostas. Ao final, o aluno terá a oportunidade de colocar em prática o que aprendeu com seus pares, com as atividades propostas e com o professor. Paralelamente é o momento de o professor perceber se o progresso do aluno foi alcançado.

E agora, como faço?

Leitura e produção de **minicontos** numa sequência didática.

Componente curricular: Língua Portuguesa

Conteúdo trabalhado: Gênero Miniconto Digital

Série: 8^o e 9^o Anos do Ensino Fundamental

Objetivos de Aprendizagem

- Ler e conhecer minicontos digitais;
- Identificar características desse gênero;
- Comparar as semelhanças e diferenças do miniconto para o conto;
- Fazer curadoria de minicontos digitais;
- Escuta de minicontos em plataformas digitais;
- Produzir minicontos digitais;
- Compartilhar os sentidos apreendidos dos minicontos digitais lidos.

Campo de atuação, eixo, objetos de conhecimentos e habilidades favorecidas

Campo: Artístico Literário e Práticas de estudo e pesquisa.

Eixos: Leitura, oralidade e produção de textos.

Objetos de conhecimento: Adesão às práticas de leitura; Estratégias de leitura; Escuta; Apreender o sentido geral dos textos; Curadoria da informação; Apreciação e réplica; Relação entre textos; Reconstrução das condições de produção, circulação e recepção; Consideração das condições de produção, estratégias de produção: planejamento, textualização e revisão/edição.

Habilidades da BNCC

(EF89LP32) Analisar os efeitos de sentido decorrentes do uso de mecanismos de intertextualidade (referências, alusões, retomadas) entre os textos literários, entre esses textos literários e outras manifestações artísticas (cinema, teatro, artes visuais e midiáticas, música), quanto aos temas, personagens, estilos, autores etc., e entre o texto original e paródias, paráfrases, pastiches, trailer honesto, vídeos-minuto, vidding, dentre outros.



Habilidades da BNCC

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.

Habilidades da BNCC

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

Habilidades da BNCC

(EF89LP24) Realizar pesquisa, estabelecendo o recorte das questões, usando fontes abertas e confiáveis.

Habilidades da BNCC

(EF89LP35) Criar contos ou crônicas (em especial, líricas), crônicas visuais, minicontos, narrativas de aventura e de ficção científica, dentre outros, com temáticas próprias ao gênero, usando os conhecimentos sobre os constituintes estruturais e recursos expressivos típicos dos gêneros narrativos pretendidos, e, no caso de produção em grupo, ferramentas de escrita colaborativa.

Habilidades da BNCC

(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário.

Habilidades da BNCC

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infantojuvenil, – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de audiobooks de textos literários diversos ou de podcasts de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, liras, haicais etc.), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão.

Duração

10 aulas – consideramos a duração de 60 minutos para cada uma. Pode haver uma flexibilização dessa duração de acordo com cada realidade.

Recursos didáticos

Computador, notebook (ou data show) com acesso à internet, projetor multimídia, slides com informações sobre o gênero miniconto e miniconto digital, aparelho celular (com comunicação prévia aos alunos para que levem para a escola, lápis, caderno e materiais impressos).

Obs.: Fica a critério do professor, conforme a realidade da turma, realizar as oficinas na sala de aula, ou caso tenha na escola, no laboratório de informática. Antes de iniciar a sequência, é importante fazer um grupo de whatsapp com a turma e registrar o e-mail dos alunos. Caso eles não possuam, o professor deve orientá-los a fazê-lo e explicar a importância deles em situações comunicativas da atualidade.

Essa etapa diz respeito a introdução da temática da **Sequência Didática** aos alunos. É importante criar um momento favorável para motivá-los a participarem das próximas atividades sobre o **MINICONTO DIGITAL** com entusiasmo e protagonismo.



Nesse momento, você professor, fará a projeção do blog “minimínimo”, com uso do projetor multimídia na própria sala de aula ou no laboratório de informática, caso haja na escola. Apresentará a imagem abaixo aos alunos, com o intuito de suscitar-lhes a curiosidade para conhecerem o gênero que será estudado. Oriente-os para que observem todos os detalhes da imagem. Aqui é o momento de despertar o aluno para o curioso e fantástico mundo dos minicontos, por isso é um momento de saber as suas impressões sobre as imagens, suas hipóteses, as relações com o mundo subjetivo do aluno. É importante demonstrar atenção e interesse para o que eles falam. Aqui também é solicitado ao aluno que faça o registro das suas respostas no caderno.

Rede de interação: compartilhe com os colegas suas ideias!

Atividade 1

- 1 O que remete a imagem? Sabem qual é a figura principal?
- 2 Ela é do presente ou do passado ou é simultaneamente dos dois tempos?
- 3 Quem já viu uma igual?
- 4 Você sabe o que são caracteres?
- 5 Que relação existe entre a expressão Minimínimo, a imagem apresentada e a expressão caracteres?
- 6 Você acha possível escrever uma narrativa usando apenas 200 caracteres?
- 7 Na atualidade, de que forma você interage com familiares e amigos que estão distantes? Você acha que sempre foi assim?



Fonte: <http://miniminimos.blogspot.com/> acessado em 12 de abril de 2023



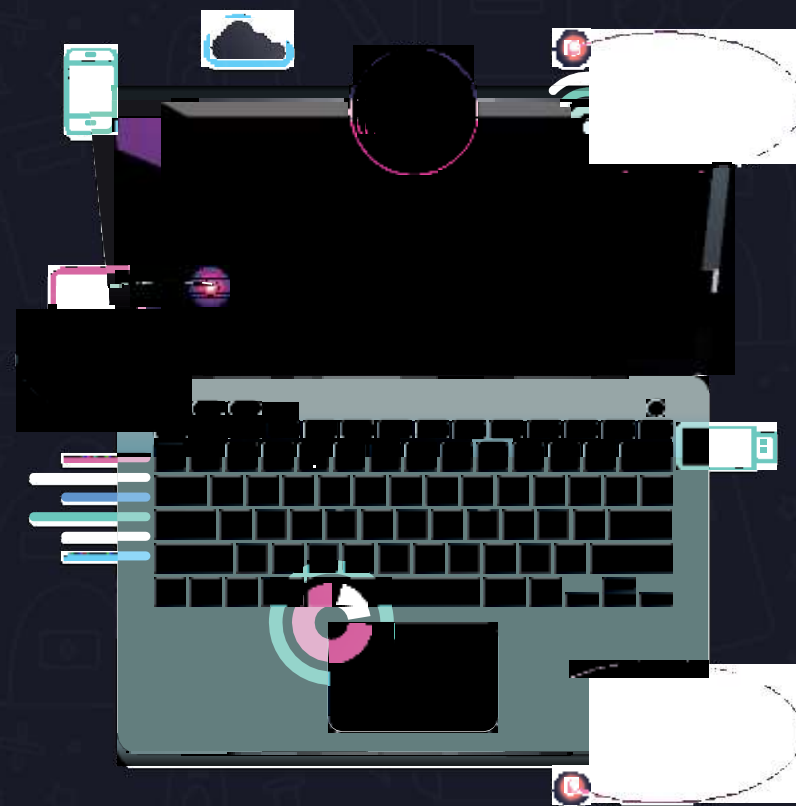
Professor, é interessante que, após proporcionar um momento de discussão oral e escrita com a turma você fale um pouco da importância da linguagem. Ela sempre esteve presente entre nós seres humanos. As pinturas rupestres, na pré-história, já representavam por meio de pinturas, imagens e gravuras nas cavernas uma forma de comunicação por meio da linguagem não verbal. Somente depois surgiu a escrita como tipo de linguagem verbal; na atualidade, temos a linguagem digital usada em plataformas digitais (que utiliza dígitos, caracteres, links, símbolos, dentre outros).

Blog: fique por dentro: Os blogs inicialmente surgiram como uma espécie de diário pessoal on-line. Eles circulam em plataformas digitais, ou seja, tem como suportes, ambientes eletrônicos que servem para conectar pessoas em todo o mundo. Na atualidade, esses suportes servem como um espaço de discussão de ideias, de interação, de divulgação de informações e interesses em comuns.



Conhecendo o gênero Miniconto Digital: conversa inicial com o aluno

Dialogando com o texto da atividade 1 por meio de vídeo interativo.



Professor, esse momento faz parte da produção inicial da sequência didática. O propósito dessa etapa é identificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o miniconto digital. Nessa etapa, eles serão convidados a assistirem a um vídeo que você irá projetar. Oriente-os para que, em duplas, vejam o vídeo intitulado **MINICONTO: O MÁXIMO DO MÍNIMO**. (<https://www.youtube.com/watch?v=7E3IoAs2BuI>). É importante que você ouça com atenção as falas dos alunos e que também acolha as possibilidades diversas de respostas. As hipóteses deles ficarão registradas para posterior consulta e diálogo. Um outro aspecto que não pode deixar de ser explorado são as relações de textualidade entre a imagem 1 e o título do vídeo que os alunos assistirão.

Antes de iniciar a escuta por completo, dê uma pausa na introdução do vídeo e peça aos alunos que leiam seu título, conversem em pares e depois, individualmente, registrem no caderno as respostas para os seguintes questionamentos:

Atividade 2

- 1 Na sua opinião, o vídeo falará sobre o quê?
- 2 Qual a relação desse título do vídeo com o que dialogamos na atividade 1?
- 3 Você já ouviu falar em miniconto? Se não, está curioso para fazer descobertas?



Ao final dessa etapa, o vídeo será exposto aos alunos, posteriormente, o professor ouvirá deles as hipóteses acerca do assunto do vídeo foi ou não confirmada por eles. É importante que busque ouvir as duplas e mostre-se interessado em interagir com eles, acrescentando, quando necessário, informações que agreguem nos seus conhecimentos sobre o assunto do vídeo.

Módulo 1

Esse módulo diz respeito ainda ao vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=7E3IoAs2BuI> Miniconto: o máximo no mínimo. O professor pode retomar a escuta do vídeo com a turma para depois promover com eles uma atividade sobre a compreensão que tiveram sobre o miniconto, assunto tratado no vídeo que assistiram.

Atividade 3

- 1 De acordo com o vídeo, o que é um miniconto?
- 2 Que estratégias são usadas por autores de minicontos para conseguir adesão por parte do leitor?
- 3 O que tem de incomum no conto mais famoso do mundo do escritor Augusto Monterroso : Quando acordou o dinossauro ainda estava lá?
- 4 E você , o que achou desse miniconto? Quem seria, na sua opinião, o protagonista dessa narrativa? E o dinossauro? O advérbio lá (que dá ideia de lugar) nos remete a que?
- 5 Que elementos da narrativa são essenciais num miniconto, de acordo com o vídeo?
- 6 Nesse contexto o prefixo mini diz respeito somente ao tamanho do texto?
- 7 No vídeo aparecem vários exemplos de minicontos. O que você achou dessa forma concisa de escrever textos? Que sensações elas despertaram em você?
- 8 Curioso para conhecer um pouco mais desse gênero textual, querido(a) aluno(a)? Então vamos nessa!



Módulo 2

Atividade 4

Abaixo são apresentadas 2 definições sobre o miniconto. O primeiro é visto sob a perspectiva de Marcelo Spalding, a outra, da escritora Marina Colasanti. Vejamos:

Conceito 1

Miniconto é um tipo de conto muito pequeno, digamos que com no máximo uma página, ou um parágrafo. Alguns dizem que ele é o primo mais novo do poema em prosa, outros apontam as fábulas chinesas como origem, de certo é que desde meados do século XX o conto tem experimentado – com sucesso – formas extremamente breves a partir de textos de gente como Cortázar, Borges, Kafka, Arreola, Monterroso e Trevisan.

http://www.literaturadigital.com.br/miniconto_coloridos/miniconto.html acesso em 14/04/23

Conceito 2

Achar que o miniconto é apenas um conto encolhido, isso é um equívoco fatal. Aí você tem um produto de terceira classe. O miniconto funciona justamente quando dá o pulo do gato! Você vem vindo distraído e de repente ele te pega e... TCHUM! Vira de cabeça pra baixo a situação. Te põe em desconforto, descompõe, desfaz a organização na qual você vinha vindo. E essa desorganização ou te propõe uma nova forma de organização, ou justifica o princípio — quando você chega no final e dá aquele salto, você entende porque aquilo estava lá no começo. O que é fascinante no miniconto.

https://www.tudosaladeaula.com/2020/10/atividade-simulado-de-portugues-genero_16.html acesso em: 04/05/23



Após ler os 2 conceitos sobre o miniconto, **responda:**

- 1** Segundo Marcelo Spalding, o que é miniconto? Ele se assemelha a quais outras narrativas? Qual o motivo?
- 2** Quais escritores se destacaram com a escrita de minicontos?
- 3** Você concorda com a autora Marina Colasanti com o fato de ser um erro equiparar o miniconto ao conto encolhido? Por quê?
- 4** Qual é o diferencial dessas narrativas?
- 5** De acordo com a autora do texto 2, o que é fascinante no miniconto? Você concorda com ela?
- 6** Você já ouviu a expressão “pulo do gato”? Se sim, tem o mesmo significado daquele usado por Marina Colasanti no trecho da entrevista lida? O que você entendeu sobre o uso dessa expressão tendo como contexto, o conceito de Marina Colasanti?
- 7** Interessado em conhecer um pouco mais desse mais desse gênero tão instigante? Então continuemos!





Professor, aproveite essa atividade para falar da importância da concisão nos minicontos, que leva a exigência quanto à sua forma. Nada deve sobrar, mas também nada deve faltar. Isso é o que chamamos de “pulo do gato” dessas narrativas. Após os conceitos iniciais sobre o miniconto, apresente, por meio de slides no projetor multimídia, os elementos que devem estar presentes no miniconto, de acordo com Marcelo Spalding. Apresente o site literaturadigital.com.br/minicontoscoloridos/miniconto.html aos alunos, motivando-os para que, em casa, se apropriem de forma mais substancial do miniconto, clicando e pesquisando nesse e em outros sites e blogs.

Como sugestões, temos:

[http://minicontos.blogspot.com/;](http://minicontos.blogspot.com/)

<https://spleituras.org.br/noticia/de-kafka-a-hemingway-30-microcontos;>

[https://www.revistabula.com/24743-25-microcontos-que-vaio-inspira-lo-a-escrever-o-vigesimo-sexto/;](https://www.revistabula.com/24743-25-microcontos-que-vaio-inspira-lo-a-escrever-o-vigesimo-sexto/)

[http://www.minicontos.com.br/;](http://www.minicontos.com.br/) <http://anamelloescritora.com.br/?nid=4489;>

<https://canaldoensino.com.br/blog/o-que-sao-microcontos-e-7-exemplos-para-se-apaixonar-pelo-formato>

Elementos importantes no miniconto

Concisão:	Perpassa a brevidade. A história a ser contada precisa caber exatamente num pequeno espaço; não mais, não menos, somente o essencial. (site: literaturadigital.com.br/minicontoscoloridos/miniconto.html) acesso em 26 de abril de 2023).
Narratividade:	Narrar algo, sem ser descritivo.
Efeito:	Propósito de provocar algo no leitor: medo, compaixão, suspense. Se for uma simples descrição de algo, não chega a ocorrer no leitor este efeito.
Abertura:	O efeito citado acima deve prender o leitor para preencher as lacunas dos não ditos, logo no início.
Exatidão:	É imprescindível a clareza e a seleção criteriosa de palavras, para que fique somente o essencial.

Módulo 3

Atividade 5 - Apresentando minicontos aos alunos

Apresente os minicontos abaixo para a turma usando o projetor multimídia ou em folhas impressas.

Miniconto 1

Uma vida inteira pela frente.
O tiro veio por trás.

Cíntia Moscovich

<https://descobrindominicontos.blogspot.com/>

Miniconto 2

Ele era tão cheio de minúcias
que nem os menos chegados
lhe perguntavam mais como
estava.

<http://www.seabra.com/cgi-seabra/contos/randtxt.pl/contos.html>



1 Os minicontos apresentam uma narração em um espaço propositalmente reduzido. Seus desfechos são abertos e as palavras foram criteriosamente escolhidas, de forma a levar o leitor a preencher os não ditos.. Sobre o miniconto 1 responda:

O personagem é desconhecido. Levando em consideração as informações do texto, podemos levantar algumas hipóteses sobre ele, então responda:

- I.** Quem seria?
- II.** Qual a sua faixa de idade?
- III.** O que podemos interpretar com a expressão " a vida inteira pela frente"? Que verbo foi omitido nesse trecho?
- IV.** O que o narrador quis dizer com a expressão " o tiro veio por trás"?
- V.** Quem pode ter atirado no personagem?
- VI.** Você acha que esse miniconto apresenta todos os elementos característicos desse gênero?
- VII.** Que título você daria a ele?

Sobre o miniconto 2, responda:

- I.** Aqui aparece claramente um personagem. Quem é ele?
- II.** O que podemos concluir sobre suas "qualidades"? Que sentido podemos atribuir a palavra minúcias?
- III.** Que efeito de sentido foi criado com as palavras "cheio" e "menos"?
- IV.** Quem seriam esses "menos chegados", na sua opinião?
- V.** Não foi dito que os "mais chegados" não lhe davam atenção, mas podemos chegar a essa conclusão? Por quê?
- VI.** Você reparou que esse miniconto também não tem título? Qual você daria a ele?

Comparando os dois minicontos, responda:

Quanto à presença de personagem na narrativa, é uma exigência desse gênero? O que auxilia o leitor acerca das informações implícitas no miniconto?





A essas alturas, caro professor, o aluno já deve ter percebido que no miniconto há uma condensação dos elementos de uma narrativa convencional (como no conto) fato que o faz ser tão atrativo e proporcionar uma leitura ao mesmo tempo literária, fluída e dinâmica.

Módulo 4 - Iniciando a produção de minicontos

Nesse módulo, o aluno terá que ser desafiado a fazer o caminho inverso. Primeiro, foi-lhes apresentado o gênero miniconto digital. Agora ele terá que produzir contos a partir de minicontos. O objetivo aqui é consolidar os conhecimentos deles sobre o que aprenderam do miniconto, diferenciando-o do gênero conto.

Atividade 6

- 1 O professor irá apresentar aos alunos o link do blog <https://minicontosanamello.blogspot.com/search?q=no+cemit%C3%A9rio> da escritora Ana Mello (pode ser pelo projetor multimídia ou grupo de whatsapp criado para esta oficina).



- 2 Solicitar aos alunos que façam a leitura silenciosa do texto. Analise aspectos verbais e não verbais. Depois proponha que mexam e re- façam a história, individualmente, por meio do aparelho celular, acrescentando todos os elementos do gênero conto: personagens, enredo, espaço, tempo e narrador. Antes de iniciar a produção, discuta com eles a temática do miniconto, como era a relação dos personagens antes da morte de um deles? Quem estaria no cemitério velando o corpo do homem? Quais encaminhamentos podem ser acrescentados ao enredo, no desenvolvimento da história e no seu desfecho e, por fim, que efeito quer provocar no leitor? Raiva? Compaixão? Tristeza?

- 3 Após a produção, solicitar que todos enviem seu texto para o grupo de whatsapp, depois pode ser ouvido a reescrita de alguns deles. Promover um clima agradável para que eles se sintam à vontade para socializar suas histórias com os colegas.

Módulo 5 - Produção escrita e oral de minicontos digitais

Essa atividade propõe a escuta, leitura e produção de minicontos. Previamente, ao aluno será solicitado que traga o celular para a escola, com o objetivo de realizar essa etapa da sequência Didática. Na sala de aula, o professor, enviará para o grupo de whatsapp da turma o link para os alunos terem acesso: <http://seabra.com/audiocontos/>



Fonte: <http://seabra.com/audiocontos/> acesso em 24 de abril de 2023



Fonte: <http://seabra.com/audiocontos/> acesso em 24 de abril de 2023

Explicar aos alunos essa etapa da atividade. Eles deverão escutar atentamente os microaudiocontos. Essa atividade pode ser interessante porque tem a possibilidade de envolver de forma mais direcionada, os alunos que tenham deficiência visual. Eles podem ter acesso ao miniconto do escritor Carlos Seabra em forma de áudio. Discutir com eles os minicontos apresentados: a temática, a brevidade, os elementos da narrativa que se fazem presente, a entonação, as relações de sentido de algumas palavras, as situações comuns envolvendo o cotidiano e outros aspectos observados pelo professor e aluno, depois apresente-os alguns pares de palavras-chaves para que eles escolham um e também construam seus minicontos, seguidos de áudio:

AMOR	_____	MORTE
NOITE	_____	INSÔNIA
CASARÃO	_____	ABANDONADA
RUA	_____	TIROS
APLAUSOS	_____	SHOW
GARGALHADA	_____	SISUDO
PRISÃO	_____	LIBERDADE
ANDORINHA	_____	SOZINHA
PANDEMIA	_____	PSICOLÓGICO
LEITURA	_____	BLOG



Produção Final

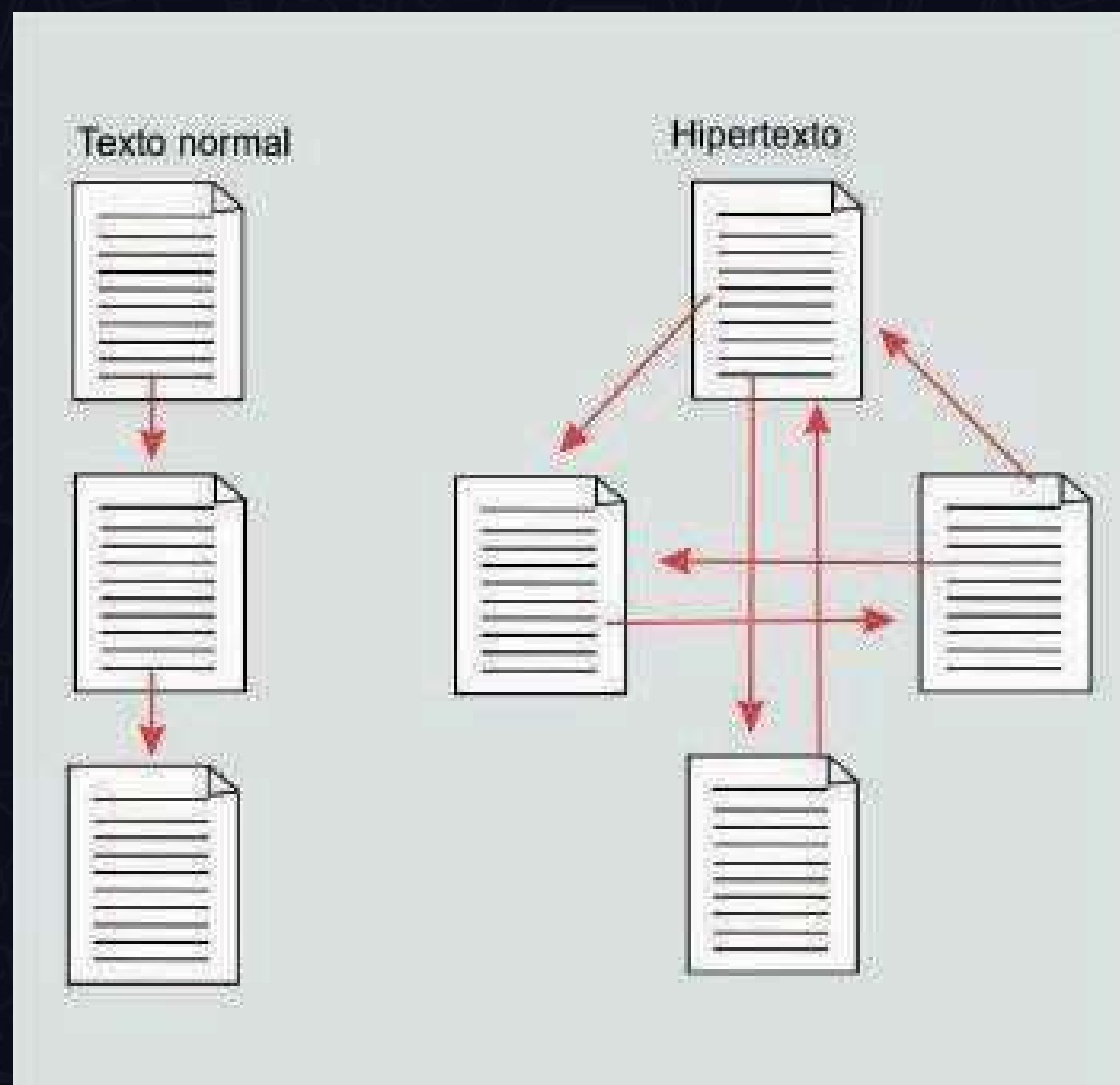
Atividade 8

Esta constitui a última etapa da sequência didática. O acesso à internet e a dispositivos digitais é requisito necessário para a realização dessa atividade. Antes de dar início à produção, escrever no quadro com o pincel, o que é o um HIPERTEXTO.



O hipertexto digital está associado à escrita e leitura no universo das tecnologias de informação. No nosso cotidiano, utilizamos teclados eletrônicos ou virtuais para escrever (digitar), mouse que vão nos conduzindo a páginas da web, links, imagens num simples toque, lemos nas e por meio das telas, somos corrigidos (no processo de escrita) por um corretor eletrônico. O livro, caderno e lápis deixaram de ser protagonista nesse processo de comunicação. Respiramos a cultura digital, portanto. De acordo com Silva (2008, p. 99), "ler na sociedade informática se constitui em atividade eminentemente dinâmica e criativa (...) visto que dá oportunidade ao leitor de criar ligações, decidir caminhos, inserir informações novas."

Abaixo podemos visualizar uma comparação entre um texto normal e um hipertexto.



Após esse momento, abra espaço para que os alunos comentem sobre o que entendem sobre hipertexto, se já tinham visto essa palavra, se sabiam o significado e o que aprenderam agora.

- 1** Solicitar aos alunos que acessem seus e-mails por meio do aparelho celular e vejam, na caixa de entrada, as imagens que foram compartilhadas no drive pelo professor. Peça que observem atentamente cada uma delas. Esse momento requer atenção e orientação criteriosa por parte do professor. Solicite aos alunos que acessem seu e-mail, principalmente, àqueles que não o possuíam antes e tiveram que fazer em virtude dessa SD. Eles podem sentir alguma dificuldade, por isso, fique atento, caro professor. É aqui que você falará dos hipertextos, de como eles rondam a nossa vida cotidiana. Explicar aos alunos que nessa atividade, assim como em algumas outras que realizamos, fizemos uso de hipertextos digitais, pois fizemos uso da internet, entramos em sites, blogues, acessamos links.

Fonte: <https://static.todamateria.com.br/upload/hi/pe/hipertextoetextonormalimagem.jpg> acesso em: 05 de maio de 2023.

2 No e-mail terá algumas imagens com seus respectivos links. A quantidade será de acordo com a quantidade de alunos, pois cada qual escolherá uma para sua produção. Explique-lhes que, a partir delas, eles escreverão seus minicontos. O legal dessa atividade é os alunos ao mesmo tempo em que estiverem produzindo, estarão vendo as produções dos colegas. Abaixo apresentaremos somente 8 imagens, como forma de exemplificar.



Imagem 1
Fonte: <https://mega.ibxk.com.br/2013/11/materias/4498652258163751.jpg?ims=610x>.
Acesso em 05 de maio de 2023



Imagem 2
Fonte: <https://mega.ibxk.com.br/2013/11/materias/4498652258163920.jpg?ims=610x>
Acesso em 05 de maio de 2023



Imagem 3
Fonte: <https://mega.ibxk.com.br/2013/11/materias/449865225816426.jpg?ims=610x>
Acesso em 05 de maio de 2023



Imagem 4
Fonte: https://icchef.bbci.co.uk/news/800/cpsprodpb/B93F/production/122532474_2a32e350-0d34-4e3f-9ea2-49d262b7b652.jpg
Acesso em 05 de maio de 2023

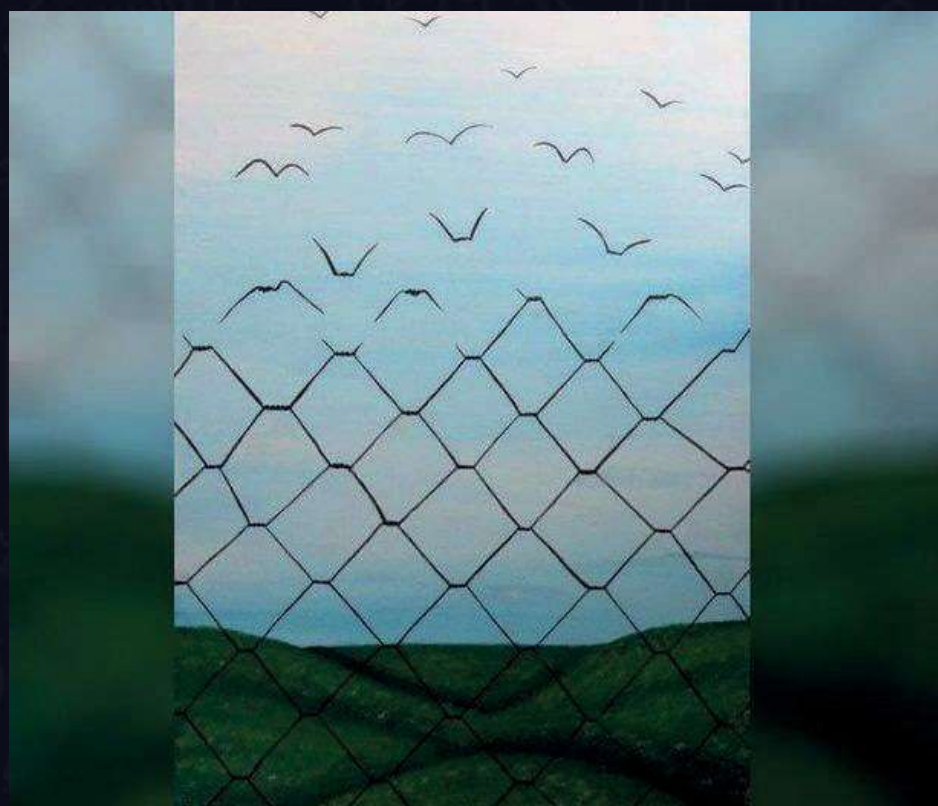


Imagem 5

Fonte: <https://mega.ibxk.com.br/2018/11/29/bruxaria-29185123162268.jpg?ims=610x>
Acesso em 05 de maio de 2023



Imagem 6

Fonte: <http://3.bp.blogspot.com/-m5NRAMb7TDE/TVP47GixDVI/AAAAAAAAAAEw4/wjIsDJeovhs/s1600/200309RP151.JPG> Acesso em 05 de maio de 2023



Imagem 7

Fonte: <https://mega.ibxk.com.br/2018/11/29/de-cabeca-para-baixo-29185450578277.jpg?ims=610x>
Acesso em 05 de maio de 2023



Imagem 8

Fonte: <http://wallup.net/wp-content/uploads/2016/03/10/319576-photography-landscape-nature-water-grass-trees-plants-sunrise-lake.jpg>
Acesso em 05 de maio de 2023.

- 3** Para essa produção, os alunos deverão observar as seguintes orientações:
- Imaginar os acontecimentos que quer narrar, o que vai contar, que impressões quer causar ao leitor;
 - Atentar criteriosamente para a imagem escolhida. O texto escrito deve agregar sentidos, instigar o leitor e provocar relações de sentidos com a imagem;
 - Fazer, inicialmente, uma lista de palavras que tenha relação com a imagem.; (Elas ajudarão a compor o texto a ser produzido; Brincar com essas palavras);
 - Deve ser desenvolvido a partir de um único conflito;
 - Criar um título que chame a atenção do leitor;
 - Usar no máximo 200 caracteres;

4 Após a produção, os alunos deverão reenviar o arquivo para o e-mail do professor. Este terá acesso a todas as produções feitas e destacará pontos relevantes na escrita dos alunos, quais sejam:

- Apresentou concisão textual?
- Houve atenção às características do miniconto que já foram apresentadas durante a SD?
- Sugere uma história que provoque efeitos e/ou sensações no leitor: medo, angústia, humor, solidão...?
- Ortografia e pontuação estão em conformidade com regras de escrita?
- Fez uso de jogo de palavras e da criatividade?
- Conseguiu produzir um miniconto digital que trouxesse o leitor para preencher as possibilidades de leituras, elevando-o a coautor?

5 Feito isso, terá o momento da reescrita dos minicontos. Ao final, eles poderão ser compartilhados numa outra plataforma digital, o Instagram, por exemplo. O professor tem papel importante nesse desfecho da SD, pois criará o perfil do Instagram, apresentando aos alunos algumas regras de diagramação dos textos: fonte, tamanho, designer gráfico, etc. É uma ótima oportunidade de dar visibilidade às produções da turma assim como permitir que outros leitores tenham contato com os minicontos dos alunos.



BOM TRABALHO!!



BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** – BNCC. Brasília, DF, 2018.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: **Gêneros orais e escritos na escola/tradução e organização** Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. – (Coleção As Faces da Linguística Aplicada).

MARCURSHI, Luiz Antonio. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. Texto da conferência pronunciada na 509 Reunião do GEL – Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, USP, São Paulo, 23 de maio de 2002.

SILVA, Obdália Santana Ferraz. **Tessituras (hiper) textuais: leitura e escrita nos cenários digitais/** -Salvador. Quarteto, 2008.

SPALDING, Marcelo. **Os cem menores contos brasileiros do século e a reinvenção do miniconto na literatura brasileira contemporânea**. 2008. 81p. Dissertação de mestrado - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 2008.

